

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia

Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

**Imagens do movimento
comunista na obra literária
*Os Subterrâneos da
Liberdade*, do autor Jorge
Amado.**

**Uberlândia
2010**

Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

**Imagens do movimento
comunista na obra literária
*Os Subterrâneos da
Liberdade*, do autor Jorge
Amado.**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em História.**

Orientador: Prof. Dr. André Voigt.

**Uberlândia
2010**

Jaqueline Peixoto Vieira da Silva

**Imagens do movimento comunista na
obra literária *Os Subterrâneos da
Liberdade*, do autor Jorge Amado.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Instituto de História da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito
parcial à obtenção do título de graduada em
História.

Orientador: Prof. Dr. André Voigt.

Uberlândia, 08 julho de 2010.

Banca Examinadora

Professor Dr. Antônio de Almeida – INHIS/UFU

Professora Dr. Alexandre de Sá Avelar – INHIS/UFU

Agradecimentos

Agradeço ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao Professor Dr. André Voigt pela orientação, atenção e cuidado.

Ao Professor Dr. Eduardo Tollendal, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia com quem comecei essa pesquisa em trabalhos de Iniciação Científica.

À todos os meus amigos historiadores que compartilharam comigo conversas e sorrisos durante a minha graduação em História.

À minha mãe, pela paciência e ajuda material imprescindível ao final desse trabalho.

Ao meu pai (1952 – 2006) pelo apoio, carinho e amor.

MADRUGADA

Do fundo de meu quarto, do fundo
de meu corpo
clandestino
ouço (não vejo) ouço
crescer no osso e no músculo da noite
a noite

a noite ocidental obscenamente acesa
sobre meu país dividido em classes

(Ferreira Gullar)

“Os filósofos se limitaram a interpretar
o mundo de diferentes maneiras; o que
importa é transformá-lo.”

(Karl Marx)

Sumário

Introdução.....	7
------------------------	----------

Primeira Parte:

Breve história sobre o PCB – Partido Comunista do Brasil (1922 – 1945)

I - Fundação do PCB – em meio a acontecimentos nacionais, internacionais e ideologias influentes.....	10
II - A evolução do partido.....	17
III - Luiz Carlos Prestes e o movimento comunista.....	21
IV - O PCB e o Estado Novo (1937 – 1945).....	27

Segunda Parte:

Jorge Amado e a Obra *Os Subterrâneos da Liberdade*

V - Jorge Amado – escritor literato e militante comunista: histórias em torno da obra <i>Os Subterrâneos da Liberdade</i>	36
VI - Enredo, personagens e imagens do movimento comunista na obra <i>Os Subterrâneos da Liberdade</i>	45
* A personagem Mariana: uma militante ideal para o PCB.....	45
* O partido subterrâneo e um inimigo do PCB: o personagem Saquila.....	62
* A imagem do movimento comunista brasileiro diante das riquezas nacionais e no debate sobre a reforma agrária: o personagem Gonçalo.....	75
* A movimentação comunista em Santos: os personagens Negro Doroteu e Negra Inácia.....	86

Terceira Parte:

A paixão revolucionária com o advento da esperança e imagens do proletário e do burguês no movimento comunista: uma interpretação

VII - Considerações.....	98
--------------------------	----

Considerações Finais.....	108
---------------------------	-----

Referências.....	109
------------------	-----

Anexos:

Anexo A: Alice Raillard entrevista Jorge Amado.....	114
Anexo B: Jorge Amado revisita a militância.....	129
Anexo C: Trechos da obra literária <i>Os Subterrâneos da Liberdade</i>	134
Anexo D: Bibliografia literária de Jorge Amado.....	141

Introdução

Esse trabalho visa o estudo do movimento comunista no Brasil, a partir da obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade*, do autor Jorge Amado. Tomei essa obra como fonte histórica para o presente estudo acrescida de leituras bibliográficas com as quais formulei questionamentos.

Os Subterrâneos da Liberdade, foi publicado pela primeira vez em 1954 e apresenta na narrativa uma construção memorial do autor de fatos ocorridos entre os anos de 1930 a 1945, aproximadamente. A narrativa não é fiel a realidade das datas, locais e pessoas mencionadas, pois não era essa a intenção do autor ao escrever a obra. Jorge Amado utilizou literatura, história, ficção e realidade para construir um trabalho artístico de cunho político. Então em minha análise, considerei vários elementos para desenvolver o texto historiográfico. Para mim, todos os acontecimentos ligados ao movimento comunista nacional e internacional, entre os anos de 1922 a 1954 (período que abrange a vivência do autor, o resgate de suas memórias e a publicação dessa obra) eram relevantes.

Esse trabalho se divide em três partes. Primeiramente apresento breve histórico sobre o PCB – Partido Comunista do Brasil. Nessa etapa, utilizei o trabalho do autor Chilcote ¹, sempre atenta em apresentar elementos que encontrei também nesse livro de Amado: sujeitos, lugares, ideologias, pressupostos, acontecimentos, realizações; com o intuito de preparar o leitor para a parte posterior.

E então, na segunda parte apresento o autor Jorge Amado e a obra *Os Subterrâneos da Liberdade*. Jorge Amado foi militante comunista e esse livro retrata imagens do movimento. Aqui, ressalto questões sobre o autor e a obra e prossigo com análises dos personagens Mariana, Saquila, Gonçalo, Negro Doroteu e Negra Inácia que são militantes comunistas inseridos no movimento, com sentimentos e atitudes comportamentais que me interessa questionar. E ainda, são personagens que se movimentam no contexto da história comunista nacional e internacional, juntamente com a exposição dos líderes envolvidos e ideologias difundidas para o favorecimento do alcance dos objetivos políticos que pretendiam transformar a sociedade mundial. A luta de classes é pressuposto fundamental e toda estrutura

¹ CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

de pensamento é formulada para a concretização da *Revolução Comunista*, inclusive, o PCB é exposto nessa obra como instrumento orgânico da *Revolução* e mostrado que esse partido foi ferramenta que atuou além do interesse eleitoral. O Comunismo é apresentado na obra como alternativa para a superação de um estado estrutural explorador e alguns militantes reais acreditaram na transformação profunda da sociedade e se tornaram sujeitos colaboradores nesse projeto de mudança. O próprio escritor Jorge Amado atuou nessa perspectiva para o alcance de uma sociedade mais justa. E a narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade* mostra um olhar sobre a atuação de militantes envolvidos no movimento, suas articulações políticas, desejos e crenças.

Já na terceira parte, apresento a problemática sobre a sedução ideológica que envolveu diversos militantes. A paixão revolucionária juntamente com a esperança de transformação do mundo para um estado de igualdade produziu pessoas que podem ter sido reféns de um autoritarismo violento, durante o período stalinista. Para essa reflexão, estabeleço diálogos e debate com o autor Furet, no texto, *A Paixão Revolucionária*.²

Imagens do inimigo burguês e do herói operário foram construídas e no movimento comunista os militantes eram motivados a agir para derrubar uma estrutura cultural capitalista e permitir que outra ordem mundial se estabelecesse. Entretanto, essa nova ordem mundial proposta tinha um núcleo que se organizava na União Soviética hierarquicamente, transportando a administração dos meios de produção e seus lucros para o Estado autoritário. Assim, o burguês perdia o seu posto e o operário não alcançava a possibilidade plena de acesso à igualdade material da riqueza produzida. Contudo, em meio a essas questões, ainda faço comentário sobre personagens burgueses e suas imagens na obra.

Toda discussão teórica, metodológica e bibliográfica escolhida encontra-se permeada ao longo desse trabalho.

2 FURET, F. "A Paixão Revolucionária". In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 15-46.

Primeira Parte:

**Breve história sobre o PCB –
Partido Comunista do Brasil
(1922 – 1945)**

O PCB – Partido Comunista do Brasil³ foi criado diante de uma série de ideologias construídas e reconstruídas no cenário nacional e internacional. A história do partido é longa e com a participação de sujeitos diversos, sendo que alguns se posicionaram diretamente no partido assumindo condições de liderança e outros atuaram de forma mais discreta, mas geralmente todos cumpriam ordens hierárquicas estabelecidas na estrutura partidária.

Sobre isso e também para contar breve história do partido nos aproveitamos do trabalho de pesquisa do autor Ronaldo H. Chilcote.⁴ Aqui nos interessa mencionar, principalmente, a fase entre a fundação do partido até os anos da década de 1940.

I - Fundação do PCB – em meio a acontecimentos nacionais, internacionais e ideologias influentes.

O PCB foi criado em 1922 em um momento nacional e internacional muito específico. Na década de 1920, as primeiras experiências da industrialização no Brasil vieram seguidas da transformação dos espaços urbanos⁵, que começaram timidamente a receber pessoas que saíam do espaço rural para o urbano com a expectativa da melhoria da qualidade de vida. Buscavam, sobretudo, maior formação educacional e maiores possibilidades com o trabalho comercial. A formação educacional se dava mais facilmente nas cidades, pois em áreas rurais mais distantes não se tinham escolas de formação básica, de modo que muitos brasileiros permaneciam analfabetos. O comércio de mercadorias e serviços crescia nas cidades devido ao engrandecimento e desenvolvimento das mesmas: formavam lojas, armazéns, salões de barbearia e cabeleireiro, entre outros estabelecimentos. Muitas pessoas ainda mantiveram estreita relação entre os dois espaços. Era comum, por exemplo, o gosto pelas comidas típicas do espaço rural – as chamadas comidas caipiras: leite “in natura”, frango que era criado na

3 “Fundado em março de 1922 com o nome de Partido Comunista do Brasil, em agosto de 1961 modifica seu nome para Partido Comunista Brasileiro, sempre com a sigla PCB. Tal mudança realizou-se com o fim de requerer o registro legal do partido perante o Tribunal Superior Eleitoral e contornar o argumento que propiciou a cassação da legenda em 1947: ‘do Brasil’ caracterizaria a representação brasileira de uma entidade estrangeira. Em razão de discordâncias políticas e tomando posição contra essa decisão, um grupo de militantes, em fevereiro de 1962, retomou o antigo nome e usou a sigla PCdoB para diferenciar-se do PCB. Em 1992, como um dos resultados das colossais mudanças operadas na conjuntura mundial a partir do que se convencionou chamar de crise do Leste europeu, o PCB foi sucedido pelo Partido Popular Socialista – PPS.” In.: KAREPOVS, Dainis. **Luta Subterrânea: o PCB em 1937 – 1938**. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003, p. 23.

4 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

5 ALMEIDA, Antônio de. **Experiências políticas no ABC paulista: lutas e práticas culturais de trabalhadores**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

roça e vendido na cidade; alimentos não industrializados presentes na culinária urbana e que ajudavam a relembrar os gostos e atividades rurais –.⁶

À medida que os anos passaram, o êxodo rural no Brasil tornou-se mais acentuado, progredindo o número de pessoas que se deslocavam em direção às cidades e também ao trabalho nas indústrias. Justamente nas indústrias, a movimentação de trabalhadores e da ideologia comunista tomou mais força.

A região do ABC paulista se formou com as primeiras indústrias nessa conjuntura social, além da chegada da mão-de-obra imigrante que compôs o cenário miscigenado entre os trabalhadores.⁷

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO E DO EMPREGO NO SETOR INDUSTRIAL – REGIÃO DO ABC PAULISTA:⁸

Ano	População	Pessoas empregadas no setor industrial
1920	25.215	2.648
1940	89.874	23.190
1950	216.159	46.368
1960	504.416	95.869*
1970	993.569	173.943

Os imigrantes também trouxeram consigo ideias de organização, agitação trabalhista e sindical. No Brasil foi forte a influência do pensamento anarquista e anarco-sindicalista, durante as duas primeiras décadas do século XX. Os primeiros líderes do PCB eram ligados ao movimento anarco-sindicalista.

O pesquisador Chilcote explica:

O anarquismo, definido por Woodcock como “um sistema de pensamento social visando a transformações fundamentais na estrutura da sociedade e... à substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres”, foi inspirado pelos escritos de Pierre Joseph Proudhon e por anarquistas posteriores como Michael Bakunin e Peter Kropotkin, assim como por teóricos anteriores e posteriores tais como William Godwin, Max

6 Vale lembrar o belo poema de Carlos Drummond de Andrade, “*Morte do Leiteiro*”, publicado em 1945, que retrata entre outras questões, esse mutualismo cultural entre campo e cidade.

7 O autor Chilcote explica que: “Depois da abolição da escravidão, a imigração se tornou particularmente significativa e mais de um milhão e cem mil imigrante – em sua maioria italianos, espanhóis e alemães – chegaram ao Brasil na década de 1890.” In.: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 43.

8 Fonte: Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, Diretoria Geral de Estatística, Recenseamentos de 1900 e 1920; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Recenseamentos gerais de 1940, 1950, 1960 e 1970. (* O número em destaque refere-se ao ano de 1959). In.: ALMEIDA, Antônio de. **Experiências políticas no ABC paulista: lutas e práticas culturais de trabalhadores**. Uberlândia, EDUFU, 2008.

Stirner e Leon Tolstói, que elaboraram individualmente sistemas antigovernamentais sem adotar os princípios anarquistas.⁹

O pensamento anarquista chegou ao Brasil como uma proposta política alternativa para a transformação da sociedade e, principalmente, transformação da realidade dos trabalhadores. Pensamentos esses, que eram apresentados e discutidos em reuniões de trabalhadores e em sindicatos. Esse movimento tem início antes mesmo da fundação do PCB e marca o partido com as experiências que trouxe. Além da difusão das idéias anarquistas dentro das indústrias, também algumas publicações circularam no Brasil. Chilcote aponta 30 periódicos anarquistas publicados entre 1894 e 1920:

L' Avenir (São Paulo), saído pela primeira vez em 1894 em português e italiano; *O Despertador* (Rio de Janeiro), saído em 1898 (ed. por J. Sarmiento); *O Protesto* (Rio de Janeiro), periódico anarco-comunista, 1899; *Il Diritto* (Curitiba) e *La Canaglia* (Ribeirão Preto, São Paulo), ambos de 1899 e em italiano; *Avanti* (São Paulo, órgão socialista que até 1909 manteve seu primitivo programa libertário), *L'Azione Anarchica* (São Paulo) e *La Battaglia* (São Paulo), todos em 1900; *1º de Maio* (São Paulo), um número em 1901; *XX Settembre* (São Paulo), também um número em 1901; *Germinal* (São Paulo), 1902-3; *O Amigo do Povo* (São Paulo), ed. Neno Vasco em 1902; *O libertário* (Rio de Janeiro), 1902; *La Nuova Gente* (São Paulo), Bimensário ed. por Luigi Magrassi em 1903; *O Trabalhador* (Rio de Janeiro), quinzenal, 1903; *Kultur* (Rio de Janeiro), 1904; *O Libertário* (Rio de Janeiro), 1904; *Aurora* (São Paulo), mensal, 1904; *A Terra Livre* (São Paulo), ed. Edgard Leuenroth em 1905; *La Battaglia* (São Paulo), 1905; *Folha do Povo* (São Paulo), 1908-9; *A Luta* (Porto Alegre), 1909-10; *La Barricata* (São Paulo), 1911; *A Guerra Social* (São Paulo), 1911; *A Luta* (Porto Alegre), 1911; *La Propaganda Libertaria* (São Paulo), *Germinal* (São Paulo), 1913; *Spartacus* (Rio de Janeiro), semanal, 1919; e *A Plebe* (São Paulo) e *A Vanguarda* (São Paulo), ambos em 1919.¹⁰

Outra ideologia que também influenciou o PCB foi o socialismo. Em especial, os escritos de Marx e Engels, a experiência da Revolução Russa de 1917 e a atuação de Lênin como líder do movimento socialista na Rússia serviram como exemplos que demonstravam para os socialistas a possibilidade de transformação da ordem política e social em um país.¹¹

9 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 49.

10 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 51.

11 Outra questão relacionada à Lênin, líder da Revolução Russa de 1917, que também marca a formação e construção do PCB é apontada por Chilcote:

“Por volta de 1894, com 24 anos de idade, Lênin torna-se marxista. Quatro anos mais tarde formava-se o Partido Operário Social-Democrata Russo, muito embora o marxismo já viesse ganhando adeptos entre a intelectualidade revolucionária há mais de uma década. Em 1902, Lênin defendia a formação de um partido firmemente organizado e disciplinado (ver *Que Fazer?*).

Um ano mais tarde suas posições eram defendidas pela facção majoritária do II Congresso do partido; a facção majoritária passou a ser conhecida dali em diante como bolchevique e a facção minoritária, como menchevique.” In.: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 46.

A proposta de Lênin sobre a formação de um partido firmemente organizado e disciplinado com o objetivo de promover a revolução que pretendiam, permeou o imaginário proposto pelo PCB, que também é fundado e estabelecido para ser um partido da *Revolução Comunista*, com organização e disciplina rigorosa.

Os socialistas pensavam na transformação da Rússia com a derrubada do poder político dos czares e que exemplo parecido poderia ser posto em prática em outros países. Pensavam também, poderem intervir na estrutura de classes sociais de diversos lugares, liquidar com os poderes oligárquicos e corporativos e trazer à tona a ordenação comandada pela classe trabalhadora representada por um líder socialista.

Então, enquanto as ideias anarquistas propunham um Estado político não governamental de cooperação entre indivíduos livres, os socialistas por sua vez, sugeriam um Estado governamental de representação da classe trabalhadora; um Estado interventor na sociedade e na economia.

Mudar a estrutura do Estado Nacional significava uma transformação profunda da sociedade, pois mudaria ou liquidaria poderes políticos e também mudaria relações culturais entre sujeitos. Tudo isso foram ideias ousadas e que exigiam movimentações políticas também ousadas por parte daqueles que tencionavam a atuar nessas realizações. Esses pensamentos permeavam as discussões dentro do partido – o PCB. Então, deslocar todas essas ideologias para a realidade vivenciada no Brasil, exigia algumas reflexões sobre os poderes de Estado estabelecido naquele momento.

O que se tinha no Brasil durante o *Estado Velho* era um modelo político oligárquico, coronelista, autoritário que intercalava frequentemente no poder, representantes dos estados de Minas Gerais e São Paulo que eram regiões ricas na produção de leite e café, respectivamente, dois produtos mercadológicos importantes na movimentação econômica do país em âmbito nacional e também no exterior. Os produtores dessas mercadorias, geralmente, eram fazendeiros com inserção econômica, social e política no Estado Nacional e as ideologias socialistas e anarquistas que chegavam ao Brasil em finais do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, propunham mudar esse Estado estabelecido nacionalmente. Não foram, entretanto, as ideias anarquistas e socialistas que saíram vitoriosas.

O Estado Velho só ficou para trás depois do golpe comandado por Getúlio Vargas e seus aliados em 1930, com a chamada *Revolução de 1930* que pretendia justamente quebrar a atuação da política *Café com Leite*. Então, o gaúcho Getúlio Vargas, tomou o poder político nacional e tornou-se presidente da república, liquidando com alguns poderes oligárquicos do Estado Velho e se posicionando em nova ordem política no Brasil. Essa nova ordem não era o esperado e planejado por anarquistas, socialistas e comunistas que continuaram a refletir e projetar outras perspectivas políticas. O cenário político no país era bastante diverso e com

disputas de poderes constantes e em busca de sua estabilidade política, Vargas governa com posicionamentos autoritários.

Ainda, os anos da década de 1920, também foram marcados por movimentos de revolta e protestos populares que posteriormente foram identificados com lutas para a transformação política no país. Um deles foi o *Movimento Tenentista*¹² que é um movimento desencadeado por oficiais descontentes com problemas internos no círculo do exército e que adquiriu força política e expressividade nacional. No movimento tenentista destacou-se Luiz Carlos Prestes, então, um jovem engenheiro do exército. Ele encabeçou um movimento de luta e protesto assumindo a liderança de uma longa marcha pelo Brasil, onde um grupo de soldados e oficiais divulgavam problemas sofridos no âmbito do exército com as imposições dos poderes hierárquicos, problemas políticos nacionais e protestos contra a miséria vivenciada pela maioria da população brasileira. Essa marcha pelo território brasileiro, que ficou conhecida como *Coluna Prestes* percorreu aproximadamente 23.000 quilômetros, passando pelo estado de Goiás em junho de 1925, em Minas Gerais e Bahia dois meses depois e posteriormente pelos estados do Maranhão e Piauí, onde os revolucionários receberam apoio de políticos de oposição ao governo estabelecido.¹³

Após o movimento tenentista, Prestes se identificou ainda mais com a movimentação política no Brasil e no exterior. Foi uma experiência importante para a vida dele e que mudou os seus rumos de escolhas e posicionamentos políticos. Essa experiência ainda lhe mostrou outros conhecimentos políticos, filosóficos, ideológicos e sociais e mais tarde, em 1931, ele se declarou comunista a partir de suas escolhas e ainda tornou-se um sujeito de destaque na movimentação comunista e no PCB.¹⁴

12 Prioritariamente o *Movimento Tenentista* é marcado por vários levantes realizados por oficiais do exército em luta por causas específicas às questões relacionadas ao ambiente militar, e também, por insatisfações políticas na República Velha. E portanto, não foi um movimento marcado exclusivamente pelas ideologias comunistas.

Os sujeitos que participaram do Movimento Tenentista puderam observar de perto realidades sociais da maioria da população brasileira durante as marchas que realizaram pelo interior do Brasil, tais como: misérias e ausência de qualidade de vida – saúde, educação, cidadania, alteridade.

Mas não é objetivo principal nesse trabalho identificar detalhes desse movimento. Aqui o sujeito que mais interessa é Luiz Carlos Prestes devido a sua atuação posterior no movimento comunista. Por isso identificamo-lo e destacamo-lo desde os anos da década de 1920, que foi a década de formação do PCB, partido que posteriormente foi liderado por ele.

13 Ver também: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

Todos esses fatos políticos e questões ideológicas vão marcando gradativamente os diversos sujeitos que fundaram e compuseram o PCB ao longo da história nacional e internacional.

Finalmente, é preciso falar sobre as ideologias comunistas que marcaram a formação do PCB. Além das ideologias anarquistas e socialistas que influenciaram a formação do partido, as ideologias comunistas sobressaíram em alguns aspectos nos discursos partidários.

O Comunismo, ideologicamente, se pautava na luta de classes. Consistia basicamente na luta dos proletariados contra os burgueses (seguindo uma nomenclatura marxista) ou luta dos trabalhadores que vendem a sua mão-de-obra contra os proprietários dos meios de produção. No modelo comunista, o Estado seria formado para atender aos anseios da maioria da população e os trabalhadores seriam os orientadores administrativos dos meios de produção, cujos resultados materiais seriam distribuídos igualmente entre eles. Os trabalhadores poderiam ter representantes das causas comunistas e o diálogo se estabeleceria democraticamente. Essa luta deveria ser organizada com mecanismos de esclarecimentos e explicações, com formas de agitação e protesto e com o trabalho articulado entre os militantes da causa. Esse conjunto organizacional formaria o Partido Comunista. Um partido orgânico, com relações que superassem a velha ordem eleitoral, de modo que não bastaria uma articulação eleitoreira promovida pelo partido, seria necessário um partido político transformador das realidades sociais a partir da luta de classes.¹⁵

Então, a proposta de fundação de um partido comunista no Brasil veio juntamente com toda a ideologia reforçada pela vitória da classe menos favorecida na estrutura social russa durante a *Revolução Russa de 1917* e influenciada também pela *Terceira Internacional Comunista*, que foi um grande congresso que reuniu sujeitos diversos com o intuito de pensar, dialogar e formular estratégias para pôr em prática as concepções comunistas; esse evento ocorreu em março de 1919.

As informações do cenário comunista internacional chegavam também ao Brasil e alguns grupos comunistas se formaram antes mesmo da fundação do PCB:

Houve muitas tentativas anteriores para a criação de um partido comunista no Brasil. Entre elas a Liga Comunista de Livramento no Rio Grande do Sul, em 1918; sob a liderança de Santos Soares, a Liga funcionou até 1922, apesar da perseguição policial. Em Porto Alegre, o Centro ou União Maximalista começou a atuar em 1919 e em 1921 teve seu nome mudado para Grupo Comunista de Porto Alegre. Em 9 de março de 1919 foi formado um Partido Comunista do Brasil, de inspiração anarquista, no Rio de Janeiro; em junho este partido convocou a 1ª Conferência Comunista do Brasil. Em 27 de maio, a Liga Comunista Feminina,

15 Ver: SAID, Ana Maria. **Uma estratégia para o Ocidente**: o conceito de democracia em Gramsci e o PCB. Uberlândia: EDUFU, 2009.

liderada por Maria de Lourdes Nogueira (também no Rio) declarou seu apoio ao PCB. Em 16 de junho, os anarquistas de São Paulo (que anteriormente tinham organizado a Liga Comunista) constituíram-se então em Partido Comunista. Em 7 de novembro de 1921, foi formado um Grupo Comunista do Rio de Janeiro com o objetivo de organizar um partido comunista nacional assim como avaliar os princípios do Comintern. O grupo original era composto de 12 membros, todos eles trabalhadores ou comerciantes, com a exceção de Astrojildo Pereira. O Grupo influenciou a formação de grupos similares em Recife, Juiz de Fora, Cruzeiro, São Paulo, Santos e Porto Alegre, onde foi reorganizada a União Maximalista. A partir de janeiro de 1922, o Grupo Comunista passou a propagandear seus pontos de vista através de um mensário, *Movimento Comunista*.¹⁶

Em meio a tantos acontecimentos e ideologias, o PCB foi fundado e realizou-se o seu primeiro congresso entre os dias 25 a 27 de março de 1922. “O congresso examinou e aprovou os 21 princípios do Comintern¹⁷ e os estatutos do partido que se baseava, em grande parte, nos do Partido Comunista da Argentina.”¹⁸ Chilcote ainda aponta que:

Participaram do congresso 9 delegados (de um total de 73 membros do partido), representando grupos do Distrito Federal e dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul (duas unidades, a de Santos e a de Juiz de Fora, não puderam enviar delegados).¹⁹

Os delegados eram: Astrojildo Pereira e Cristiano Cordeiro, intelectuais; Joaquim Barbosa e Manuel Cendón, alfaiates; João da Costa Pimenta, impressor; Luis Pérez, vassoureiro; Hermogêneo Fernandes da Silva, eletricista; Abílio de Nequete, barbeiro; José Elias da Silva, pedreiro. Manuel Cendón era um socialista e todos os outros haviam participado do movimento anarco-sindicalista no Brasil. Todos eram brasileiros, exceto Cendón, que era espanhol e Nequete, que era sírio.

Mesmo com todas as misturas culturais nacionais e internacionais, o movimento comunista e o partido PCB, ainda se concentravam, prioritariamente, nas questões internacionais: na movimentação comunista que se desenrolava na Rússia, principalmente, e em outros países.

16 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 54, 56 e 57.

17 Comintern era a designação do movimento internacional comunista, representado por uma organização russa fundada para reunir partidos comunistas de diferentes países. Tinha como propósito, conforme seus primeiros estatutos, lutar pela superação do capitalismo, o estabelecimento da ditadura do proletariado e da República Internacional dos Soviéticos, a completa abolição das classes e a realização do socialismo, como uma transição para a sociedade comunista, com a completa abolição do Estado e para isso se utilizando de todos os meios disponíveis, inclusive armados, para derrubar a burguesia internacional. O Comintern foi fundado pelo Kremlin em março de 1919.

18 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 57.

19 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 57.

II - A evolução do partido.

Durante sua fase inicial, o partido destacou-se e desenvolveu. Em 1924, criou a Juventude Comunista; depois, em 1925 e em 1929, realizou dois congressos partidários, respectivamente e ainda publicou dois importantes periódicos de comunicação do partido – *A Classe Operária* e *A Nação*.

O informativo do partido *A Classe Operária*²⁰ começou a ser publicado em 1925 e contou com teve 12 edições. Depois houve uma pausa nas publicações, retornando em 1928 até 1929, quando então, foi reprimida pelo governo e tornou-se uma publicação clandestina que lançou alguns números em 1935, em 1945 e nos primeiros anos da década de 1950.

Já o informativo *A Nação* também passou por momentos de publicação periódica e não-periódica. Algo que se destacou na publicação de *A Nação*, foi um documento do PCB sobre a formação de um Bloco Operário com o objetivo de construir uma frente proletária para as eleições parlamentares de fevereiro de 1927. Esse bloco foi construído e tornou-se importante para o PCB. Sua proposta política pregava:

A plataforma do Bloco pregava a manutenção de uma política independente da classe operária, a crítica à “plutocracia”, a luta contra o “imperialismo”, o reconhecimento da União Soviética, a anistia para os prisioneiros políticos, a autonomia do Distrito Federal, uma legislação social, o direito de livre associação e opinião, a reforma do sistema monetário e fiscal, moradia para os trabalhadores, expansão do ensino e sufrágio para todos os cidadãos.²¹

O Bloco Operário passou a chamar-se Bloco Operário e Camponês – BOC, em 1928, um pouco antes da troca da nomenclatura, o bloco havia elegido um candidato ao parlamento: João Batista de Azevedo Lima. Depois, dois membros conquistaram lugar na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro: Otávio Brandão e Minervino de Oliveira.

O autor Chilcote esclarece que:

O PCB concorreu pela primeira vez a cargos públicos, sem êxito, nas eleições municipais de 1925, na cidade portuária de Santos. A mudança de nome de BO para BOC (incluindo assim tanto os camponeses quanto os operários) foi o resultado da Lei Celerada de agosto de 1927, que dava ao PCB uma situação de semilegalidade. Com a mudança de nome, o PCB tecnicamente deixou de funcionar e o Bloco tornou-se sua organização de frente, com seções estabelecidas no Distrito Federal, Niterói, Petrópolis, São Paulo, Santos Juiz de Fora, Recife e Ribeirão Preto. A dissolução do PCB no BOC ocorreu no III Congresso do partido.²²

20 Jorge Amado cita esse jornal na obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade*; e a narrativa explica como o jornal era produzido durante a clandestinidade.

21 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 64.

22 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 65.

Mais tarde, em 1930, o BOC foi dissolvido, deixando um rastro de cisão no PCB entre oposição sindicalista e aqueles que seguiam a ordenação do Comintern.²³

Outra forte cisão no partido se deu quanto ao conflito entre stalinistas e trotskistas. Sobre isso, o autor Chilcote explica brevemente:

A política do Comintern e as divergências nos círculos comunistas internacionais e nacionais contribuíram para a segunda importante cisão no PCB. O comunismo soviético e internacional estava dividido em relação à permanência da oposição trotskista que em 1927 atacara os compromissos “pequeno-burgueses” da liderança stalinista. Isso resultou não só na expulsão de Trotsky e na supressão da oposição como também no estreitamento do controle russo sobre o Comintern cujos dissidentes trotskistas foram enquadrados disciplinarmente. Os simpatizantes trotskistas no Brasil – relacionados em grande parte à Juventude Comunista – incluíam Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Rodolfo Coutinho, Aristides Lobo e Hílcar Leite. Em 1929, estes trotskistas se afastaram para formar o Grupo Comunista Lenine, que dois anos mais tarde reorganizaram como Legião dos Comunistas.²⁴

Ambos, stalinistas e trotskistas, eram comunistas, mas suas políticas se divergiam em alguns aspectos. É comum encontrarmos documentos em que sujeitos stalinistas ou trotskistas acusam o rival de posicionarem-se como “pequeno-burgueses”. Afirmavam que algumas medidas não tinham o caráter verdadeiramente revolucionário em benefício à classe trabalhadora, mas que eram medidas de uma cultura burguesa, que se voltaria em benefício da classe proprietária dos meios de produção.²⁵

Contudo, no Brasil, o grupo stalinista que assumiu o comando partidário do PCB teve destaque em relação aos trotskistas, que freqüentemente eram apontados como inimigos.

No II Congresso do PCB, que ocorreu entre os dias 16 a 18 de maio de 1925, discutiram e aprovaram a resolução sobre o recrutamento de novos membros por meio da implantação de células em 100 grandes empresas até junho de 1925. Uma tarefa partidária muito especial por sua estratégia e significação para diversos sujeitos do partido, pois atuando

23 “O debate interno intensificou-se pouco antes do III Congresso do PCB, realizado em Niterói entre 29 de dezembro de 1928 a 4 de janeiro de 1929. O debate provocado em meados de 1928 por Joaquim Barbosa, secretário para as questões sindicais e membro da Comissão Central Executiva do PCB, foi desenvolvido na revista do partido *Autocrítica* e tratava de problemas tais como a atividade comunista nos sindicatos, a linha política do PCB e a tática no BOC, o problema camponês, as relações entre a Juventude Comunista e o PCB, o caráter da revolução brasileira, a luta contra o anarco-sindicalismo e a política do Comintern. Barbosa e outro líder operário, João da Costa Pimenta (...) aglutinaram os seus seguidores na Oposição Sindical, a primeira facção a cindir o PCB. Eles se opunham diretamente à linha ultra-esquerdista do “Terceiro Período”. Esta linha, adotada pelo Comintern em seu VI Congresso, em 1928, era de hostilidade aberta aos movimentos democráticos e reformistas e por isso levou o PCB a entrar em conflito com sindicalistas com quem seus líderes haviam colaborado intimamente na formação do BOC. A Oposição Sindical foi, finalmente, expulsa pelo III Congresso do PCB.” In.: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 65 e 66.

24 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 66.

25 Na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, do literato Jorge Amado, identificamos o confronto entre stalinistas e trotskistas e a acusação de que os trotskistas eram um grupo de “pequenos burgueses”, e que, portanto, eram inimigos e deveriam ser combatidos. E ainda, ideologicamente, qualquer atitude comportamental dos sujeitos que fossem identificadas com “atitudes pequeno burguesas” deveriam ser combatidas, sendo essa uma proposta para a transformação cultural da sociedade.

diretamente nas fábricas o partido estaria próximo aos trabalhadores e no ambiente de trabalho que mais contestavam, já que o movimento comunista objetivava a luta de classes dos trabalhadores contra os empresários e criticava a estrutura social-trabalhista existente.

As fábricas eram observadas pelos militantes como estruturas responsáveis por conferir um modo cultural específico na sociedade. Um modo cultural de vivência que os comunistas pretendiam modificar. Acreditavam que modos comportamentais dos trabalhadores das fábricas eram condicionados pelos seus ritmos de vida no trabalho: a vida sexual, a vida familiar, a vida afetiva eram condicionadas também pela organização no âmbito do trabalho. Assim, para os comunistas, muitas questões ultrapassavam as relações sociais econômicas e atingiam também outras camadas de relações interpessoais, mas isso tinha, sobretudo, uma força motivadora: a fragmentação por classes sociais, que muitas vezes não era perceptiva pelos sujeitos.²⁶

Também trataram sobre a modificação dos estatutos do partido, sobre a reorganização de células e de comitês regionais, sobre a agitação, propaganda e sobre a representação no Comitê Central. As *células* eram grupos de militantes do partido que discutiam e atuavam na sua organização, porém era a estrutura mais primária do partido, entretanto uma estrutura importante. Geralmente, composta por trabalhadores de fábricas, associados de bairro, trabalhadores liberais, que discutiam sobre suas realidades vivenciadas em âmbito geral: trabalho, relações familiares e sociais. Essa aproximação entre os trabalhadores e a organização partidária gerava um movimento de contato estreito entre ambos e nem sempre os participantes das células eram partidários do PCB. Já os *Comitês Regionais* compunham a organização partidária por região e o *Comitê Central* era a instância maior do partido. Assim, se organizavam em uma estrutura hierárquica de poder.

Durante o II Congresso ainda debateram sobre:

o imperialismo inglês (agrário) e o imperialismo norte-americano (industrial); a adaptação dos estatutos do partido ao modelo do Comintern; “o caráter e a direção

26 Na obra literária de Amado – *Os subterrâneos da Liberdade* – também verificamos essa noção de interferência nas relações pessoais dos sujeitos motivada pela ordem de classes sociais e também pelas relações ligadas às questões do trabalho. Tudo isso foi e continua sendo objeto de discussão e estudo de alguns teóricos, mas os dias contemporâneos trazem outras perspectivas de olhares, já que os trabalhadores das fábricas atuais são outros: outros sujeitos históricos.

A história dos sujeitos se transformou muito entre os anos de 1930 até os dias atuais: com inovações nos meios de comunicação, nas próprias relações interpessoais dos sujeitos, sobre as concepções de riqueza e pobreza, sobre o conceito de classe social e sobre diversas questões culturais. Um trabalhador da fábrica de hoje não está prioritariamente condicionado ao seu ambiente de trabalho e, portanto, pode ter um mundo diverso como regente das suas relações de vivências e não mais, exclusivamente, o seu espaço de trabalho como direcionador do seu comportamento.

de uma política proletária”; e o “dualismo” na sociedade brasileira entre “o capitalismo agrário semifeudal e o moderno capitalismo industrial”.²⁷

O enfrentamento político do partido contra o imperialismo industrial, era desgastante, pois acreditavam que a influência das indústrias multinacionais eram uma expansão do capitalismo global, o inimigo que deveriam combater.

Na passagem acima, é interessante verificarmos também a linguagem que empregavam, tais como: imperialismo inglês, imperialismo norte-americano, capitalismo agrário semifeudal e moderno capitalismo industrial. Cada um desses termos abrange um corpo de significação e era esse conjunto de significados que o movimento comunista tentava modificar com a luta política.

Sobre o termo “*capitalismo semifeudal brasileiro*”, era uma tentativa de explicação teórica que aproximava as relações de poderes do feudalismo europeu às relações de poderes oligárquicos no Brasil. Tratava-se de duas estruturas diferentes, de momentos históricos diferentes, entretanto, falavam que o Brasil vivia um *semifeudalismo*, principalmente na área rural em que trabalhadores viviam sob os poderes dos fazendeiros, em relações de trabalho sem direitos legais, muitas vezes vivendo como meeiros²⁸ nas terras do proprietário.

Alguns anos mais tarde, o PCB realizou o seu III Congresso, em Niterói, nos dias 29 de dezembro de 1928 a 4 de janeiro de 1929. No congresso, discutiram “a situação política nacional e a posição do PCB, a luta contra o imperialismo e o perigo de guerra, o trabalho do partido nos sindicatos, a questão camponesa, o BOC e a luta contra o fascismo.”²⁹ Todas essas temáticas eram divididas pelos seguintes sub-títulos:

- 1- “A economia agrária semicolonial³⁰, semifeudal” e a influência do capital estrangeiro nos setores público e privado, as forças de classe que se opõem ao imperialismo, a “terceira explosão revolucionária” (representada pela Coluna Prestes como sucessora dos movimentos de 1922 e 1924) e as tarefas (tais como a organização e a propaganda) do partido;
- 2- a luta contra o imperialismo e os perigos de guerra;
- 3- o movimento operário, criticado por seus erros, especialmente por suas greves desorganizadas, o corporativismo, a tradição anarquista, a desordem organizatória, a exclusão dos sindicatos revolucionários e a administração burocrática;

27 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 63.

Nessa passagem é interessante verificarmos também a linguagem que empregavam, tais como: imperialismo inglês, imperialismo norte-americano, capitalismo agrário semifeudal e moderno capitalismo industrial. Cada um desses termos abrange um corpo de significação e era esse conjunto de significados que o movimento comunista tentava modificar com a luta política.

28 Meeiro é uma forma de contrato social em que o trabalhador rural oferece para o fazendeiro, proprietário das terras, parte do que produziu ali.

29 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 66.

30 Era tido que as riquezas nacionais eram ainda exploradas no comércio internacional de modo que o Brasil era chamado de país “semicolonial”.

- 4- a questão camponesa, os problemas das massas desempregadas e a reforma agrária;
- 5- o BOC e suas ameaças ao PCB – de perda do controle político sobre sua organização de frente legal assim como de perda da identidade como partido;
- 6- o fascismo, “a arma da reação interna e da penetração imperialista”;
- 7- a ampliação da propaganda entre os trabalhadores imigrantes.³¹

Apesar da linha partidária do PCB se posicionar prioritariamente quanto à luta de classes, por vezes o partido foi ambíguo formulando acordos ora com a classe trabalhadora, ora com a classe empresarial. Sobre isso, Astrojildo Pereira que foi secretário-geral e também um dos fundadores do partido, criticou entre outras questões, “as dificuldades inerentes à ligação entre a teoria e a prática revolucionárias, trazendo como consequência ‘uma oscilação permanente entre o palavreado revolucionário de esquerda (na teoria) e o oportunismo de direita na prática’.”³² Muitas fragmentações se deram devido às diversas ordens ideológicas escolhidas no PCB, cuja história não foi linear.

III - Luiz Carlos Prestes e o movimento comunista.

Em 1927, o comitê central do PCB decidiu enviar Astrojildo Pereira à Bolívia para uma conversa com Luiz Carlos Prestes, nesse momento Prestes ainda não era um membro do PCB, mas já era uma figura reconhecida no cenário nacional e internacional devido a sua atuação e liderança na *Coluna Prestes* e também um homem de muitos contatos, principalmente, no meio militar. A intenção do partido era aproveitar a posição social de Prestes e torná-lo uma ligação entre o PCB e a pequena burguesia brasileira. Acreditavam que essa aliança seria importante no processo revolucionário e que a realidade brasileira exigia a aliança entre trabalhadores e pequenos burgueses para dar continuidade à revolução que pretendiam realizar. Essa resolução havia sido, inclusive, discutida durante o III Congresso do PCB, e causou divergências entre os militantes partidários que eram contra e aqueles que eram a favor dessa posição.

Posteriormente, em 1929, o PCB convidou Prestes para tornar-se candidato presidencial pelo partido, mas Prestes recusou o convite. Nesse momento, o PCB propunha como programa político:

31 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 66 e 67.

32 Astrojildo Pereira foi um dos fundadores e secretário-geral do partido e fez essa reflexão em crítica sobre o posicionamento político do PCB entre os anos de 1922 a 1929. In.: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 67.

a nacionalização da terra e a divisão dos latifúndios, a nacionalização das empresas industriais e bancos “imperialistas”, a abolição da dívida externa, a liberdade de organização e de imprensa, o direito de greve, a legalidade para o PCB, a jornada de trabalho de oito horas, descanso semanal, aumentos salariais e outros benefícios para os trabalhadores.³³

Era um programa bastante ousado, radical e com medidas de caráter socialista e comunista. Prestes resolveu lançar um programa político próprio em um movimento que ficou conhecido como *prestismo*, em que ele pregava “o voto secreto, alfabetização, justiça, liberdade de imprensa e de organização e benefícios para os trabalhadores.”³⁴ No mesmo momento, as oligarquias descontentes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba formavam a *Aliança Liberal*, que apoiava a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da república com um programa político que pregava “a justiça social, um código do trabalho para trabalhadores urbanos e rurais, proteção para os velhos, mulheres e crianças e a ampliação da previdência social.”³⁵ A Aliança Liberal estava principalmente em direção à luta contra a política conservadora *Café com Leite*.

As eleições presidenciais aconteceram em 1930 e o candidato vencedor foi Júlio Prestes, do PRP - Partido Republicano Paulista, apoiado principalmente pela oligarquia paulista conservadora, mas ele não assumiu a presidência. Em clima político tumultuoso, Getúlio Vargas, que já conduzia um movimento de revolta pelo país contra a “política café com leite”, promoveu uma movimentação armada e tomada do poder, tornando-se o presidente provisório até 1934.

Quando Vargas chegou ao poder, após o golpe que implementara, ele se posicionou como um político que colaborou enormemente para a realização da revolução no Brasil: a revolução contra a política conservadora *Café com Leite*. O golpe de 1930 ficou conhecido popularmente como “*A Revolução de 1930*”- a revolução que promoveu o fim das políticas oligárquicas coronelistas. Essa foi a imagem construída com a chegada de Vargas ao poder presidencial, mas o poder oligárquico não caiu totalmente, talvez tenha apenas mudado de posição entre os diversos sujeitos que disputavam o poder político no Brasil. Vargas, durante todo o seu mandato foi se mostrando autoritário e ditatorial com uma postura que tornou-se ainda mais intolerante durante o período que se estende entre os anos de 1937 a 1945.

A ideia de Revolução perpassava várias interpretações. Afinal o que é Revolução? Para cada grupo de pessoas a palavra Revolução trazia um significado. Nesse momento

33 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 70.

34 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 71.

35 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 71.

histórico, a ideias de transformação que se propagasse a partir de um movimento revolucionário é muito presente e diversos grupos se propunham a uma revolução. Para o PCB, a chegada de Vargas ao poder não foi um movimento revolucionário e estava muito distante da transformação que o partido idealizava. Para Getúlio Vargas e outros grupos de direita política, a revolução comunista não era interessante.

Já Luiz Carlos Prestes, ainda se posicionava em uma situação de centro-esquerda, mas ele mudou de postura em pouco tempo.

Falar sobre a posição política de diversos sujeitos e grupos remete-nos a pensar a diversidade política instalada no Brasil e a disputa de poder que se desdobrava nesse período e ainda, observar em quais condições algumas alianças e rupturas foram se estabelecendo.

Então, diante de todos esses acontecimentos acompanhados por Luiz Carlos Prestes, ele lançou um manifesto, ainda em maio de 1929:

(...) considerava um levante da Aliança³⁶ como luta tradicional pelo poder. Os interesses populares tinham sido sacrificados pela farsa eleitoral, declarava Prestes, e a revolução brasileira não poderia ser conseguida com o programa da Aliança, que significava apenas “uma simples mudança de homens, o voto secreto... e outras panacéias que não poderiam interessar à maioria do povo, sem cujo apoio a revolução não seria nada mais que uma simples luta entre as oligarquias dominantes.” Por esta razão, a insurreição e o futuro governo deveriam se apoiar na “massa de trabalhadores das cidades e do interior”. Este governo garantiria uma legislação social, compreendendo limitação das horas de trabalho, proteção para as mulheres trabalhadoras e as crianças, segurança social (no caso de acidentes, desemprego, velhice e doenças) e direito de greve, de reunião e de organização. Além disso, a revolução seria agrária e antiimperialista: o governo nacionalizaria a terra, que seria livremente distribuída entre os trabalhadores e expropriaria os meios de comunicação, os serviços públicos, as minas e bancos, cancelando também a dívida externa.³⁷

Após esse manifesto, Prestes foi convidado a se aliar ao PCB. O prestígio tomava forças e isso amedrontava o PCB e tê-lo como aliado político seria importante para o partido. Prestes já se tornava uma figura mistificada, cujo nome era pronunciado como líder da luta popular. Em 1931, Prestes finalmente se aliou ao PCB, e após isso, foi para a União Soviética onde ficou por quatro anos.

Enquanto isso, a política governamental de Vargas acentuava a repressão ao PCB, principalmente após o levante comunista de 1932, em que setenta e três líderes do partido foram presos na colônia penal de Ilha Grande.

36 A Aliança a qual o autor se refere aqui é a Aliança Liberal, promovida pela direita política oligárquica do Brasil que apoiava a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da república.

37 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 72.

Em 1935, Prestes retornou ao Brasil usando um passaporte falso. Chegou justamente no momento em que o partido acabara de adotar “a política de frente popular, englobando a unificação do movimento operário sob a liderança comunista e a formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL).”³⁸ Prestes retornou ao Brasil como membro do Comitê Central do PCB e como membro do Comitê Executivo do Comintern.³⁹

A ANL foi organizada inicialmente no Rio de Janeiro e adquiriu expressão importante na luta política popular em cenário nacional; chegando a contar com o apoio de outros grupos, tais como: a União Feminina do Brasil (UFB); a Aliança Popular por Pão, Terra e Liberdade e a Frente Popular para a Luta contra o Fascismo e a Guerra. Tratava-se de “uma coalizão ampla de grupos e indivíduos, tanto comunistas como tenentes, opostos ao integralismo e às medidas repressivas ordenadas pelo regime de Vargas.”⁴⁰

Os informes e propagandas da ANL contavam com diversas publicações: o *Libertador*, informativo oficial da ANL; *Solidariedade*, que era uma publicação de trabalhadores organizados pela ANL em Pernambuco; *Movimento*, do Rio de Janeiro, que contava com o autor Jorge Amado em seu quadro editorial; *A Platéia*, informativo da ANL de São Paulo; a *Marcha*, um informativo do Rio de Janeiro; *O Jovem Proletário*, um informativo da Juventude Comunista; e outros dois informativos comunistas que também divulgavam informações da ANL: *A Manhã*, do Rio de Janeiro e *Folha do Povo*, do Recife.

O programa político da ANL:

exigia a paralisação do pagamento da dívida externa, a nacionalização de todas as companhias “imperialistas”, a proteção ao pequeno e médio agricultor e a divisão das grandes propriedades entre aqueles que nelas trabalhavam, plenas liberdades “populares” e um governo popular voltado para os interesses do povo brasileiro.⁴¹

A ANL, assim como o partido político PCB, se organizava hierarquicamente com secretariados regionais, municipais e nacionais, contando com o modelo organizacional de células compostas por dez ou mais membros militantes. A partir das reuniões celulares, partiam para a prática das determinações dos trabalhos políticos para a efetivação das publicações de material informacional, realização de comícios, reuniões junto aos

38 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 76.

39 Sobre esse momento histórico, conferir o filme “Olga” – OLGA. Direção: Jayme Monjardim. Brasil: Globo Filmes, 2004. 1 filme (141 min), son, color. – que representa cinematograficamente um pouco desses fatos ocorridos e baseados na obra biográfica escrita por Fernando Moraes, sobre Olga, uma militante comunista enviada pelo Comintern ao Brasil para acompanhar Prestes. O filme recebeu muitas críticas negativas, entretanto, foi bastante assistido pelo público brasileiro.

40 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 77.

41 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 78.

trabalhadores de fábricas, reuniões nas organizações de bairro e junto aos movimentos populares.

Luiz Carlos Prestes foi indicado à presidente honorário da ANL. Então, em 5 de julho de 1935 Prestes fez uma convocação para um assalto ao governo. Esse movimento, que se desenrolou em alguns eventos de luta militante foi denominado pela direita política do país, pejorativamente, de *Intentona Comunista*, que significa um assalto insano de tentativa de golpe comunista, um assalto que não foi vitorioso.

Prestes publicou uma “carta aberta”, convocando as massas para o assalto ao governo. “A idéia de assalto amadurece na consciência das massas”, declarava ele; a libertação nacional do Brasil e o estabelecimento de um governo popular revolucionário seriam realizados através da derrota do “fascismo” e do “regime odioso de Vargas”. Prestes esboçou um programa de nove pontos, pregando a extinção da dívida externa; a denúncia dos tratados “antinacionais”; a nacionalização dos serviços públicos; benefícios para os trabalhadores, entre os quais a jornada de oito horas, previdência social e a garantia de um salário mínimo; a luta contra as condições de trabalho escravistas e feudais; a distribuição da terra entre a população pobre; a devolução das terras aos índios; o estabelecimento das “liberdades populares”; e a luta contra todas as guerras “imperialistas”.⁴²

Contudo, em julho de 1935, Vargas assinou um decreto para o fechamento da ANL, que se posicionava com medidas políticas que Vargas não admitia, e também com a intenção em desarticular esse grupo de esquerda política.

Ainda assim, o levante da Intentona Comunista teve início depois de alguns meses de articulação. No dia 23 de novembro de 1935, realizaram uma revolta no quartel militar em Natal/Rio Grande do Norte. Soldados, trabalhadores, desempregados e rebeldes se juntaram e organizaram-se em locais diversos e estratégicos da cidade, tomaram o quartel general da polícia militar e prenderam o chefe de polícia estadual, João Medeiros Filho. Ainda, exigiram o fechamento das representações integralistas presentes na cidade, a redução dos preços das passagens dos bondes e do pão. Em 27 de novembro, a revolta fracassou e foi dominada pela polícia do governo.

Simultaneamente, começaram as revoltas comunistas do Rio de Janeiro e do Recife que também foram dominadas pela polícia. Em Recife, a revolta teve início na madrugada do dia 24 de novembro, sob a liderança de oficiais que se posicionavam contra o governo Vargas, juntamente com lideranças comunistas e alguns trabalhadores de fábricas.

O erro de não ter atacado centros de comunicação e arsenais militares estratégicos, o fato de apenas um punhado de comunistas e algumas dezenas de civis (em sua maioria operários fabris) terem se juntado à revolta e a chegada de reforços

42 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 79.

legalistas, tudo isto forçou os comandantes rebeldes a ordenarem um recuo total em 25 de novembro e a rebelião fracassou.⁴³

No Rio de Janeiro, a maioria dos membros do Comitê Executivo da ANL foram presos, totalizando cerca de 150 prisões efetivadas. Os levantes comunistas ainda continuaram no Espírito Santo, Minas Gerais e no Sul e também foram logo reprimidos.

O autor Chilcote faz uma breve conclusão sobre denúncias de tramas que levaram a derrota desse movimento de revolta e golpe contra o governo Vargas:

Prestes deu ordens a seus seguidores no 3º Regimento de Infantaria da Praia Vermelha (localizado no Rio de Janeiro) para tomarem as instalações na madrugada de 27 de novembro e em seguida marcharem para o palácio presidencial. De acordo com o esquema, a guarnição da Praia Vermelha foi tomada por jovens oficiais liderados pelos capitães Álvaro Francisco de Sousa e Agildo Barata que como vice-presidente da ANL no Rio Grande do Sul, fora responsável pelo recrutamento do pessoal militar. Um Comitê Revolucionário dos Soldados e dois terços do regimento juntaram-se imediatamente aos rebeldes. Aproximadamente ao mesmo tempo, outro grupo de rebeldes, em sua maioria sargentos liderados pelos tenentes Dinarco Reis e Carlos França, tomou a Escola de Aviação Militar no Campo dos Afonsos. Quatro horas depois a Escola foi retomada pelas tropas do governo que mais tarde, no mesmo dia, quebraram a resistência na Praia Vermelha com a ajuda de 3 aviões e 2 navios. Cerca de 50 rebeldes morreram e a guarnição ficou em ruínas.

Houve muita especulação sobre a sincronização das ações e sobre se os rebeldes agiram por conta própria, de acordo com um plano, ou foram enganados. A maioria dos autores concorda que Moscou esteve envolvida através do envio de agentes importantes do Comintern ao Brasil e que o PCB e a polícia de Vargas estavam ambos cientes das instruções preliminares para o levante. Como a data originalmente estabelecida para a revolta – 5 de dezembro – era conhecida pela polícia através do seu “agente comunista”, a polícia do Rio foi capaz de enganar os rebeldes de Natal, enviando-lhes uma mensagem codificada que ordenava o início da revolta para 23 de novembro – daí o ponto de vista dominante de que a revolta de Natal foi precipitada pela provocação do governo, comprometendo os levantes no Recife e, depois da ação precipitada de Prestes e seus colaboradores, também no Rio. De acordo com esta avaliação, a revolta em Natal provavelmente pegou de surpresa os rebeldes do Recife e do Rio, facilitando a repressão da ANL e do PCB pela polícia e pelos militares. Agindo segundo informações erradas, os rebeldes de Natal não puderam coordenar seus esforços com os revolucionários do Recife e do Rio. Outro ponto de vista sugere que os levantes foram o ápice de um confronto político crescente entre o governo de Vargas, de um lado, e a ANL e os trabalhadores, de outro, e que a ANL com seus simpatizantes militares desencadeou as revoltas. Uma teoria variante é a de que as revoltas individuais expressaram condições locais e que a decisão da revolta de Natal saiu diretamente de líderes militares de lá mesmo. Apesar destas diversas interpretações, a maioria dos autores admite que as revoltas serviram como pretexto a Vargas, não só para esmagar o PCB como também adquiriu poderes extraordinários.⁴⁴

Então, esses levantes comunistas ocorridos no Brasil fracassaram e a bibliografia sobre o tema expressa denúncias e traições de pessoas infiltradas no movimento comunista a serviço do governo Vargas.

43 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 80 e 81.

44 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 81 a 83.

Após essas revoltas, Vargas acentuou ainda mais a repressão aos grupos militantes de esquerda e decretou estado de sítio no país com poderes para permitir o controle da imprensa, proibição de reuniões públicas e permissão para vasculhar casas de civis. Com isso, milhares de pessoas foram presas, inclusive militantes da ANL e do PCB; e também foram presos o prefeito da cidade do Rio de Janeiro: Pedro Ernesto, um senador: Abel Chermont, e quatro deputados: Abguar Bastos, Domingos Velasco, João Mangabeira e Otávio da Silveira. Nesse momento, qualquer pessoa que representasse oposição à Vargas poderia ser presa.

Prestes também foi preso em março de 1936. Ele foi encontrado pela polícia juntamente com Olga Benário, que estava grávida. O casal foi preso e Olga Benário, que era judia, foi deportada para a Alemanha onde predominava o regime político nazista com domínio de Hitler.

No Brasil e no exterior, longa campanha havia sido promovida para a libertação de Olga Benário e sua filha, Anita Leocádia Prestes, mas apenas Anita foi liberada e criada pela avó paterna (a mãe de Prestes). Olga morreu alguns anos depois em um campo de concentração nazista após todo tipo de infortúnio desumano que os prisioneiros vivenciavam nesses locais e Prestes passou nove anos na prisão brasileira.

A separação de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário foi bastante violenta para ambos e para os militantes que acompanharam a história de luta do casal. Foi um momento de aborto dos seus projetos políticos e de suas histórias pessoais de vida.

IV - O PCB e o Estado Novo (1937 – 1945).

Em meados de 1937, as organizações políticas e partidárias davam prosseguimento a campanha eleitoral para novas eleições presidenciais. Havia três candidatos importantes disputando a presidência da república brasileira: Plínio Salgado era o candidato apoiado pelos integralistas; José Américo de Almeida, que foi ministro das Comunicações e Obras Públicas no governo Vargas, era o candidato apoiado pelos governadores de estado, exceto pelos governadores do Rio Grande do Sul e de São Paulo; e o candidato Armando de Salles Oliveira, governador de São Paulo e apoiado pelo governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha.

Vargas, em um momento inicial não apoiou nenhum candidato, depois demonstrou simpatia pela candidatura de José Américo, mas Vargas tinha outros planos políticos que logo vieram à tona. Um novo golpe de estado estava sendo preparado.

Nesse momento de campanhas eleitorais, o PCB cogitou a possibilidade de lançar a candidatura simbólica de Luiz Carlos Prestes para o cargo a presidência da república, mas um grupo do PCB não concordou com essa proposta, pois pretendiam apoiar o candidato José Américo. Diante desse impasse sobre qual candidato apoiar e quais medidas políticas exercerem em um momento delicado para o partido, que estava com pouca expressividade nacional e diante de um quadro político importante, o PCB, então, sofreu nova cisão: Lauro Reginaldo da Rocha (Bangu), um militante e líder importante no PCB, conseguiu o apoio do Comintern para a decisão em não apoiar a candidatura de José Américo. O grupo contrário a essa medida, insatisfeitos, resolveram fundar um novo partido político: o PSR – Partido Socialista Revolucionário.

Durante a campanha presidencial de 1937, o PCB sofrera outra cisão quando uma facção minoritária encabeçada por Lauro Reginaldo da Rocha (“Bangu”) se opôs à candidatura de José Américo e recebeu apoio do Comintern. A maioria, repentinamente transformada em minoria, tinha proposto a candidatura simbólica de Prestes e continuava a controlar o Comitê Regional de São Paulo do partido, assim como a organização comunista no Paraná e parcelas do aparelho estatal de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Pernambuco. O grupo dissidente rompeu finalmente, com o PCB e se tornou objeto de ataque do aparelho de propaganda do partido. Os dissidentes, reduzidos a menos de cem, juntaram-se ao movimento trotskista e formaram o Partido Socialista Revolucionário (PSR); durante 1937, publicaram um jornal semilegal, *Orientação Socialista*, e dali em diante, um órgão ilegal, *Luta de Classes*.⁴⁵

Então, os dois grupos, o PCB e o PSR tornaram-se divergentes e inimigos políticos. Ambos se posicionavam à esquerda política, mas não eram semelhantes quanto às medidas e ideologias escolhidas. Ambos tiveram uma origem comum: as ideias comunista; mas partiram para posicionamentos diversos a ponto de terem seus militantes em confronto de ideologias e ações políticas em um movimento aquecido pelo quadro político nacional e internacional. A organização social desses partidos exigia um posicionamento dos militantes, que muitas vezes trabalhavam com poucos recursos financeiros. Ambos, o PCB e o PSR, tinham militantes políticos que se conheciam muito bem; eram partidos compostos por militantes que conheciam o trabalho político uns dos outros, portanto eram atacados em suas intimidades políticas. Mais tarde, o PSR tornou-se o grupo trotskista predominante no Brasil e o representante oficial da IV Internacional.

Em meio a esse turbilhão de acontecimentos, Vargas e seus apoiadores preparavam um golpe de estado. Vargas que já exercia certo controle sobre órgãos policiais e do exército, manejou comandantes importantes e de sua confiança para os estados onde seu controle político era menor. Em setembro de 1937, o exército brasileiro revelou um documento que

45 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 87.

apresentava o plano de uma revolta comunista: o *Plano Cohen*. Houve muita especulação sobre a veracidade desse documento, que talvez tivesse sido elaborado por integralistas que previam alguma revolta comunista. A movimentação comunista no Brasil era intensa, mas ainda desarticulada em alguns aspectos estruturais e talvez não tivesse poder para realizar uma “revolução” como pretendiam, entretanto o documento apontava a revolução comunista (ou golpe comunista) como algo extremamente possível e que exigia atitude agressiva contra essa possibilidade. O documento que apresentava o Plano Cohen tornou-se, então, um pretexto importante para o golpe varguista:

Em 30 de setembro, a suposta conspiração comunista foi denunciada e no dia seguinte o Congresso suspendeu os direitos constitucionais. Seis semanas mais tarde, aproximadamente, em 10 de novembro, o golpe foi materializado e Vargas anunciou que sua nova ditadura não poderia coexistir com o Congresso e com os partidos políticos e que, além disso, seria suspenso todo pagamento de juros e amortizações da dívida externa da nação. O congresso foi abruptamente fechado neste mesmo dia e em 2 de dezembro todos os partidos políticos foram extintos, inclusive o dos integralistas. A nova Constituição – que se inspirava nas experiências fascistas e corporativistas européias, especialmente de Portugal e da Itália – garantia poderes autoritários a Vargas.⁴⁶

Foi mais um momento obscuro na história política do país com atitudes pensadas e articuladas por Vargas e seus apoiadores. Logo a repressão de uma severa ditadura tomou ritmo sincronizado.

A esquerda política foi perseguida pelo governo, que demitiu funcionários diversos: professores, jornalistas e quem mantivessem vínculos com comunistas ou simpatizantes do comunismo. Escritores também foram perseguidos: o romancista Jorge Amado, por exemplo, foi preso e teve alguns de seus livros queimados e músicos tiveram suas composições censuradas.

Os integralistas também foram isolados e a organização integralista desmantelada – Vargas exercia um papel polarizador de comando e não permitia nenhuma outra organização de poder político fortalecido.

Os sindicatos dos trabalhadores passaram a ser controlados pelo governo e as negociações coletivas e greves estavam proibidas. Chilcote explica que:

Uma burocracia sindical, formada pelo Ministério do Trabalho e as diretorias sindicais, manipulava o apoio da massa trabalhadora através da concessão de benefícios em troca do controle governamental sobre as atividades sindicais.⁴⁷

Não foram poucas as interferências diretas do Ministério do Trabalho junto aos sindicatos com a intenção de desarticular grupos políticos e impor as medidas

46 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 85.

47 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 86.

governamentais, promovendo um ar ilusório de justiça trabalhista no Brasil e promovendo também a imagem de Getúlio Vargas como “pai dos pobres e dos trabalhadores”. Contudo, Vargas foi adorado por alguns e odiado por outros. Como presidente do Brasil, mesmo com medidas autoritárias de governo, ele ainda exerceu certa popularidade positiva junto a alguns grupos de trabalhadores.

Nesse período, o PCB praticamente foi esfacelado. Atuou na clandestinidade e muitos militantes e lideranças do partido foram perseguidos e presos. Já os trotskistas, embora também tenham sido perseguidos e presos, conseguiram se organizar melhor em meio a clandestinidade e até publicar periódicos – tarefa difícil para um partido político de esquerda durante a ditadura no Estado Novo.

Os ideais políticos do PCB se mantinham: a defesa do nacionalismo, a defesa da política popular e participativa e o combate ao integralismo, mas o partido continuava a oscilar entre os discursos contraditórios e dicotômicos e as ações partidárias muitas vezes não coincidiam com os discursos proclamados.

Quando a Segunda Guerra Mundial tem início, logo ocorre o Pacto Soviético-Nazista de não agressão entre esses dois blocos: o pacto de agosto de 1939; e o PCB, entendendo que Vargas não era um político nazi-fascista (embora em outros momentos tenham acusado Vargas de proximidade com a política fascista) optou por apoiar Vargas. Essa decisão do partido surpreendeu muitos militantes e críticos políticos – alguns não entenderam o que se passava diante de uma decisão inesperada de apoio a quem o partido considerava grande inimigo.

Com o continuar da Segunda Guerra Mundial, a política comunista internacional precisou realizar uma revisão de seus valores para tolerar a coalizão anglo-soviética norte-americana, para unir forças contra o nazi-fascismo europeu.

Com tantas transformações sociais e políticas em âmbito mundial, nesse momento devido principalmente a Segunda Guerra Mundial, o PCB tentou se reorganizar em 1941 e 1942, mas era um partido esfacelado pela violência que sofrera na perseguição varguista durante os anos anteriores e também as posições tomadas pela União Soviética durante a guerra. Muitos militantes do PCB, sobretudo os mais antigos no partido, não admitiam uma revisão comunista na luta anticapitalista. Não aceitavam qualquer tipo de ligação comunista com o poder estadunidense, mesmo sendo essa ligação política, meros laços superficiais de discursos.

Nos primeiros anos de 1940, os grupos comunistas – alguns do PCB; outros, de partidos que foram formados após cisões no PCB; outros, que eram sujeitos desarticulados e

sem filiação em partidos políticos – voltaram a se reunir. A repressão policial contra os comunistas havia diminuído, mas não acabara por completo e três grupos comunistas expressivos eram identificados:

Um, em São Paulo, era formado por antigos militantes que desconfiavam de Prestes e desejavam reviver o partido dentro da linha tradicional e de uma política independente. Um segundo grupo, também em São Paulo, englobava comunistas fugitivos da Bahia – “oportunistas e direitistas que pretendiam dominar o novo Comitê Central”. Um terceiro grupo, a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP), era composto de comunistas novos e antigos do Rio de Janeiro.⁴⁸

Como já havíamos mencionado antes, eram grupos comunistas rivais, que disputavam espaço e reconhecimento político na sociedade civil. Ambos carregavam as ideologias comunistas interpretadas de acordo com suas escolhas políticas e sociais, já que eram ideologias móveis: ideologias construídas gradativamente pelos grupos comunistas. O comunismo possuía uma base ideológica, mas em contato com o cotidiano político essa ideologia era adaptada nos lugares e por sujeitos diversos de acordo com os interesses regentes e dentro de um sistema de poder próprio.⁴⁹

Em meio a isso, dois grupos comunistas rivais, convocaram a 2ª Conferência Nacional do PCB – que ficou conhecida como Conferência da Mantiqueira, pois foi realizada na Serra da Mantiqueira em agosto de 1943 – Compareceram delegações do Distrito Federal, Pará, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Embora houvesse algumas rivalidades entre os grupos comunistas, nessa conferência eles uniram forças políticas para pôr em prática algumas questões. Nessa conferência também, o PCB tentou se reorganizar novamente estruturando um novo Comitê Central para o partido. Prestes, que ainda estava na prisão, foi eleito secretário-geral. Chilcote ainda esclarece que:

Foi aprovada uma política de unificação nacional em apoio do governo contra nazi-fascismo. Juntamente com a reorganização, o partido aprovou a realização de esforços para a sua própria legalização; a anistia para os prisioneiros políticos, inclusive Prestes; e o aumento da sua atividade e influência no movimento operário.⁵⁰

Prestes declarou-se a favor do governo Vargas: reafirmou seu apoio aos esforços de guerra daquele governo. Em contra partida, reivindicou a liberdade de reuniões, de pensamento e de imprensa. Vargas por sua vez, aproveitou o pequeno apoio que recebia das

48 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 89.

Jorge Amado, também relata literariamente a formação e atuação desses grupos políticos mencionados por Chilcote, na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

49 Ver: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

50 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 89.

esquerdas políticas do país, pois sua situação política estava delicada, com uma imagem já bastante arranhada após longa ditadura. Essa proximidade do PCB com Vargas, mesmo que pequena, favoreceu acordos políticos entre ambos em um jogo de interesses que beneficiava o partido (PCB) e também beneficiava Getúlio Vargas.

Em 1943 Prestes, ainda na prisão, fez um pronunciamento conclamando várias forças políticas do país para a organização da UDN – União Democrática Nacional, e entre outras medidas a UDN daria apoio político a Vargas. Vejamos:

Prestes conclamava à unidade nacional na luta contra o fascismo. A ANL, declarava ele, devia apoiar a política de guerra do governo e simultaneamente lutar por liberdades populares, pela anistia aos presos políticos e medidas contra a fome, as doenças e o alto custo de vida. Em abril, Prestes reafirmou o apoio aos esforços de guerra do governo ao mesmo tempo em que apelava à luta pelas liberdades de reunião, pensamento e imprensa, assim como de organização (que incluíssem o PCB e a ANL). Ao mesmo tempo, apelava para chefes políticos, organizações de camponeses e de operários, líderes operários, tenentes que não pertenciam à ANL, revolucionários de 1922, 1924 e 1930 (especificamente Isidoro Dias Lopes, Juarez Távora, Eduardo Gomes, Juracy Magalhães e José Américo de Almeida), amigos como Pedro Ernesto, União Nacional dos Estudantes, organizações religiosas (inclusive a Ação Católica Brasileira) e antigos congressistas, para se juntarem ao PCB e à ANL na formação da União Democrática Nacional (UDN), em apoio a Vargas. O programa de oito pontos da UDN pregava a resistência ao fascismo; o respeito a todas as opiniões políticas, credos religiosos e filosofias, um governo representativo democrático; apoio incondicional ao governo para se conseguir uma vitória total sobre o nazismo; a colaboração com as autoridades para combater o alto custo de vida; a ordem e a disciplina dentro de um clima de liberdade garantido pelo governo; o estabelecimento de instituições representativas e democráticas e a eliminação dos reacionários incapazes de se adaptarem a estas liberdades.⁵¹

O tempo passou e a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim. Já era 1945 e no Brasil a população civil e quadros políticos reivindicavam eleições democráticas para a escolha do presidente da república. Intelectuais comunistas defendiam “um governo democraticamente eleito por voto secreto, direto e universal do povo.”⁵² José Américo, em entrevista para o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, defendia eleições presidenciais sem a participação de Vargas, mas Vargas insistia em ser candidato a presidente. Houve manifestações e protestos estudantis no Rio de Janeiro e em Recife contra a candidatura de Vargas. Parte da comunidade civil já não o aceitava mais na presidência após todo o período ditatorial e protestavam até mesmo contra sua possível candidatura democrática. Então, começaram as articulações políticas que indicavam o general Eurico Gaspar Dutra, ministro de guerra do governo Vargas, à presidência da república.

51 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 90.

52 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p. 91.

Nesse momento, a repressão aos grupos de esquerda estava abrandada e Vargas ainda anunciou a liberdade de Prestes, que já estava a 9 anos na prisão e também liberdade para outros líderes comunistas, além da anistia para os exilados políticos.⁵³ É importante salientarmos que toda essa trama política não foi desencadeada pelo acaso, mas sim, principalmente, pelos acordos políticos estabelecidos até, surpreendentemente, por acordos entre inimigos políticos. Assim, Vargas saiu do governo e uma nova fase se iniciou para o PCB – uma fase de legalidade e democracia, mas com marcas do desfacelamento que sofrera anteriormente e em um emaranhado de ideologias que se transformavam gradativamente para os militantes do partido – Jorge Amado fala sobre essas questões em entrevista e sobre o seu sentimento de militante comunista do PCB, lembrando o que vivera nesse momento da história política do Brasil. Vejamos:

Jorge Amado – Para começar, em 1942, quando voltei ao Brasil, o Partido Comunista já não existia mais. Fora destruído em 39. O que restara era um pequeno núcleo na Bahia. Depois, com um novo núcleo que se formara no norte, no Pará, eles se juntaram e criaram um comitê para a reorganização do partido. Espalhado, havia um pouco em cada lugar, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio etc. Enfim, havia prisioneiros políticos que formavam o núcleo mais forte, o partido de Prestes.

Na verdade, as divisões eram muito grandes. Alguns tendiam para uma aproximação com os liberais, e estes, por sua vez, estavam ocupados em se reorganizar, e lançaram o Manifesto dos Mineiros – Afonso Arinos e um grupo importante de intelectuais mineiros fizeram um manifesto contra a ditadura de Vargas assim que o Brasil entrou na guerra. A facção do Partido próxima aos liberais, e outros, cuja posição era muito clara contra o nazismo e violentamente contra a ditadura (aquela à qual nos sujeitávamos), queriam aproveitar o enfraquecimento do nazismo, cujos primeiros sinais estavam sendo sentidos, para derrubar Vargas. Outro grupo achava que já que ele entrara em guerra ao lado dos Aliados, era preciso apoiá-lo, pois o fundamental era esmagar o nazismo. Esta era a posição da facção da Bahia e do Pará – deste grupo de reorganização do Partido – e depois tornou-se também a posição de Prestes.

A.R. – Esta posição também era a sua?

Jorge Amado – Sim, esta foi a minha posição. E, quando Prestes se pronunciou, todos se alinharam ao seu lado, todos os que estavam com os liberais, com raras exceções, mas em geral todos – o historiador Caio Prado, Mário Schemberg... os líderes do mundo intelectual. Quando no entanto organizamos o primeiro congresso de escritores, em 45, estavam todos divididos. A partir daquele momento, alguns se distanciaram do Partido, principalmente Carlos Lacerda, que foi quem mais se distanciou.

Tudo isso trouxe à baila um debate violento de 42 até o início de 45; até o momento em que Prestes, ainda não liberado mas já com a anistia a caminho, começou a receber visitas – uma das primeiras foi a minha –, definiu sua posição em apoio a Vargas. E todos a seguiram, pois naquele momento ele era um dirigente cuja palavra ninguém colocava em discussão.

Vargas queria manter-se no poder. Queria fazer eleger uma Assembléia Constituinte sem alterar o governo: ele permaneceria na chefia do governo, naturalmente com uma Assembléia Constituinte que permitisse que ele fosse eleito,

53 Ver entrevistas com Jorge Amado, em anexo.

evidente. Mas os militares, impulsionados pelos liberais aos quais já me referi, deram um golpe e derrubaram Getúlio Vargas.

Estas eram as posições. Qual das duas era a melhor?... Se fosse hoje... Eu não sei, não. Naquele momento, parece-me que a nossa posição foi correta. Eu a adotara aliás antes mesmo das palavras de Prestes, pois o grupo ao qual eu estava ligado e ao qual já me referi tinha esta opinião, antes mesmo do pronunciamento de Prestes. Os outros grupos pensavam diferentemente. Hoje eu não sei qual teria sido a posição correta. À primeira vista, era a outra, a dos liberais contra o Estado Novo. Mas na realidade eu não sei, pois o resultado foi a eleição para a presidência de um homem que de forma alguma era melhor do que Getúlio, o general Dutra, que fora seu ministro da Guerra, o homem que mais apoiou o Eixo nazifascista, que era o baluarte de Getúlio e que, sob todos os aspectos, foi um presidente lamentável. Foi ele quem, alguns anos mais tarde, expulsou os deputados comunistas, suprimiu o direito de greve, enfim, fez todas estas coisas. Hoje não sei porque ele aparece como tendo tido um governo extremamente democrático; é falso. Foi um governo muito reacionário, e ele era um homem incompetente, um militar incompetente.⁵⁴

54 RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 127 a 129.

Segunda Parte:

Jorge Amado e a Obra *Os Subterrâneos da Liberdade*

V - Jorge Amado – escritor literato e militante comunista: histórias em torno da obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Jorge Amado (1912 – 2001) vivenciou movimentos políticos nacionais e internacionais com muita intensidade. Foi um homem apaixonado pela vida, que acreditou na possibilidade de transformação da ordem mundial e também na transformação íntima dos diversos sujeitos. Amado foi contra as ditaduras que presenciou no mundo, travou lutas políticas contra o governo de Getúlio Vargas e se manifestou ativamente contra o movimento nazi-fascista. Nos anos das décadas de 1930, 1940 e meados de 1950, foi militante político comunista; era filiado ao partido PCB e acreditava que o Comunismo poderia ser uma alternativa positiva de substituição ao Capitalismo.⁵⁵ As diferenças de classes sociais e a exploração do trabalho no modelo Capitalista poderiam ser substituídas por outro modelo, que valorizasse sobretudo o ser humano em amplidão no espaço cultural⁵⁶. O sonho da liberdade, com o fim da miséria, com direitos plenos para todos, com possibilidades de melhor acesso à educação e à cidadania eram almejados, mas esse sonho no âmbito comunista só se realizaria com a luta e a transformação, e se preciso até diante da luta armada no conflito de classes. Tudo dependia da liquidação da classe burguesa pela classe proletária, para posteriormente seguir para uma situação de ausência de classes sociais, segundo teorias marxistas.⁵⁷ Esses pensamentos permeavam o ser de Amado, e pensamentos não são apenas sutis, podem também adquirir força e forma; e quando pensados coletivamente até podem ser potencializados. Dentro do movimento comunista, alguns pensamentos foram postos em prática social: com erros e acertos, com vitórias e fracassos. Muitas experiências vivenciadas na luta pela transformação serviram para reformular pensamentos, teorias e até mesmo práticas das esquerdas da política mundial. Então, a *Nova Esquerda* representada por alguns pensadores, intelectuais, políticos e cidadãos, vieram à tona, alguns anos mais tarde.⁵⁸

55 Sobre essas características de Jorge Amado, ver os seguintes textos:

- AGUIAR, Josélia. As cartas de uma vida inteira. *Entre Livros*, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 35-39, ago. 2006.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. *Entre Livros*, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

56 Entendendo a cultura como conceito amplo que permeia as atividades humanas na dimensão das artes, ciências, filosofias, políticas e sociedade.

57 Ver: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

58 Sobre a *Nova Esquerda* ver as obras:

- GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- HOBBSBAWM, Eric J. **Estratégias para uma esquerda racional**: escritos políticos 1977 – 1988. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação histórica da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1-3.

Como escritor, Amado também vivenciou várias experiências, seu trabalho artístico foi se reformulando diante das problemáticas que procurou enfrentar em seus textos. Ele não produziu somente obras de engajamento comunista, e também tratou de temas como o folclore, festas populares, questões de gênero, sexualidade e problematização regionalista (tal como da região do cacau no Brasil).

Muitos críticos literários brasileiros dividiram a obra de Amado em três fases:

- a) realismo proletário da década de 1930;
- b) crítico realista e/ou realista socialista do período entre a década de 1940 até 1958;
- c) escritor comercial e pitoresco após 1958.⁵⁹

As transformações que verificamos nas suas obras literárias, são também reflexos das suas mudanças de pensamento a cerca da política nacional e internacional. Em determinado momento, Jorge Amado foi um militante político partidário, em outros, foi um militante político social, preocupado com questões sociais que o levaram a escrever sobre sexo, casamento, delinquência juvenil, questões étnicas, entre outras problemáticas sociais.

Algumas pessoas que conheceram Jorge Amado relatam que ele foi um escritor que caminhava pelas cidades em busca de histórias: histórias de vida de sujeitos do cotidiano. Ele observava o mundo e falava sobre o que via, misturando sentimentos, fantasias, realidades e ficções em suas obras.⁶⁰

Escrevia livremente, com uma linguagem popular, simples e sem se prender as regras da norma culta da língua. Frequentemente observamos erros gramaticais, de pontuação e de grafia em suas obras.

Ele se denominava um contador de histórias, dizia que apenas contava histórias. Na obra *Cacau* (1933), Amado “provoca a crítica ao colocar em epígrafe a afirmação de que teria escrito o livro com um ‘mínimo de literatura’ e um ‘máximo de honestidade’.”⁶¹

O crítico literário Alfredo Bosi é categórico em seu comentário sobre a obra de Amado, ele diz:

Cronista de tensão mínima, soube esboçar largos painéis coloridos e facilmente comunicáveis que lhe franqueariam um grande e nunca desmentido êxito junto ao público. Ao leitor curioso e glutão a sua obra tem dado de tudo um pouco: pieguice e volúpia em vez de paixão, esteriótipos em vez de trato orgânico dos

- THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1969.

59 BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

60 AGUIAR, Josélia. As cartas de uma vida inteira. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 35-39, ago. 2006.

61 DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.

conflitos sociais, pitoresco em vez de captação estética do meio, tipos “folclóricos” em vez de pessoas, descuido formal a pretexto de oralidade... Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo. O populismo literário deu uma mistura de equívocos, e o maior deles será por certo o de passar por arte revolucionária. No caso de Jorge Amado, porém, bastou a passagem do tempo para desfazer o engano.⁶²

Muitas polêmicas são vinculadas a Amado, devido as suas escolhas políticas e sociais, mas é preciso rever toda a obra do autor e o tempo histórico que ele descreve e vivencia. Muitos preconceitos a respeito de Amado se dão devido a sua formação stalinista e ao seu engajamento com o Partido Comunista do Brasil – PCB.

Ao longo de duas décadas, entre os anos 30 e 50, ele mesmo admitiu, Stalin foi seu ídolo. (...) Já em 1951, exilado em Praga com a mulher Zélia Gattai, e com grande amargura, ele desconfiava dos métodos do regime soviético. “As dúvidas crescem, não devemos duvidar, não queremos duvidar”, debatia-se. As revelações feitas por Nikita Krushev, em 1956, a respeito dos terrores do regime de Stalin foram uma pá de cal em suas crenças.⁶³

Observando dois momentos da obra literária de Jorge Amado, temos que entre os anos de 1931 a 1954, aproximadamente, o autor fez escolhas ideológicas sobre sua postura no mundo e essas escolhas ficaram refletidas em seus trabalhos. Entre as obras *O país do carnaval* (1931) até *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), “prepondera a representação dos antagonismos sociais e políticos, segundo o paradigma da luta de classes.”⁶⁴

A partir de 1958 com a obra *Gabriela, cravo e canela*, o autor se posiciona politicamente de outra forma, denunciando outras questões sociais, tais como as relações de gênero, em trabalhos não menos importantes. O autor mudou o seu olhar político e também desejou outras temáticas.

A biografia de Amado se mistura bastante com a primeira e segunda fase de sua obra. Ele foi um sujeito atuante em seu tempo sobre várias concepções políticas e ideológicas. No entanto, procuramos observar cautelosamente a obra e o autor, pois são dois elementos e objetos de pesquisa diferentes. Nesse trabalho, vamos focar o olhar, principalmente, no livro *Os Subterrâneos da Liberdade*.

A obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, que foi publicada pela primeira vez em 1954, é bastante extensa, composta pela trilogia: *Os Ásperos Tempos*, *A Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*; e segue uma estética *realista socialista*.⁶⁵ A obra movimenta 151 personagens

62 BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981, p. 458 e 459.

63 CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 28, ago. 2006.

64 DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.

65 Sobre a estética realista socialista nas obras de Jorge Amado, ver: CERQUEIRA, Nelson. **A Política do Partido Comunista e a Questão do Realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

denominados e 104 anônimos, totalizando 255 personagens ⁶⁶. A narrativa apresenta, principalmente, a movimentação comunista na década de 1930, que foi marcada por diversas experiências e lutas.

Em epígrafe da obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, Amado escreve:

Buscava el amanhecer
y el amanhecer no era.
(García Lorca)

Metida tenho a mão na consciência
e não falo senão verdades puras
que me ensinou a viva experiência
(Camões – Sonetos) ⁶⁷

Essas duas epígrafes são bastante sugestivas. Primeiramente no trecho de García Lorca, a busca pelo amanhecer remete também a busca de um sonho comunista, o qual a obra relata, mas o sonho não se concretizou e, portanto, o amanhecer não se fez presente. E no trecho de Camões, Amado expõe que há também suas memórias vivenciadas. Escreve em estilo literário e ficcional, mas refere-se a episódios vividos, conhecidos e sentidos. Como escritor, Amado fez a opção estética da literatura aproximada à vida e às experiências sociais. E ele também foi um militante comunista que acompanhou reuniões e decisões do PCB sobre diversas ações. Em várias entrevistas, Amado afirmou que via em seu trabalho a possibilidade de engajamento social⁶⁸. O escritor foi um artista cheio de sonhos sobre um mundo transformado e melhor. Além disso, acreditou na via comunista para tamanha transformação. A obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, narra, sobretudo, sonhos e lutas de militantes comunistas a caminho de uma transformação mundial. O PCB é apresentado na obra, como um grande partido: um partido político de todos, mas com suas normas à serem seguidas.

O próprio Amado, foi um militante sonhador, mas o tempo passou e mostrou que todo o ideal soviético não existia concretamente. Pouco tempo depois da publicação da obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, Amado pôde verificar gradativamente os erros cometidos pelo movimento comunista, os crimes de Stalin e a derrocada dos sonhos para a transformação mundial.

66 TAVARES, Paulo. **O Baiano Jorge Amado e sua obra**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

67 Epígrafe da obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado.

68 DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

Durante sua vida, Amado falou sobre sua obra em entrevistas diversas, e sobre o livro *Os Subterrâneos da Liberdade*, a autora Alice Raillard⁶⁹ fez algumas perguntas que levaram Amado a relembrar o passado e algumas histórias apresentadas na obra.

Ele conta, nessa entrevista, que escreveu sobre fatos que realmente aconteceram, mas que foram acrescentados com ficção para formar uma obra artística. Amado aproveitou-se de exageros e ironias, e talvez até mesmo de suas ingenuidades.

Jorge Amado confirma que a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* é também um texto que revela a luta comunista contra o Estado Novo; uma obra que mostra fatos históricos (como ele próprio afirma)⁷⁰. Muitos personagens da obra são construções imagéticas de pessoas que Amado conheceu e com quem conviveu de alguma forma: alguns mais próximos e outros mais distantes.

Ainda explica que em *Os Subterrâneos da Liberdade*, opta por criar um romance que apresentasse a temática política com conotação stalinista e fica claro para o leitor que trata-se de um romance que apresenta o PCB, as tramas partidárias em um momento histórico que o partido atuava clandestinamente e uma vanglorização da imagem de Stalin como um líder fiel as causas comunistas e valores humanitários positivos. Amado ainda explica e justifica que até a década de 1950, muitos intelectuais confiaram em Stalin, como líder político positivo e para ele, somente mais tarde, ficaram claras as atitudes autoritárias e violentas desse líder político da União Soviética.⁷¹

A União Soviética também é apresentada positivamente: como um lugar onde se construía o Comunismo. Há passagens na narrativa em que personagens mostram beleza e acolhimento ao falarem sobre a União Soviética.⁷² Jorge Amado explica que esses sentimentos estavam presentes entre muitos intelectuais, que acreditavam que aquele era um lugar em transformação. Muitos eram stalinistas e a favor das estratégias políticas postas pela

69 RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 123 a 152. (Ver entrevista em anexo).

70 Ver entrevistas com Jorge Amado, em anexo.

71 Sobre isso, conferir entrevista com Jorge Amado em anexo.

72 Vejamos essa passagem literária:

“Quando eu penso que nós somos milhões pelo mundo afora e que existe a União Soviética, sinto-me feliz. Era meu remédio na cadeia contra o ‘abafamento’. É nos dias de visita que a coisa acontece: a gente vê os parentes, a mãe, a irmã, ouve as notícias dos amigos, daquele mundo vivendo lá fora, adiante dos muros... É o pior dia da cadeia ao mesmo tempo que o melhor... Dialético, como você vê... Nesses dias, quando o ‘abafamento’ me ameaçava, eu pensava na ‘velha’ – por ‘velha’ designava a União Soviética, como por ‘velha’ designava carinhosamente sua própria mãe –, no povo construindo um mundo alegre, e imediatamente estava outra vez curado, ia ‘desabafar’, os outros... Remédio batata...”. AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 99.

União Soviética, mas isso logo mudou. Talvez Amado tenha demorado um pouco mais para mudar de opinião sobre o que pensava a respeito do ideal comunista⁷³ e questões envolvendo os crimes cometidos por Stalin – as torturas, as prisões inconsequentes foram aparecendo aos poucos para Amado. Primeiro ele se negou a acreditar no que muitos lhe diziam. As pessoas falavam com medo e as escondidas para que não fossem presas, e então, Amado não entendia o que se passava. Para ele a compreensão se tornava ainda mais difícil devido a todo o seu envolvimento e militância orgânica no partido brasileiro.

Havia sido eleito deputado em 1946 pelo PCB. E ele afirma que ser deputado não era o que pretendia, mas o partido lhe indicou essa tarefa, e então, aceitou.⁷⁴ Depois, ainda militante e ligado ao partido, e também sonhador quanto as transformações revolucionárias comunistas, foi convidado a ir para a União Soviética pela União dos Escritores da Tchecoslováquia, onde ficou escrevendo *Os Subterrâneos da Liberdade*⁷⁵. Enquanto escrevia, relembra a militância no Brasil, e essa obra trata sobretudo das experiências brasileiras a partir de memórias de Amado acrescida de toda ficção que a literatura permite e que o autor propôs usar; além do que conversava e vivenciava sobre o comunismo enquanto esteve a escrever a obra.

Nesse emaranhado de atividades políticas e literárias que Amado realizava era possível que seus olhos não tivessem amplidão para o que estava acontecendo na União Soviética: o autoritarismo e não a liberdade, uma sociedade hierarquizada e não o fim da sociedade de classes. E também não foi simples romper com o mundo que Amado queria ver, pois ele via o mundo soviético a seu modo e menos como era realmente. Outros militantes de esquerda também passaram por essa ausência de visão ampliada (vendo o que queriam ver por conveniência, ingenuidade ou utopia). Não cremos que Amado tenha sido conveniente com a violência que se estendia e nem mesmo que tenha sido ingênuo, mas sim utópico.

73 Na entrevista o próprio Amado explica que ele demorou um pouco a compreender o autoritarismo stalinista. Ver entrevistas em anexo.

74 Conferir entrevistas com o autor Jorge Amado, em anexo.

75 Talvez a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* tenha sido um livro encomendado pela ordem comunista soviética. Não tenho elementos suficientes para afirmar isso, mas os documentos (relatos, entrevistas e referências bibliográficas) indicam que Amado escreveu toda a obra dentro da União Soviética em uma casa que abrigava artistas diversos, chamada *Castelo dos Escritores*: “Perseguido no Brasil, o escritor é aclamado no leste europeu, instala-se no ‘Castelo dos Escritores’ da Tchecoslováquia, antiga residência de aristocratas que o governo comunista transforma em hospedaria para os novos ‘engenheiros da alma humana’. É aí que escreve os três volumes do romance, entre novas viagens, palestras e congressos. Desse contato – intelectual e político com a realidade do comunismo, nasce o inegável perfil apologético dos Subterrâneos.” In.: DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995, p. 273 e 274.

Amado ainda relata em entrevista⁷⁶, que quando passou a ver e aceitar os crimes cometidos por Stalin na União Soviética, sentiu imensa tristeza e passou um período deprimido. Considera ainda, que foi tão forte esses sentimentos que sua esposa, Zélia Gattai, não entendeu porque ele havia entrado em profunda tristeza, pensando até que poderia se tratar de um caso extra conjugal com alguma mulher.

Depois da publicação de *Os Subterrâneos da Liberdade* e logo em seguida a aceitação do autoritarismo stalinista, Amado passou a escrever outro tipo de literatura. Não mais uma literatura que colocasse em evidência algum partido político com tanto afínco, mas uma literatura que se voltava para outras temáticas sociais: família, religião, sexualidade. Ele também afirma que não mais gostava de *Os Subterrâneos da Liberdade*, que era uma obra com alguns problemas, mas que não iria revisá-la, porque essa obra foi consequência da experiência de um tempo. É um trabalho do autor Jorge Amado que representa um certo momento de sua vida, mas já não era mais uma obra que ele gostasse. No entanto, continua a ser um livro importante devido a aspectos políticos que mostra.

Amado nunca negou o sonho comunista de um mundo sem classes sociais e livre, mas em certo momento de sua vida soube fazer pertinentes críticas políticas em torno do que viu no movimento comunista.⁷⁷ Ele foi um homem partidário, mas à medida que via o que não concordava, expunha sua opinião. Além, de ter sido também um homem público e popular devido aos seus trabalhos de literatura. Muitos críticos literários, jornalistas e pesquisadores queriam ouvi-lo sobre sua posição política e artística: os dois principais campos em que atuou.

Na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, Amado expõe, entre outros fatos, histórias políticas que ele também vivenciou. A obra é narrada em terceira pessoa, com narrador que observa acontecimentos vivenciados por Amado e contados literariamente pelo escritor.

Já em entrevista, anexa nesse trabalho, Amado explica como estava o Brasil e o partido PCB na década de 1930⁷⁸ e dentre outras situações em 1939 começaram perseguições paulatinas ao partido, muitos militantes foram presos e ele próprio era preso frequentemente. Esses acontecimentos dificultavam a manutenção do partido, afastavam os militantes políticos da organização partidária e também desgastavam psicologicamente todos os envolvidos nessa

76 Ver entrevistas em anexo.

77 Amado se decepcionou com o governo stalinista, mas mesmo pouco antes de sua morte ainda afirmou: “Só resta o socialismo, mais nada”. Se referindo talvez a um projeto que beneficiasse a humanidade, com uma proposta coletiva e democrática, nunca alcançada. Ver: CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 33, ago. 2006.

78 Ver entrevistas em anexo.

trama, inclusive ele próprio. Até que se exilou na Argentina em 1941 clandestinamente, sem documentos: passaporte e identidade.

Na Argentina, Amado escreveu a obra *O Cavaleiro da Esperança*, cuja obra apresenta a biografia do militante comunista Luís Carlos Prestes. Segundo Amado, o objetivo principal ao escrever essa obra era apoiar uma campanha em favor da anistia de Prestes, que estava preso, e também em favor da anistia de todos os prisioneiros políticos e também dos exilados políticos. *O Cavaleiro da Esperança* era uma obra que fazia parte de um movimento político que terminou afirmando outro movimento: o movimento pela democratização e antinazismo. Todas essas questões são retratadas, posteriormente, na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, por meio dos personagens. (É retratada a prisão de Prestes e a luta por sua anistia; o antinazismo; e a reivindicação da democracia no Brasil durante a ditadura Vargasista).

Amado não ficou isolado na Argentina e encontrava-se constantemente com outros militantes. Havia exilados diversos: pessoas ligadas ao partido comunista, outros que haviam composto a ANL – Aliança Nacional Libertadora, outros eram ex-oficiais e soldados do exército brasileiro que haviam participado da movimentação e tentativa de tomada do poder em 1935. Amado afirma que foi um momento político intenso no Brasil e também no exterior. Além disso, ele mantinha muitos contatos políticos e se tornou uma ligação entre o Partido Comunista (PCB) e o grupo liberal ligado ao político Armando Salles de Oliveira, que em 1937 foi candidato a presidência da república brasileira, mas nesse momento as eleições não ocorreram, pois Getúlio Vargas aplicou um golpe político e se manteve no poder. Embora Amado não compartilhasse ideias políticas em comum com esse grupo, eles mantinham certa ligação e diálogos. Então, entendemos que durante a ditadura varguista diversos grupos exilados do Brasil continuavam a atuar politicamente com ideias e interseções indiretas e Amado participou desse movimento ligado ao PCB.

De forma cômica, Amado relata que tornou-se amigo, embora fossem divergentes politicamente, de Julio Mesquita – diretor e proprietário do jornal *O Estado de São Paulo*. Julio Mesquita era uma das pessoas ligadas ao político Armando Salles de Oliveira. O jornal *O Estado de São Paulo* havia sido fechado por Getúlio Vargas e Julio Mesquita se exilou no Uruguai.

O governo Vargas havia se aliado às forças políticas nazifascistas e deste modo as ordens de prisão e tortura dos militantes comunistas tornaram-se mais fortes. Segundo Amado, o partido praticamente foi aniquilado nesse período e quando retornou ao Brasil em 1942, havia poucos grupos comunistas espalhados pelo país: poucas pessoas no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul. Com o partido comunista fragmentado, um grupo se

aproximou dos liberais que antes ligavam-se a Armando Salles de Oliveira e outros mantiveram um ideal de luta contra o nazifascismo. Isso levou a uma grande cisão no partido comunista que segundo Amado, despertou debates entre 1942 a 1945.

Conforme Amado, fazendo uso de sua própria opinião, Getúlio Vargas foi um político oportunista. Ora se aliou aos nazifascistas, ora aos estadunidenses: dois inimigos declarados do movimento comunista. Os nazifascistas eram inimigos devido as suas concepções políticas e atitudes de violência e os estadunidenses por suas atitudes imperialistas de sobreposição econômica em âmbito global. A obra *Os subterrâneos da Liberdade* deixa exposto essas questões na narrativa, que apresenta em diversos momentos ideologias comunistas e a negação ao nazifascismo e ao imperialismo.

O nazifascismo e o imperialismo econômico capitalista eram duas vertentes que os comunistas queriam destruir, segundo a narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade*.⁷⁹ Duas forças que não condiziam com a proposta comunista de sociedade sem classes sociais: o nazifascismo pregava a manutenção da ordem de classes e ideologicamente pregava a ordem burocrática entre empresários e trabalhadores e as indústrias estadunidenses também seguiam esse pensamento da ordem no trabalho entre proprietários (patrões) e não-proprietários (empregados). Enquanto os comunistas pregavam a luta de classes para se conquistar o fim das classes sociais – tratava-se da luta entre burguesia e proletários, segundo as teorias marxistas.

Tudo isso vai sendo apresentado na obra em lutas ideológicas constantes entre os personagens. Sobre esse movimento de luta, Jorge Amado, até disse posteriormente que a obra lhe parece mostrar relações preto e branco: sem nuances intermediárias, sem as relações que regem o entremeio de patrões e empregados e que isso correspondia ao stalinismo da época, que não apresentava o entremeio das relações sociais; apresentava apenas dois grandes pólos: as duas classes sociais em luta.⁸⁰

79 A narrativa apresenta a movimentação comunista pela cidade de São Paulo e relata que comunistas usavam o artifício da pichação de muros da cidade para manifestarem suas intenções e luta:

(...) “a inscrição em piche que mãos desconhecidas haviam traçado sobre os sólidos muros do edifício monumental da Light & Power, monopólio americano da energia elétrica:

ABAIXO O IMPERIALISMO IANQUE E VIVA O P.C.B.”

AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 16.

Em outra passagem um personagem militante comunista fala sobre seus desejos e aponta aliados e inimigos, vejamos:

“- (...) Não quero morrer agora com Hither no poder e Thallman preso, Mussolini no poder e Togliatti no exílio, com Getúlio no governo e Prestes na cadeia.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 84.

80 Ver entrevistas com o autor Jorge Amado em anexo.

VI - Enredo, personagens e imagens do movimento comunista na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

* A personagem Mariana: uma militante ideal para o PCB.

Mariana é uma personagem criada por Jorge Amado, na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*: intensa, gentil, idealista, corajosa e apaixonada pela vida. É mulher que rompe barreiras de preconceito, enfrenta a própria família por seus ideais, reúne trabalhadores nas indústrias e sindicatos onde atua, pensa sempre nos trabalhadores, pobres e oprimidos. Ainda aprende a seguir as normas do partido comunista com todo rigor que lhe exigem, porque ele é também o seu partido e uma extensão de sua própria vida.

Essa imagem é carregada de ares positivos sobre o ser comunista e podemos nos perguntar quantos militantes comunistas iguais a Mariana haviam realmente no partido? Se fossem muitos e tivessem o poder de convencimento da população mundial em larga escala talvez tivessem realizado a tão sonhada *Revolução Comunista*.

Talvez Jorge Amado tenha, em algum momento, pensado que poderia haver muitos/as militantes comunistas como a personagem Mariana para a consagração da *Revolução*. Talvez ele próprio tenha conhecido alguma militante como Mariana, com características parecidas com as que são descritas na narrativa literária.⁸¹

A maneira como a personagem Mariana estrutura sua vida em torno da militância é uma reivindicação do próprio movimento até em âmbito internacional. O autor Gérard Vincent, no texto: *Ser comunista? Uma maneira de ser*⁸², explana um pouco essa questão ao analisar a vida privada do militante comunista no Partido Comunista Francês – PCF. Em especial esse texto nos chama a atenção quando comparado com características da militante literária de Amado em *Os Subterrâneos da Liberdade*: a personagem Mariana. Lendo os textos sobre o PCF e o PCB, verificamos semelhanças e diferenças em alguns aspectos.

O historiador francês Vincent, ressalta que o militante comunista precisava doar sua vida pessoal às atividades partidárias por diversos motivos: por questão organizacional do partido, para garantir segurança e integridade física para si e para os outros militantes e para pôr em prática um jeito comunista de vivência no mundo. Vejamos o que diz Gérard Vincent:

81 Ver em anexo a entrevista com Jorge Amado sobre a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* em que ele afirma que muitos dos personagens que ele criou foram baseados em pessoas reais que ele conheceu.

82 PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 398 - 427.

A subsociedade comunista se apresenta como uma “grande família. Ela se funda sobre a família. É flutuante a fronteira entre a vida militante e a vida privada. São frequentes os casamentos entre militantes. A ascese moral comunista é uma continuação da judaico-cristã. Os casais não precisam ter papel passado, mas devem ser duradouros. O adultério é condenado, e o divórcio não é aceito, a não ser que um dos cônjuges não seja comunista. Nesse caso, admite-se que a vida conjugal seja impossível. O donjuanismo é considerado como uma atividade deplorável, pequeno-burguesa, que troca a finalidade do Partido – a Revolução – por preocupações erótico-sentimentais que devem continuar em posição secundária. As instâncias superiores, tal como Savonarola em Florença, velam pela preservação da ordem moral. “Conhecendo poucos ‘quadros’ do aparelho, eu ainda desconhecia a inquisição da vida privada, os amores decapitados por decreto, os responsáveis ‘devolvidos à base’ por ligações perigosas... ou simplesmente porque a esposa, boa militante, tinha se queixado de costumes indignos de um comunista.” A vida familiar é inteiramente subordinada às exigências da militância: o expediente é de tempo integral, e é difícil ou até impossível que um cônjuge não comunista conviva com uma pessoa tão absolutamente engajada. “Vê-se o Partido como uma grande máquina... Na verdade, são pequenas tarefas... Levar 100 mil sujeitos ao Palácio dos Esportes para o Programa Coletivo, isso não se faz sozinho. São degraus!”⁸³

O historiador é taxativo em sua análise sobre o sujeito comunista, já a narrativa em *Os Subterrâneos da Liberdade* mostra todas essas características com mais suavidade, mostra as escolhas de um “verdadeiro” comunista feitas racionalmente a partir de suas decisões pessoais, e o que percebemos, fazendo uma breve comparação entre os textos é que havia sim um direcionamento ideal para o militante “perfeito”. Um direcionamento que talvez não passasse totalmente pela imposição, mas um direcionamento racional, moral, motivador e algumas vezes constrangedor (quando expunha questões particulares dos sujeitos). Os comunistas se uniam em uma rede de acordos comuns e mantinham um jeito de ser coletivo. É claro que isso se rompia para alguns, mas ainda é o que se explica “levar 100 mil sujeitos ao Palácio dos Esportes para o Programa Coletivo”.⁸⁴

Mariana é uma personagem comunista que agrega em si os valores da organização, do partido e faz isso por uma escolha política e por uma causa política. Provavelmente houve pessoas que foram militantes parecidas com a personagem Mariana, aqui até podemos citar Patrícia Galvão, a Pagu, que descreve comportamentos semelhantes sobre suas escolhas políticas em certo momento de sua vida, se dedicando à causa comunista, ao partido e à revolução em que acreditou, pondo em destaque sua própria vida pessoal.⁸⁵

83 PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 415.

84 PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 415.

85 Pagu foi militante comunista nos anos de 1930 e descreve suas experiências na obra: GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

A obra apresenta a personagem Mariana – uma figura ficcional, que pode representar imagens reais de um tipo de militante que é apaixonada pela causa comunista. Ela acredita que a *Revolução Comunista* é um caminho para a libertação dos trabalhadores oprimidos pelos baixos salários, pela ausência de qualidade de vida, pela opressão das longas jornadas de trabalho, pela exploração da mão de obra infantil e, sobretudo, pelo fim das relações de *Classe Social*, da teoria marxista.

Mariana é filha de um operário comunista. Desde a sua infância acompanha a luta do pai no movimento comunista e passa a ligar esse movimento político a significação da paternidade. O amor que ela sente pelo pai foi crescendo durante a sua vida, assim como o amor pelo movimento comunista. Por vezes, Mariana via o pai lendo vários livros: “*O Manifesto Comunista, Origens da Família, O Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo*, um resumo do *Capital* em espanhol.”⁸⁶. Esses livros que o pai tanto gostava e cuidava, tornaram também objetos de gosto e cuidados de Mariana. Ainda, na casa da família de Mariana, frequentemente, chegavam outros militantes comunistas para conversas em reuniões do Partido. Mariana ia acompanhando tudo, ainda criança, sem largo entendimento sobre o que via e ouvia.

O pai de Mariana se identificava com o movimento e se engajou fortemente na luta. A família morava na cidade de São Paulo e o pai de Mariana trabalhou em algumas fábricas da cidade. No seu ambiente de trabalho atraía os outros trabalhadores para a discussão sobre classe social, relações de trabalho e direitos trabalhistas. Fazia isso em conformação com a proposta do Partido Comunista, que visava fortalecer o movimento com a participação de outros trabalhadores, mas logo que os grupos diretores das empresas percebiam que se formava um clima de revolta entre os trabalhadores, devido as ideias em torno das questões do trabalho, então, o pai de Mariana era demitido por ter sido o iniciador dos conflitos entre empregados e empregadores. Assim, sua família sofria a ausência de melhor qualidade de vida, devido às diversas vezes que seu pai esteve desempregado pelo mesmo motivo: envolvimento ativo na luta comunista. A mãe de Mariana precisava trabalhar para ajudar o marido com a manutenção das despesas domésticas e tão cedo as meninas, Mariana e sua irmã, também tiveram que trabalhar para contribuir com o sustento familiar. Elas trabalhavam em uma indústria têxtil em São Paulo.

Para essa família a vida não era fácil, todos trabalhavam para sobreviverem, e o pai de Mariana, confiante na luta comunista como mecanismo de transformação social, estava

86 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 62.

sempre junto aos sindicatos e reuniões de trabalhadores. Para os empregadores, ele era um desertor, um sujeito perturbador da ordem social e não devia ser aceito como um modelo a ser seguido. Assim, o pai de Mariana por diversas vezes esteve desempregado, mal conseguia um novo trabalho e já levava para os companheiros as ideias de revolta para a transformação e *Revolução* das relações de classes sociais, especialmente a partir das transformações trabalhistas. Quando era demitido, quem sofria com as consequências do desemprego era principalmente sua família. O pai de Mariana, entretanto, não desistia de sua luta; ele era um militante corajoso, dedicado, e que doava seus sentimentos de afeto e ideais à *Revolução Comunista*.

A irmã de Mariana não gostava dessa situação que viviam, mas Mariana pouco a pouco passou a entender a luta de seu pai. A irmã de Mariana, ainda jovem se casou com um pequeno empresário, dono de um açougue e mudou toda a sua vida. Tornou-se dona de casa e não precisava mais trabalhar para garantir o seu sustento. O marido não era um homem rico, mas garantia a ela uma vida confortável, desta maneira não quis manter nem o menor contato com o movimento comunista, pois não concordava com as atitudes do pai e também não concordava com Mariana.

Diferentemente, Mariana continuou a trabalhar na indústria e não se interessava por namoros, compras e roupas, que poderiam ser distrações para uma jovem menina. Mariana passou a ler os livros do pai e a se interessar enormemente pela luta dele e que tornou também sua.

A irmã de Mariana era feliz por ter escolhido viver de acordo com os padrões sociais capitalista e era o oposto de Mariana e por suas diferenças as duas não se entendiam, estavam sempre discutindo. Tão logo entendemos que essas duas personagens representam escolhas sociais quanto a postura diante da vida. A irmã escolheu uma vida tranquila no casamento, com possibilidades de acesso às compras que o dinheiro do marido poderia proporcionar, já Mariana escolheu tornar-se militante, revoltar-se contra injustiças, lutar com sua própria vida pela causa comunista, mesmo que suas atitudes custassem sua tranquilidade no trabalho, para o consumo e até em suas relações pessoais. Isso é mostrado claramente na narrativa.⁸⁷

87 “A irmã, num vestido novo de luto, conversava na esquina com um namorado: o açougueiro do bairro, com quem se casou meses depois, deixando para sempre a fábrica e distanciando-se cada vez mais de Mariana.”

(...)

(*Diálogo entre Mariana e sua irmã*):

“- Não basta o que o pai nos fez com essas idéias...

- Que ele fez?

Mariana é uma personagem estereotipada da militante ideal, que luta com todos os seus sentimentos positivos pela causa comunista, projetada a partir da imagem de pessoas reais. E tornamos a salientar que existem relatos de militantes que fizeram escolhas parecidas com as escolhas feitas pela personagem Mariana.⁸⁸

Voltando à narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade*, certa vez o pai de Mariana foi preso, como já havia acontecido antes e na prisão fora torturado, saiu com sequelas da violência sofrida e morreu poucos dias depois de liberto. Ele era um comunista e frequentemente perseguido pela polícia. Mariana acompanhara todo esse sofrimento que era enorme para ela. E no leito de morte do pai, Mariana, jurou que continuaria sua luta por um mundo onde os trabalhadores não mais sofressem tais cometimentos da ausência de dignidade e qualidade de vida no âmbito do trabalho.

Contudo, Mariana já frequentava as atividades comunistas, participava de encontros e reuniões, mas ainda não era uma militante partidária. A narrativa explica que para tornar-se filiado ao partido comunista (PCB) era preciso mostrar provas de comprometimento à causa comunista. Os sujeitos tinham seus comportamentos observados e analisados, assim se deu com Mariana que foi avaliada pelo grupo, até que recebeu a admissão para o ingresso no Partido. A obra aponta que era um partido clandestino e com poucos militantes, mas era um partido de efeito social, com um grupo atuante e hierarquizado.

A narrativa ainda mostra que o partido se dividia entre *componentes líderes* e *componentes de base*. Os líderes articulavam ideias e levavam-nas para a prática junto com os componentes de base. Sobre isso, há uma imensa discussão quanto a atuação coletiva e democrática no partido. Embora, falavam em trabalho coletivo e democrático, os líderes tinham destaque e poderes superiores ao restante do grupo. De certa forma, os componentes de base realizavam o que havia sido estruturado pelos líderes. Essa era uma falha na estrutura democrática do partido, mas os líderes alegavam que tratava-se de uma medida necessária na organização partidária e que os componentes das bases deveriam compreender essa estrutura

- Muitas vezes a gente comeu porque os vizinhos tinham pena...

- Não tinham pena, eram solidários.

- Não sou doutora pra escolher palavras. Não basta o que a mãe já sofreu? Ou você quer matar a pobre de desgosto?

- A mãe sabe que o pai tinha razão e que eu tenho razão. A mãe não abandonou a sua classe...

- Isso é uma acusação? Bonito futuro em cima de uma máquina de fiação. Pra você sou uma criminosa porque abandonei um trabalho desgraçado pra casar com um homem honesto e trabalhador? Manuel não é nenhum letrado, mas ele não é também nenhum burro e todo dia ele me diz que esse negócio de comunismo só serve para atrapalhar a vida...". AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 69, 77 e 78.

88 Ver: GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

para o melhor desenvolvimento do grupo coletivo.⁸⁹ Mariana entendia e aceitava essa prerrogativa.

Nesse ambiente, Mariana iniciava suas atividades partidárias. Ela que já amava o movimento e tinha-o como certo e coerente, começou a trabalhar nas reuniões de células, em tarefas dentro da fábrica em que era funcionária: trabalhava com distribuição de material informacional do partido, com trabalhos de finanças e estudo da teoria que embasava o movimento. A narrativa explica que as células eram organizações semi-secretas, dentro das próprias fábricas, organizadas pelos militantes comunistas em que o objetivo era atrair os trabalhadores para o diálogo político e partidário. Como Mariana era operária em uma fábrica paulista, ali contribuía para a organização de um grupo celular do partido, e essa era mais uma de suas tarefas de militante.

Mariana exercia a função que o partido lhe determinasse e a cada tempo uma nova atividade era proposta. Ela trabalhava como militante com vigor e apaixonada por cada trabalho realizado. Acreditava que aquelas pequenas atividades eram os caminhos que levavam à *Revolução*: a revolução comunista, a revolução que iria garantir mais dignidade aos trabalhadores e que ela, assim como os outros militantes do partido eram os responsáveis por guiar todos os trabalhadores. Assim, o partido se figurava como um grupo de vanguarda na senda guiadora dos trabalhadores.⁹⁰

Ao longo do tempo, Mariana realizou muitas atividades de base, como algumas atividades de pichações em muros da cidade com inscrições de palavras de ordem do movimento comunista pondo em risco até mesmo sua segurança, pois se a polícia encontrasse esses indivíduos pela cidade pichando muros, era realizada a prisão dos mesmos. A narrativa

89 O autor Chilcote também explica sobre a organização entre os componentes líderes e componentes de base no PCB. Ver: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

90 Essa idéia de “força guiadora das massas” foi bastante criticada por diversos autores.

Sobre esse momento descrito, vejamos como é narrado na obra:

“A célula era pequena naquele tempo e o recrutamento fazia-se cercado de medidas de grande segurança; somente os mais provados nas lutas sindicais eram trabalhados para vir ao Partido. Mas aquela pequena célula ilegal dirigia os acontecimentos na fábrica, dali partiam as palavras de ordem reivindicativas, dali nasciam as agitações por aumento de salários, fora aquela pequena célula o centro diretor da grande greve que reuniu todos os operários da fábrica, no ano de 1934, greve vitoriosa que consolidara o prestígio dos comunistas entre os trabalhadores. Mariana fizera parte do comitê de greve, eleito em tumultuosa assembléia de sindicato. Desenvolveu intensa atividade naqueles dias difíceis, quando era necessário convencer as operárias – grande percentagem na fábrica têxtil – das possibilidades de vitória, das vantagens que se seguiriam àqueles dias sem salário quando crianças choravam pedindo o que comer. E tão bem trabalhou que, durante os piores dias, após a prisão de alguns companheiros e a despedida, pela direção da fábrica, de todo comitê de greve e de outros operários, quando vários davam o movimento como derrotado, foram as mulheres as primeiras a votar pela sua continuação, já agora exigindo não apenas o aumento de salário, causa anterior da greve, mas também a liberdade dos presos e a reintegração dos demitidos.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 69 e 70.

ainda explica que aquele era um momento de Estado autoritário no Brasil: a ditadura varguista. E os comunistas eram declaradamente inimigos do Estado. Pode parecer muito pequena a inserção do movimento comunista que utilizava as atividades de pichação de muros da cidade, mas essa era também a forma que encontravam para se manifestarem diante da população da cidade, que passava pelas ruas e via as inscrições, que eram feitas, geralmente, na calada da noite, por grupos que desejavam a *revolução*.⁹¹

Em seu trabalho na fábrica têxtil, Mariana, também não ficou empregada por muito tempo, e logo foi demitida por ser um elemento motivador de revoltas dentro da fábrica. Sempre conversando com os amigos/as-operários/as sobre greves, manifestações e direitos trabalhistas desestruturava a ordem produtiva das fábricas. Após ser demitida, foi difícil conseguir outros empregos e quando conseguia, logo se envolvia com novas atividades comunistas e era novamente demitida. Mariana já estava vivendo como viveu seu próprio pai – que também fora um militante comunista. Uma pessoa à margem da ordem social hegemônica.

Com todas as atividades realizadas, Mariana foi tornando-se admirada pelo grupo comunista, e logo conheceu alguns dirigentes partidários de São Paulo: Ruivo, Zé Pedro, Carlos e João. Esses personagens que são destacados em vários momentos na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, são líderes partidários regionais de São Paulo que vão acompanhar a personagem Mariana. Então, ela recebeu a função de tornar-se a informante do partido: Mariana seria a responsável por levar informações entre um militante e outro. Com essa função ela passou a conhecer o endereço de praticamente todos os líderes partidários de São Paulo. Era uma tarefa importante e exigia confiança e destreza, pois Mariana poderia ser seguida pela polícia política e colocaria todos em risco. A narrativa registra que quando algum comunista era preso, eles passavam por interrogatórios seguidos de ataques violentos da polícia que averiguavam o que queriam – há longos relatos de torturas policiais contra os

91 A narrativa apresenta o impacto das pichações do PCB para um personagem que passa pela cidade e vê os escritos cheios de significados do movimento comunista:

“Chovera no princípio da noite e o automóvel atravessara uma cidade molhada e semideserta nas ruas silenciosas do bairro elegante. Através dos vidros, Artur enxergava os postes elétricos derramando uma luz baça sobre gotas d’água, dando-lhes um brilho de pedra preciosa. À proporção que avançavam para o centro da cidade o movimento aumentava e a marcha se fazia lenta. Uma longa fila de autos atulhava o viaduto do Anhangabaú, dirigindo-se ao Teatro Municipal. Enquanto esperava o descongestionamento do trânsito, Artur leu, quase soletrando através dos cristais úmidos, a inscrição em piche que mãos desconhecidas haviam traçado sobre os sólidos muros do edifício monumental da Light & Power, monopólio americano da energia elétrica:

ABAIXO O IMPERIALISMO IANQUE E VIVA O P.C.B.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 16.

militantes comunistas, nessa obra literária.⁹² Mariana e todo o grupo sabiam disso e precisavam se prevenir dos ataques. É mostrado que um verdadeiro confronto estava posto na sociedade brasileira devido ao Estado autoritário e a movimentação comunista⁹³, que mantinham-se em conflito.

Mariana aceitou essa nova função muito bem, mas para tal era preciso não mais atuar em trabalhos de base, tais como pichações de muros e outras atividades que a expusesse em demasiado, mas certo dia, Mariana foi chamada por um companheiro para realizar uma pichação. Eles precisavam de mais pessoas em grupo para garantir a segurança de todos. Era necessário uma pessoa em cada esquina, vigiando a rua e outra para realizar as inscrições no muro e caso a polícia passasse próximo ao local teriam tempo para fugir, já que um companheiro faria sinal para os outros. Mariana não pôde aceitar ao chamado do companheiro para realizar essa atividade, porque já havia se tornado informante entre os militantes-líderes e essa nova função era secreta: não poderia contar nem mesmo para esse amigo com quem conversava. O camarada não entendeu a sua recusa em ajudá-lo, e logicamente ela não pôde explicar melhor os motivos em não aceitar a ajudá-lo nessa tarefa de pichação. Então, seu amigo e companheiro de militância se sentiu rejeitado e reclamou da posição de Mariana, mas deixou-a decidir. Mariana, então, confusa e preocupada com o amigo, resolveu ajudá-lo na pichação.⁹⁴

A tarefa foi realizada com sucesso, sem nenhuma complicação ou comprometimento, mas posteriormente, Mariana foi cobrada por sua atitude de rompimento com uma determinação importante do grupo e não deveria ter agido daquela maneira. Ela estava terminantemente proibida de se arriscar em qualquer atividade, isso garantiria a segurança de todo o grupo de lideranças regionais de São Paulo e por um descuido, ela agiu contra essa ordem do partido.

92 Ver também a obra: RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 1996. 2 v.

93 Ver também a obra historiográfica: CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência**: a polícia da era Vargas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

94 “As ordens eram terminantes, o Ruivo lhe dissera repetidamente ser necessário evitar qualquer atividade que a pudesse marcar. Não devia ir. Sentia-se tentada, sem dúvida, e o problema do companheiro secretário de célula a preocupava, ela sabia que uma pessoa a mais garantiria de muito a segurança da equipe. O pior era não poder dizer ao camarada as verdadeiras razões da sua recusa:

- Não vou, não. Hoje eu não posso...

Ele não escondeu o seu desapontamento. Contava com ela, viera na certeza de completar com Mariana a equipe necessária para o bom cumprimento da tarefa e não esperava a recusa:

- Não quer se expor? Grunhiu ele de mau humor. – A pessoa sobe um pouquinho, trata logo de não se arriscar...

- Você sabe que isso não é verdade. Sabe que os riscos maiores não são esses de pichar rua. Por que é injusto? Além disso eu não subi coisa nenhuma, sou tão de base quanto você ou menos ainda... Esses resmungos não ficam bem num comunista.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 189.

Quando Mariana foi cobrada por sua atitude, jurou que caso fosse presa pela polícia não delataria nenhum companheiro, mas não bastava somente não dizer nada à polícia, pois quando um comunista era preso sua casa poderia ser vigiada durante o processo de investigação e isso colocaria em risco a segurança de outros companheiros que por acaso estivessem desinformados sobre a prisão realizada. Esses sentimentos de medo e medidas de segurança são narrados na obra juntamente com tantas histórias de militância comunista.⁹⁵

Mariana concordou com o grupo ao qual estava inserida que afirmava que ela havia cometido um erro ao infligir as regras de segurança e passou a ter mais cautela em suas ações. O grupo entendeu que foi um erro grave, mas após os *diálogos de crítica e autocrítica*⁹⁶ que fizeram, chegaram a um acordo mútuo para o trabalho com segurança e cautela das próximas ações a serem realizadas.

Depois, foram tantas outras tarefas as quais Mariana participou. Certa vez foi levar os documentos a um companheiro militante que iria sair do Brasil. Chamava-se Apolinário, foi integrante do exército brasileiro e participou do levante comunista de 1935, após esse movimento ficara preso por dois anos e já em liberdade, o partido decidiu que seria melhor que ele fosse para o exterior para garantir sua integridade física e continuar a luta comunista em um ambiente mais propício, pois como esteve recentemente na prisão, muito pouco poderia contribuir para a luta comunista no Brasil. Mariana foi ao encontro de Apolinário para lhe entregar documentos falsos: identidade e passaporte. Apolinário iria adquirir nova identidade para sair do país e recomeçar novas tarefas partidárias na Espanha⁹⁷ e Mariana foi discretamente ao hotel, onde ele estava instalado. Ela não levava consigo o endereço anotado em papel, tudo era memorizado para não deixar vestígios e provas que os comprometessem.

95 “- Foi bem mais que uma besteira, foi uma grave infração da disciplina partidária. Você jogou com a segurança de toda a direção. Um comunista responsável não pode fazer uma dessas coisas que se fazem sem saber por que, como você diz. Um comunista deve saber o que faz e por que faz.

- Uma coisa é certa, camarada João: se eu fosse presa não falaria...

- Mas tem camaradas ligados a você, que vão à sua casa, que podiam não saber de sua prisão e voltar a uma casa vigiada, serem seguidos depois e servirem de pista até a direção. E na tarefa que você executa, você não pensou? Ou você imagina que existem centenas de pessoas que podem ocupar seu posto, que podem ter em suas mãos os endereços de responsáveis? Quem lhe deu o direito de arriscar a liberdade de um estafeta da direção regional? Ou você se esqueceu da sua responsabilidade?” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 192.

96 Chamavam de *diálogos de crítica e autocrítica*, aqueles realizados em grupo para averiguar os problemas presentes e saná-los quando possível.

97 “Tinha passado quase dois anos na prisão, há pouco mais de uma semana fora posto em liberdade provisória, juntamente com alguns outros oficiais, aqueles cujo processo ainda dependia de julgamento. O partido decidira mandá-los para a Espanha, onde já outros soltos anteriormente ou escapados para o estrangeiro logo após a insurreição de 35, lutavam nas brigadas internacionais.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 96.

Chegando lá, Mariana entregou um envelope com os documentos a Apolinário e conversaram rapidamente sobre a luta comunista e seus sentimentos em torno dessa luta. Mariana se despediu sem saber quando iria reencontrar novamente esse companheiro de luta e voltou para a casa depois de mais uma função partidária realizada.

A narrativa descreve um momento em que o PCB, era um partido clandestino e suas ações envolviam os diversos militantes para além das relações de gabinete. Era mesmo uma movimentação nos subterrâneos, como sugere o próprio título dessa obra literária. A narrativa ainda relata, como vimos o caso do personagem Apolinário, que alguns militantes trocavam suas identidades. Aqueles que já foram presos, para evitar complicações e desconfianças sociais, usavam documentos falsos quando libertos, e outros usavam codinomes quando necessário. Isso perpassa também em relação a outros personagens-militantes da obra.

Contudo, nessa nova função de informante do partido clandestino, Mariana andava por toda a cidade, indo até as casas dos militantes para levar informações e documentos. E procurava realizar percursos diversos, nunca passando pelos mesmos caminhos. Ora ia aos lugares à pé, ora solicitava um táxi ou bonde, sempre atenta as ruas e as pessoas que passavam por ela. Era preciso cuidar de si e do partido da revolução – a narrativa passa essa mensagem ao leitor. O militante era, portanto, o guardião do partido e a personagem Mariana é posicionada na obra, dessa maneira. Mariana também participava freqüentemente das reuniões organizadas e estava sempre a aprender e a realizar em torno de tudo que vivenciava.

À medida que o tempo literário passa, Mariana continua a realizar os trabalhos diários nos subterrâneos do partido, sempre junto com outros militantes. Não se interessava por festas e nunca tivera um namorado, mesmo sendo uma jovem bonita, mas passou a observar um camarada militante do grupo. Chamava-se João, era um militante ligado a direção regional de São Paulo, um homem firme e dedicado à luta comunista. Ele sempre pensava em seus companheiros e na luta que travavam, permanecendo atento à política nacional e internacional. João tinha mais experiência de trabalho no partido que Mariana.

Por tudo isso, Mariana o admirava, e ambos trocavam olhares tímidos. O contato entre os dois foi se estreitando até que declararam seus sentimentos de amor e casaram-se. Os dois jovens militantes não deixaram a luta comunista; casaram, tiveram um filho e construíram suas vidas particulares juntamente com a luta política. Quando tinham alguma missão partidária que exigisse o afastamento entre eles, fosse por alguma viagem que realizavam separadamente ou outros trabalhos cotidianos, ambos sabiam que o amor que sentiam iria se conservar até o retorno e o reencontro. Estavam unidos pelo amor e se tivessem que se separar devido às atividades partidárias, seria então, justa causa e deveriam entender isso da melhor

forma. Assim, descreve a narrativa com imagens cheias de beleza e pureza sobre um amor compreensível e que rompe barreiras.⁹⁸ A narrativa propõe esse relacionamento de compreensão para os casais militantes. Suas funções eram deveres que não poderiam ser atormentados por ciúmes ou tristezas caso o companheiro estivesse longe devido a algum trabalho militante partidário. Na vida real dos militantes, porém, nem sempre esse entendimento era tranquilo para um casal. Há ao contrário, relatos historiográficos que descrevem relações de dificuldades dos sujeitos em compartilhar suas vidas particulares com a vida militante.⁹⁹

Com tanta pureza, Mariana vai sendo descrita na narrativa com traços muito belos, de ótima pessoa e ótima militante. Uma jovem pobre, operária, lutadora por direitos sociais e preocupada com os trabalhadores e pessoas marginalizadas. Vale ressaltar aqui, a passagem literária que descreve o momento em que um médico simpatizante da luta comunista e amigo de Mariana e também amigo do grupo partidário com quem ela se relaciona vai até sua casa para lhe dar um informe do dirigente comunista Ruivo. Vejamos como a imagem de beleza da personagem Mariana é destacada em contraste com a pobreza de sua casa e de seus vizinhos. Talvez uma imagem estereotipada de militante ideal:

Em casa, encontra o médico simpatizante em cujo consultório faz ponto. Traz-lhe um recado urgente do Ruivo e estuda, numa curiosidade de homem de outro meio, a casa operária. Mariana esquece todas as suas preocupações: algo de grave deve estar se passando para que o Ruivo tenha utilizado o médico como ligação. Agora só uma impaciência reside em seu coração, ver chegar a hora do encontro com o dirigente, saber para que a necessitam, que perigos ou trabalhos esperam o Partido nesses dias próximos. O médico, despedindo-se, fita a face jovem e séria da operária. E parece-lhe vê-la pela primeira vez, um rosto grave e decidido, maduro de vida, pleno de uma luminosa beleza, face assim tão resoluta ele jamais vira, beleza assim jamais lhe fora dado ver. “Não será a isso que chamam de beleza

98 Vejamos como a narrativa literária descreve esses sentimentos e atitudes entre os personagens Mariana e João:

“Onde estará ele, que perigos correrá, há quantas noites não repousa a cabeça, não consegue tempo para umas horas de sono? Quando irá voltar, quando ela poderá rever seu rosto magro e seus olhos penetrantes? Várias vezes teve vontade de perguntar ao Ruivo se tem notícias do camarada João. Mas sempre se contém: nessa vida ilegal, quanto menos se pergunta, melhor; ele foi numa tarefa do Partido, voltará quando a tiver cumprido. E a encontrará pronta para dar-lhe a resposta desejada. Mesmo que ele caia, que seja preso e condenado, ela o esperará e seu amor só fará crescer, esse amor sobre o qual nunca falaram, amor sem palavras, de raros olhares mudos, de fugitivos sorrisos amedrontados. Por que estar inquieta, por que preocupar-se? Ele está cumprindo uma tarefa, esse é o cotidiano dos comunista, e nesse amor ela deve encontrar um incentivo ainda maior para o trabalho partidário. Sua saudade e seus desejos de revê-lo não devem levá-la jamais a esperar que ele volte antes de ter realizado a tarefa que lhe confiou o Partido. Em nenhum momento, em seu amor, ela desliga o homem do comunismo. Nem o poderia fazer, pois ela não pode pensar senão como comunista. Quando ele voltar, ela poderá lhe dizer:

- Tive muitas saudades, mas não deixei que elas perturbassem o meu trabalho.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 264 e 265.

99 Ver: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

da alma?” pergunta a si mesmo transpondo a porta para a rua molhada, onde crianças esfarrapadas brincavam na água suja dos esgotos.¹⁰⁰

Mariana, entretanto, se sentia desanimada diante da luta travada. A narrativa explica que o cenário nacional e internacional não eram promissores ao movimento comunista. Na Europa, sobretudo na Alemanha e na Itália, a movimentação nazifascista era impulsionada por governos autoritários e no Brasil também apresentava-se o autoritarismo do governo Vargas, que chegara ao poder por um golpe em 1930 e não pretendia abrir às eleições democráticas em 1937, então, o que se via na história do governo Vargas eram esses sucessivos golpes políticos para a continuação do poder estabelecido. Sobre essa contextualização a narrativa apresenta:

(...) Mariana se habituara a considerar essa contínua batalha dos comunistas como o cotidiano de certas vidas, mas via a vitória como uma longínqua aspiração, como a meta de um caminho a ser percorrido ainda por gerações. Esse sentimento a acompanhara, sem que ela mesma se desse conta, nos primeiros tempos de militância. Foi o movimento da Aliança Nacional Libertadora (que ampliara de muito a influência da célula do Partido na fábrica da Comendadora, onde ela trabalhava então) que colocou pela primeira vez diante dela essa sensação de vitória visível no horizonte da luta subterrânea. Mas a derrota da insurreição de 1935, o fechamento da Aliança que a precedeu, e sobretudo, a prisão de Prestes, a haviam novamente jogado naquela sensação de uma luta sem termo, como se, em vez de caminharem, marcassem passo. Acontecia por vezes discutirem, após as reuniões de célula onde decidiam do trabalho prático, as perspectivas de luta. Após a derrota da insurreição de 1935, com a reação furiosa desencadeada no país e o ascenso do fascismo nos Estados Europeus, vários companheiros deixavam entender, através de frases reticentes de pessimismo, ser impossível qualquer modificação mais profunda no Brasil antes de uma vitória comunista nos Estados Unidos. Mariana sentia, mesmo em companheiros dedicados, nesses dias do ano de 1937, um certo desânimo refletindo-se sobre a atividade partidária, diminuindo-lhe o ritmo, expressando-se em críticas sussurradas sob a posição do Partido em face das candidaturas presidenciais, distantes das duas, mas procurando impulsioná-las para uma frente democrática, de lutas contra o fascismo e o integralismo, utilizando a campanha eleitoral dos dois candidatos para levantar a bandeira da anistia a Prestes e aos demais revolucionários de 35. Alguns achavam que o Partido devia ter-se jogado de todo ao lado de um dos candidatos num compromisso eleitoral. Mariana defendia, nessas discussões, a linha do Partido, os companheiros da direção. Mas, antes de vir trabalhar com o Ruivo, sentia ir-se apoderando dela, mesmo contra sua vontade, aquele clima de tensão pessimista, aquele cochichar junto às máquinas e nos encontros ilegais, tentando sobre um golpe fascista capaz de assassinar Prestes na prisão e tentando liquidar, numa ofensiva fulminante, a atividade do Partido.¹⁰¹

No trecho que destacamos acima, Jorge Amado explana por meio da narrativa, além dos sentimentos da personagem Mariana, uma contextualização histórica do período com citação sobre o PCB e referenciando algumas datas e sujeitos importantes que marcaram o movimento comunista, por exemplo, a Insurreição Comunista de 1935 ou Intentona

100 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 266.

101 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 84 e 85.

Comunista de 1935¹⁰², como ficou conhecido; a atuação do PCB em 1937, antes e após o golpe que instaurou o Estado Novo; a ANL - Aliança Nacional Libertadora; a prisão de Luiz Carlos Prestes e certo medo de possível atentado a ele na prisão. Prestes foi capturado pela polícia nacional e preso. Muito clamor do movimento comunista fora feito por sua libertação e durante a sua prisão houve períodos de escassa comunicação e direitos, típico do Estado autoritário que vigorava no Brasil¹⁰³, então, o medo em assassiná-lo na prisão permeava entre os militantes, como cita a narrativa. Prestes também é citado na obra, em outras passagens, com tom positivo e heróico, ele é aclamado por alguns personagens como um líder potencial.

No trecho citado acima, também observamos a manifestação de luta contra as ideologias fascistas que circulavam pela Europa e contra o integralismo brasileiro. Por vezes, o presidente Getúlio Vargas é apontado na narrativa como integralista e apoiador dessas ideias.

Outro ponto a se observar, é o comentário de que o movimento comunista precisava adquirir forças nos E.U.A., país que se formou após a luta de independência influenciada pela teoria liberal do filósofo Jhon Locke e já fortemente capitalista por volta de 1935.

Com todo arsenal histórico de produção capitalista, dali partiria vitórias comunistas? Para resposta a essa pergunta a historiadora Elizabeth Cancelli descreve na obra *A intentona em Nova York*¹⁰⁴, uma movimentação comunista acentuada por volta dos anos de 1920 e 1930. A autora explica que o crescimento acelerado das principais cidades dos E.U.A. atraía trabalhadores de várias localidades mundiais para uma tentativa de transformação de vida em lugar promissor para o trabalho e ganho financeiro. Milhares de europeus levados pelo “princípio avassalador da Revolução Americana de que a miséria não era um estado natural da condição humana”¹⁰⁵ iam para os Estados Unidos empurrados pela pobreza que assombrou algumas regiões no pós-guerra e por perseguições políticas e religiosas de um estado de

102 Intentona foi um termo pejorativo usado pela direita política que significava “um cometimento insano, louco, um assalto fora de propósito”. E para os comunistas, a Intentona tinha por objetivo expulsar o imperialismo e conquistar uma efetiva independência nacional com os comunistas e os aliancistas que restavam organizados trabalhando com a perspectiva tenentista de preparar uma insurreição que depusesse Getúlio Vargas e instalasse um governo popular nacional revolucionário, dirigido por Luiz Carlos Prestes. Ver: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

103 Sobre o Estado autoritário durante o governo Vargas, ver:

- CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência: a polícia da era Vargas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

- CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

104 CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997.

105 A autora faz referência a obra de Hannah Arendt, *Da Revolução*. Em que uma das questões tratadas pela filósofa é de que a Revolução Americana modificara definitivamente a perspectiva européia de que a miséria era inerente à condição humana. Ver: CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997, p. 20.

intolerância. Em 1900, Nova York já atingira 3 milhões e 400 mil habitantes. Em 1910, eram 4 milhões e 800 mil. Autoridades estadunidenses registraram em 1907 a entrada de 1.285.349 imigrantes, sendo que 298.124 eram italianos, 338.425 do império Autro-Húngaro, 258.943 dos Estados balcânicos e 37.807 alemães.¹⁰⁶ Com essa explosão demográfica populacional acelerada, os trabalhadores se dirigiam para lugares habitacionais de pouca qualidade, porque a cidade não oferecia lugares adequados de moradia e também porque a maioria desses trabalhadores eram pessoas pobres que não tinham ainda condições financeiras para garantir qualidade de moradia, alimentação, lazer, escolaridade e saúde.

Muitos trabalhadores conseguiram empregos nas indústrias, no comércio, e nos setores de serviços informais. Para o Estado nacional, a agregação de mão-de-obra estrangeira foi atrativa para o desenvolvimento econômico do país por ser mais barata. E tudo isso foi ambiente propício para reivindicar qualidade de vida e direitos trabalhistas. Ambiente muito propício também à disseminação das ideias comunistas. Na década de 1930, que ficou conhecida como *A Década Vermelha*, o partido comunista passou a ter noventa mil membros contra sete mil da década anterior; e se contarmos simpatizantes e organizações afins calcula-se um milhão de pessoas.¹⁰⁷ Ser comunista era uma opção de muitos intelectuais e artistas. Encontrava-se comunistas na Broadway e em Hollywood, e também havia jornalistas, editores, livreiros, médicos, dentistas, professores, estudantes e técnicos de diversas áreas ligados ao movimento.¹⁰⁸

O movimento comunista estadunidense tratava de questões próprias dos trabalhadores fazendo amplo uso do teatro e do cinema para difundir questões a respeito do cotidiano no trabalho. E também organizavam greves, protestos, manifestações trabalhistas, e estavam fortemente inseridos nos sindicatos. Além disso, ainda organizavam congressos sobre temas diversos, como artes e educação: por exemplo o Congresso de Escritores Revolucionários, da International Union of Revolutionary Writers, realizado em Nova York, na New School of Social Research, e que atraiu muita atenção por reunir autores importantes, como Grandville Hicks, Waldo Frank, Friedrich Wolf, Malcolm Cowley, Josephine Herbst, Moshie Nadin, Michael Gold.¹⁰⁹

106 CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997, p. 21.

107 CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997, p. 101.

108 Conferir a obra: COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho**: ensaios sobre o teatro americano moderno. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

109 CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997, p. 105 e 106.

Muitos atores e atrizes comunistas participavam da elaboração e execução de teatros populares, realizados nas ruas ou em locais alternativos, com bilheteria gratuita ou com preços baixos. Por meio do teatro, comunicavam-se com o público de trabalhadores imigrantes, nacionais e jovens adultos, atingindo uma vastidão de pessoas. Muitas vezes não falavam diretamente sobre o partido comunista, mas sim, sobre alcances trabalhistas possíveis, com roteiros textuais compreensíveis e com a participação do público nas próprias peças. Um tipo de teatro de arena crescia às margens do teatro requintado da Broadway.¹¹⁰

Com essa movimentação comunista nos E.U.A., e sendo já um país industrializado, partir para o convencimento dos trabalhadores para a luta de classes tornava-se um caminho pensado e a obra *Os subterrâneos da Liberdade* apresenta isso em linhas muito rápidas como vimos em citação acima.

Os Partidos Comunistas estavam espalhados por vários países do mundo e o congresso maior de unificação que tinham era a *Internacional Comunista*, onde se encontravam para apresentar e expor as medidas que partiam da União Soviética.¹¹¹ Os partidos comunistas foram adquirindo autonomia de acordo com suas realidades próprias, mas em *Os Subterrâneos da Liberdade* ainda há personagens que falam em suas ações ligadas totalmente as medidas provenientes da União Soviética e que o conjunto das ordens nacionais e internacionais se complementassem para a revolução global. Os personagens militantes apresentados como companheiros de Mariana expressam isso, e Mariana por sua vez, como personagem militante fiel e totalmente ligada a linha partidária concorda com o exposto.

Os dois tempos (1935 e 1937) citados na narrativa são importantes. A personagem Mariana está vivendo em 1937 e lembrando fatos acontecidos em 1935. A personagem não participou ativamente de tudo o que é citado e o narrador e a personagem se complementam mostrando fatos e sentimentos, por exemplo, Mariana cita a derrota de 1935 e a prisão de Prestes, mas ela não esteve junto de Prestes como militante do partido, ela acompanhou sem interferência tudo que passou e embora não estivesse presente, torcia pela vitória comunista. Seus anseios de militante são fundamentais para pensarmos nos sentimentos diversos que permearam militantes reais. A derrota do partido em alguns aspectos significava o fracasso individual de alguns militantes e a personagem Mariana demonstra esse malogro, mas sente esperança quando a luta encaminha segundo o que estava planejado. E dia-a-dia a

110 COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho**: ensaios sobre o teatro americano moderno. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

111 A autora Marly de Almeida Gomes Vianna dedica parte de seu texto, na obra “Revolucionários de 1935”, para análise sobre a Internacional Comunista. Ver: VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

movimentação comunista persistia nos anos de 1930. Pode parecer pouco, mas foram também esses pequenos movimentos de ações e sentimentos que sustentaram por longo tempo grupos militantes comunistas. Em entrevista, Jorge Amado, expõe sua própria experiência como militante e cita esses sentimentos.¹¹² É claro que a personagem Mariana é uma construção do autor e os desejos dela não são necessariamente os mesmos de Jorge Amado. Existem aspectos diferentes entre a personagem que estamos analisando e o seu criador, mas vale ressaltar os turbilhões emocionais que levavam militantes a permanecerem na luta comunista, mesmo depois de derrotas, de perseguição policial, preconceitos de alguns, falta de estrutura financeira que garantisse a continuidade dos trabalhos e com improvisos e incertezas. Assim, a personagem Mariana vivia intensamente sua vida pessoal e de militante que se misturavam em uma só vida.

A obra ainda ressalta que não havia muitas mulheres no partido.¹¹³ A construção da personagem Mariana – uma jovem mulher, forte e militante partidária ideal, nos motiva a questionar: seria a imagem de ordem e dureza na militância que o partido ressaltava? Em diversas leituras bibliográficas sobre o/a militante partidário/a, verificamos a motivação do partido para tais características: de fidelidade ao partido, à luta, à causa comunista; e isso não era colocado aleatoriamente, era explicado os motivos que levavam a necessidade daqueles trabalhos e de tais comportamentos. Assim, muitos militantes aderiam a esse perfil, pois agir de forma diferente, significava muitas vezes, agir contra o partido e contra a causa comunista. Dava-se uma liberdade revogada à coletividade e que escondia traços de autoritarismo. Em *Os Subterrâneos da Liberdade* é demonstrado que o partido era algumas vezes sutilmente autoritário e controlador.¹¹⁴ Nessa obra literária de Amado, a personagem Mariana era controlada e ela dizia sim ao controle posto, aceitando a organização da qual compartilhava e também pregava o estabelecimento daquela ordem partidária. E isso foi sendo construído, desde sua infância até a sua fase adulta, de modo que tornou natural para Mariana seguir esse partido da maneira estabelecida. A personagem se tornou comunista e aprendeu a ser e aceitar toda aquela luta que foi tomando significados importantes para ela. Tudo isso pode ter se passado também com pessoas reais, mas certamente não foi assim com todos. Provavelmente, houve quem protestou e não concordou com as ordens partidárias. Pensar nessas questões nos

¹¹² Ver entrevistas em anexo.

¹¹³ “Por esse tempo não eram muitas as mulheres no Partido (...)”. AMADO, Jorge. Os ásperezos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 81.

¹¹⁴ PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

leva a buscar compreender um perfil de militante comunista da década de 1930 no Brasil.¹¹⁵ Para o movimento comunista, criar a imagem de militante ideal a ser seguido por todos era uma estratégia organizacional que garantiria em alguns aspectos a identidade e a união entre os militantes, mas isso não nos parece que fora totalmente pensado de forma orgânica. Em leituras diversas: bibliografia sobre o tema, cartas, e propriamente essa obra literária; verificamos que alguns sujeitos se propunham ao modo militante ideal espontaneamente por também compartilharem daqueles sentimentos presente no grupo comunista, enquanto outros protestavam as ordens vigentes e conviviam em disputa no grupo político.¹¹⁶

Contudo, observamos que é tênue a linha entre ficção e realidades na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*. Amado construiu toda a obra dentro desse emaranhado histórico-político e ler essa ficção olhando para a história permite entender os sentimentos dos militantes que se entregaram à busca da revolução comunista. Assim, a personagem Mariana é a representação literária da militante que luta pela revolução comunista em certo período histórico.

Portanto, a personagem Mariana pode ser vista como a representação de uma jovem militante anônima que acreditou no movimento comunista, esteve inserida no PCB durante o período de clandestinidade do partido nos anos de 1935 a 1937 (data que a obra especifica), atuou no partido conforme as orientações que recebeu por acreditar naquela organização em que estava inserida, sonhou com um mundo coletivo sem divisão de classes sociais conforme era passado em teoria.

Mariana está inserida em um contexto histórico que Amado vivenciou. O autor vivenciou a trama política no Brasil durante os anos de 1930 e 1940, ele também acreditou no comunismo que Mariana acredita e por meio da personagem, Amado narra as suas memórias de vivência usando arte, criatividade, ficção, história e literatura. O autor deixa para os historiadores um documento a ser analisado. Um documento que também exige cautela do olhar e muitos questionamentos sobre possíveis significados.

A obra também apresenta outros personagens que se posicionam politicamente de forma divergente de Mariana. Vejamos agora o personagem Saquila.

115 Ver em anexo, a narrativa sobre os pensamentos da personagem Mariana e seus sentimentos exagerados de amor e fidelidade pela causa comunista e partidária.

116 Sobre isso, ver obra: GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

*** O partido subterrâneo e um inimigo do PCB: o personagem Saquila.**

Saquila representa a imagem de um homem que pertenceu ao PCB, e que fora expulso acusado de traidor. Diferentemente de Mariana, ele não aceitou os direcionamentos políticos do partido e tentou reformular a luta em torno de outras questões, propondo alianças e revisão sobre a luta de classes. Suas proposições não foram aceitas pelos dirigentes do partido e a medida que ele insistiu nas articulações políticas que propunha, sua expulsão não tardou.

Saquila é o nome do personagem descrito por Jorge Amado na obra *Os Subterrâneos da Liberdade* e que faz referência a *Hermínio Sacchetta*. Sobre essa obra de Amado e sobre Hermínio Sacchetta, o professor Marco Aurélio Garcia, do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, escreve:

Não deixa de ser curioso que um dos poucos documentos sobre esses “anos de chumbo” do comunismo brasileiro seja a trilogia romanesca de Jorge Amado, *Os Subterrâneos da Liberdade*. Seguindo os cânones literários do realismo socialista dos tempos de Stalin e Zdanov a ficção de Amado não só celebra o heroísmo dos militantes comunistas, como estigmatiza seus dissidentes que aparecem sob o epíteto então infamante de “trotskistas”.

Romance à clef, os *Subterrâneos* não poupam sequer o principal dissidente de então, *Hermínio Sacchetta*, retratado sob traços grotescos na personagem pouco sutilmente chamada de *Saquila*.¹¹⁷

A narrativa descreve um desacordo e uma cisão dentro do PCB, trazendo um olhar interpretativo sobre esse acontecimento e permeado por nuances literárias, segundo opção e proposta de Jorge Amado. Sobre isso, debruçamos nossa análise e também nossa interpretação.

Interessa-nos aqui, observar o personagem Saquila e como ele é construído e apresentado dentro da narrativa literária de Amado, lembrando que Saquila não é um personagem literário que existe somente no mundo imaginário da obra *Os Subterrâneos da Liberdade*. Saquila é a representação de um homem real chamado Hermínio Sacchetta, com interpretações sobre seu caráter e sobre suas atitudes políticas.

Hermínio Sacchetta foi considerado um traidor do Partido Comunista (o PCB), acusado de ser um pequeno burguês infiltrado no partido e organizador de ações que tinham ideais trotskistas:

Em maio e junho de 1938, em Moscou, dois brasileiros, um de viva voz, por rádio, e outro por escrito, em nome da Internacional Comunista (IC), dirigiram-se aos brasileiros, e em especial aos comunistas do Brasil, atacando um grupo de militantes com o epíteto de trotskistas. A doze mil quilômetros dali, vivendo na clandestinidade, sob uma terrível ditadura, as vítimas do ataque o receberam com estupor. Envolvidos em um processo de cisão em que se confrontavam com outra facção do Partido Comunista do Brasil (PCB) – capitaneada pelo então secretário-

117 KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003, p. 10. (Grifos meu).

geral interino do partido, Lauro Reginaldo da Rocha, conhecido como Bangu –, não conseguiram acreditar nessas mensagens que vinham da “Meca do Socialismo”. Além de tudo, a IC divulgara os nomes legais dos principais líderes da dissidência (Hermínio Sacchetta, Heitor Ferreira Lima e Hílio de Lacerda Manna), o que significava expô-los à sanha da repressão da ditadura varguista. Até ali se julgavam como os legítimos e fiéis representantes e interpretes da Internacional Comunista. “O que aconteceu?”, “Por quê?”, perguntavam-se. Tal cisão, que tinha como um dos seus pontos centrais de divergência o papel da burguesia nacional na revolução brasileira, acabou, por conta da intervenção da IC, em combinação com a prisão de boa parte dos que foram acusados de trotskismo, definindo-se em favor do grupo de Bangu. Algum tempo depois, efetivamente, alguns deles acabaram juntando-se ao grupo brasileiro que defendia as idéias de Leon Trótsky. Este episódio passou à história do PCB como uma cisão trotskista.¹¹⁸

O historiador Dainis Karepovs, em trabalho de pesquisa, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente Hermínio Sacchetta, e relata que Sacchetta se sentiu surpreso quando tomou conhecimento da denúncia contra ele, pois ele era militante do PCB e estava sempre envolvido com ideias do partido e com as propostas comunistas. Contudo, o historiador Karepovs, desenvolveu trabalhos sobre essa cisão dentro do Partido Comunista, analisando cartas, jornais e diálogos de alguns sujeitos envolvidos nesse período histórico. Na pesquisa do historiador Karepovs, Hermínio Sacchetta é apresentado como um militante que talvez tenha sido expulso do PCB injustamente e após esse fato uma fragmentação grandiosa ocorreu dentro do partido e a estrutura política do PCB ruiu após essa cisão devido a um conjunto de fatores ideológicos, históricos e sociais.¹¹⁹

Já na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, o personagem Saquila é apresentado como um sujeito político que não compreende a linha ideológica do partido comunista e não concebe a idéia da *Revolução Proletária* defendendo por outro lado uma *Revolução Democrático Burguesa*. O personagem também é descrito como um homem audacioso e que desejava um poder político organizacional que o PCB naquele momento não poderia oferecer, já que era um partido clandestino. Saquila desejava tornar-se um político de carreira, reconhecido e remunerado dentro do âmbito legal: um vereador ou deputado, por exemplo.

Saquila ainda acredita que um partido político formal e capaz de realizar alianças eficientes poderia mover ações concretas de transformação no país e que as medidas propostas pelo PCB eram ilusórias para a realidade do Brasil.

118 KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003, p. 17.

119 Ver a obra: KAREPOVS, Dainis. *Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003.

A obra comenta, dentre outras questões, a movimentação clandestina do partido em várias regiões do Brasil e destacaremos aqui a narrativa sobre a movimentação em São Paulo.

A narrativa nos conta que havia um grupo dirigente do partido em São Paulo, representado pelos personagens João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo que vão mover ações durante toda a obra apresentando os seus interesses políticos, suas concepções sobre a luta de classes, suas formações sociais e a formação do partido subterrâneo¹²⁰ a partir de suas atitudes.¹²¹

Como explica Chilcote¹²², existiu um grupo atuante do PCB em São Paulo quando o partido estava na clandestinidade e era formado por militantes líderes e militantes de base e novamente o autor Jorge Amado faz uso da realidade que ele conheceu para a elaboração de sua obra literária. No presente estudo, não interessa colar a história à ficção, mas observar pontos de possíveis realidades ocorridas que ficaram registradas na obra literária do autor, resgatadas das suas memórias históricas, para compor esse livro.

Então, segundo a narrativa literária, o grupo comunista de São Paulo seguia orientações internacionais e se articulavam internamente para realizar as ações pensadas. O conflito para pôr em prática as propostas da Internacional Comunista e as ações partidárias nacionais eram comuns, e isso é expresso tanto na narrativa literária quanto na historiografia¹²³. Embora existisse esse conflito, os quatro personagens (João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo) se organizavam com certa harmonia. Eram amigos e camaradas¹²⁴ na luta comunista, sempre atentos aos informes internacionais e cuidando dos acontecimentos regionais.

120 A narrativa explica que nesse período o PCB atuava na ilegalidade, por isso é chamado na obra de *partido subterrâneo*.

121 Sobre o personagem militante Zé Pedro a narrativa apresenta:

“Zé Pedro era mulato também, mas de muitas misturas diferentes. De origem Camponesa, deixara o trabalho nas plantações nordestinas de cana-de-açúcar para servir como soldado do Exército, onde aprendera a ler e a escrever e onde se ligara aos comunistas. Quando terminou o serviço militar, ingressou como operário numa fábrica de sapatos. Mas a vida partidária não tardou a envolvê-lo por completo e, depois de uma longa prisão, entrou na ilegalidade. Percorreu todo o Nordeste em tarefas do Partido, terminara sendo enviado para São Paulo, depois dos acontecimentos de 1935, quando a polícia de vários Estados nordestinos o buscava. Formavam agora os quatro o secretariado do Comitê Regional de São Paulo, eles três e mais o Ruivo. Um secretariado jovem e novo tinha substituído camaradas presos não havia muito.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 104 e 105.

122 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

123 Os partidos comunistas foram “o produto único de um encontro específico entre dois contextos historicamente concretos: o movimento comunista internacional, por um lado, e o sistema político nacional, por outro. Nesse sentido, a homogeneidade da IC como instituição e como estratégia mundiais tem que ser continuamente ameaçada pelas diversidades nacionais: a unidade, portanto, é ao mesmo tempo uma afirmação teórica de princípios, que preside a lógica do empreendimento e o resultado de uma contínua prática, que tem em vista reduzir o que há de nacional em cada partido a nada mais que um resíduo inevitável.” KRIEGLER, Annie. “La Terza Internazionale”, In vários autores. *Storia del Socialismo*. Roma, ed. por J. Droz, vol. III, 1978, p. 82, apud VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935: sonho e realidade**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 61.

124 O Termo “Camarada” é muito empregado na obra literária para designar os integrantes da causa comunista. E também é um termo caro ao grupo; não é dito a qualquer personagem, mas sim a aqueles que se posicionam como reais *Camaradas*.

João havia conversado com um deputado – o personagem Artur Carneiro Macedo da Rocha¹²⁵ – marcou um encontro e propôs que naquele momento político brasileiro as forças democráticas se unissem contra o governo Getúlio Vargas; já era 1937 e o clima de golpe de Estado circulava pelo país. A proposta do Partido Comunista, era que se realizasse uma manifestação armada com participação da sociedade civil e o deputado Artur, temeroso por uma proposta tão ousada, não aceitou. A narrativa explica que não era assim que esse deputado entendia a política. A política não precisaria envolver uma movimentação popular.¹²⁶ O personagem entendia a política como uma atividade exclusiva para poucos e se aproximava da população civil apenas em momentos eleitorais. Em outros momentos, exercia a política junto aos seus pares: pessoas de seu interesse, empresários, pessoas com alguma influência política nacional e internacional. Artur é descrito como um político antipopular com quem os comunistas não conseguiam estabelecer diálogo vindouro; esse personagem realizava política para um grupo específico e para causas específicas.

É provável que políticos como o personagem Artur realmente existiram na década de 1930, assim como ainda existem em tempos atuais. O PCB, embora apresente momentos de vivência na clandestinidade, era um partido político que relacionava-se com outros no cenário vigente e o desprezo que alguns personagens militantes comunistas expressam pelo deputado Artur se dá por esse conjunto de características. Assim, Jorge Amado critica os políticos que privilegiam somente grupos com interesses privados, sem atenção para a maioria da sociedade ou para a diversidade social.

Quando o comunista João foi falar com o deputado Artur, eles não chegaram a um entendimento e João expôs as propostas do partido diante daquele cenário político nacional. Vejamos a narrativa literária:

João precisara essa coisa que andava no ar, falara concretamente do golpe de Estado que Getúlio Vargas preparava em aliança com os integralistas, e ao contrário de todos os demais políticos, ele afirmava, em nome do seu Partido, desse misterioso e amedrontador Partido, que nunca se contava na relação dos partidos políticos do país, que o golpe poderia ser evitado, as eleições poder-se-iam realizar se as forças dos dois candidatos à Presidência da República se quisessem unir,

125 Sobre o personagem deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha:

(...) “o Deputado Macedo da Rocha, chefe de propaganda da candidatura Armando Sales e um dos seus líderes mais importantes.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 20.

126 “Mas agora que o comunismo falara em armar trabalhadores, em misturar os sindicatos naquilo tudo, ele se fazia reticente e desconfiado. Não era assim que ele concebia a política; para ele política era um assunto que cabia à “elite”, cujos problemas deviam ser resolvidos por um grupo de homens e não por todo esse mundo estranho, distante e inquietante de trabalhadores. Já não era pouco ter de fazer promessas ao Zé-povinho, a uma gente que nos dias de ontem votara no escuro nos nomes que lhe indicavam os cabos eleitorais...” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 29.

fazendo uma trégua na campanha eleitoral, para impedir as manobras de Vargas e dos fascistas. Uma declaração pública, afirmada pelos dois candidatos e pelos governadores que os apoiavam, senhores da situação nos Estados mais importantes, seria o bastante para alertar a opinião pública e pôr um paradeiro ao golpe em preparação. O comunista mostrava um perfeito conhecimento da situação:

- Não me refiro ao governador de Minas. Esse é um homem de Getúlio, cem por cento. Falo dos Estados que apóiam realmente os dois candidatos: São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul e Pernambuco.¹²⁷

Em entrevista, Jorge Amado, relata sobre esse momento histórico, da campanha eleitoral entre os candidatos Armando Salles de Oliveira e José Américo de Almeida que poderiam substituir Getúlio Vargas à presidência da república.¹²⁸ As eleições deveriam acontecer em novembro de 1937, mas Vargas aplicou um golpe, barrando as eleições e continuou autoritariamente no poder presidencial.¹²⁹

Já a narrativa literária destacada acima, propõe por meio do personagem comunista João, a união dos dois candidatos, Armando Salles de Oliveira e José Américo de Almeida, contra o presidente Vargas, juntamente com outras forças políticas democráticas, por exemplo alguns governadores de estados brasileiros. Assim tentariam evitar o golpe, mas como cada um estava preocupado com seus próprios interesses, essa aliança não se realizou.

Então, o deputado Artur ouviu toda a explicação do militante comunista João, mas não assumiu nenhum compromisso, apenas ficou em grande expectativa diante daquele clima político de indecisão que rondava o cenário nacional, o qual os comunistas compartilhavam.¹³⁰

João, por sua vez, ficou desapontado ao ouvir meias palavras do deputado, que transmitia medo e desconfiança sobre a proposta comunista. O deputado não aceitou lutar pela causa juntamente com o Partido Comunista para estabelecer a união política entre os dois candidatos e muito menos alertar a população civil e chamá-los para a luta armada, pois eram propostas que não agradavam ao deputado.¹³¹

127 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 19.

128 Ver entrevista em anexo.

129 CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

130 Sobre o clima de tensão nos meses de outubro e novembro de 1937, antes do golpe varguista, e o personagem Deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha:

“No entanto, era tão forte aquela atmosfera de expectativa que Artur podia sentir o medo como uma coisa quase palpável quando conversava com os colegas nos corredores da Câmara, com os correligionários pelas cidades do interior. Terminara por dominá-lo a ele também apesar da sua longa experiência política que o situava como um dos mais hábeis parlamentares do país e um dos chefes antigetulistas de maior prestígio.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 18 e 19.

131 Observe a fala do personagem comunista João, sobre a postura do deputado Artur, na narrativa literária:

A narrativa ainda nos conta que a proposta partidária comunista era bastante divergente do que Artur apoiava. O PCB reivindicava “reforma agrária, anistia para os presos de 1935, luta concreta contra o fascismo e o imperialismo, nacionalização dos trustes americanos...”¹³²

Contudo, os comunistas da liderança regional de São Paulo nada conseguiram de concreto para o partido e sobre a proposta que fizeram ao deputado Artur, o militante Carlos diz:

- Não sei o que pensa a direção nacional, mas, por mim, considero as conversações com essa gente terminadas. No Rio Grande, já se sabe que o próprio Armando disse ao Flores da Cunha, respondendo à nossa proposta, que numa frente com José Américo, nem vale a pena pensar... Na Bahia, é o que Vitor mandar contar, no Rio se escondem da gente. Agora, aqui...¹³³

A frase: “- Não sei o que pensa a direção nacional, mas, por mim, considero as conversações com essa gente terminadas.”¹³⁴ é bastante expressiva para pensarmos sobre a ligação entre as determinações nacionais e regionais que poderiam não ter sempre a mesma opinião. Constituía-se enquanto grupo, mas não eram homogêneos e as naturais diferenças iam aparecendo entre os sujeitos em meio aos fatos políticos.

Então, os quatro comunistas reunidos: João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo, propuseram produzir informativos, realizar protestos, movimentos de greve – uma agitação para mobilizar trabalhadores e esclarecer a situação política nacional –, mas para isso seria necessário um intenso trabalho do partido e os militantes eram poucos e não conseguiriam resultados expressivos. Além disso, estavam preocupados com a atuação trotskista dentro do partido. Segundo a narrativa, uma atuação silenciosa danificava o partido internamente, com a movimentação de pessoas agindo contra as ordens partidárias e prejudicando todo o trabalho elaborado e que provavelmente eram trotskistas infiltrados na organização partidária do PCB. Durante certo tempo da narrativa, cogitam essa hipótese além de pensarem ser um trabalho do personagem Saquila, mas não apontam certezas, estabelecendo um clima de desconfiança constante.

“- Não disse nada. Tirou o corpo fora, e quando me ouviu falar em defender as liberdades democráticas, dando armas aos operários, o homem só faltou morrer sufocado... Nunca vi tanto medo do povo... Eles não vão aceitar aliança nenhuma, não vão se unir coisa alguma, a gente não pode contar com esses pretensos democratas nem um minuto. Eles sabem que o golpe está aí, mas nada fazem e nada farão de concreto para impedi-lo.” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 105 e 106.

132 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 26.

133 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 106.

134 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 106.

Durante toda a obra, verificamos desconfiças, medo e dúvidas por todo um conjunto social que não se esclarece imediatamente. É medo do Estado autoritário representado pela polícia política que muitas vezes atuava as escondidas com policiais disfarçados e infiltrados entre os comunistas, medo das denúncias ingênuas ou não ingênuas dos vizinhos e medo da traição de companheiros pertencentes ao próprio grupo. O clima de insegurança ronda todo o cenário dos personagens comunistas na obra.¹³⁵ A narrativa relata que quando um militante comunista era preso pela polícia, poderia ficar na prisão por longo período, sofrer maus tratos e até tortura. E em certa altura da narrativa, Saquila se torna um sujeito visto como alguém que poderia delatar à polícia todo o movimento clandestino comunista. E mais ainda, Saquila atuava intensamente no partido e conhecia vários setores importantes da organização, ele inclusive comandava a gráfica de onde saíam jornais e informativos de comunicação e protesto. Essa gráfica ficava em uma casa alugada pelos militantes e abrigava as máquinas que havia sido doadas para o partido por Saquila, que era jornalista e em certo momento vê sua postura questionada pelos companheiros partidários que passam a duvidar da sua honestidade ao grupo.

Na casa em que estava montada a gráfica, ficava um trabalhador do partido chamado Camaleão. Ele era um militante-funcionário contratado informalmente para realizar os trabalhos gráficos de impressão do material. Era pedido ao Camaleão que ele fosse um

135 As ações do partido subterrâneo são apresentadas na obra, assim como as conversas entre os militantes, suas dúvidas e propostas. Vejamos um fragmento da narrativa literária:

“- É preciso comunicar ao Rio e esperar as decisões. Mas poderíamos também sugerir... Podíamos lançar um movimento de greves.

- Não sei – disse Zé Pedro. – Para isso será preciso um grande trabalho do Partido. E não sei como a base vai reagir. Há uma contínua campanha contra a direção feita pelo grupo de Saquila. Esse tipo não pode continuar no Partido. É um trotskista evidente e se cercou do que há de pior, de mais pequeno-burguês no Partido, estão num trabalho cerrado de agitação desmoralizante, aproveitam o momento de confusão e boatos que lhe são favoráveis...

- Ruivo foi ao Rio discutir...

- Se não limparmos rapidamente o Partido desses tipos, eles vão causar um prejuízo grande...

- Eles estão preparando qualquer coisa. Minha impressão é que há, entre eles, gente diretamente ligada à polícia. Para mim, as quedas de Ricardo, de Orlando e de outros não foram nada casuais. Eles foram entregues, e por essa gente...

- Eu também estou de acordo. Mas nós não podemos esperar a liquidação desse grupo para começar a preparar a gente para reagir ao golpe. É necessário começar logo... Pensei em tirarmos um material, distribuí-lo rapidamente pela base.

- É uma boa medida.

- Pensei também que podíamos descer às bases, realizar alguns atos com o pessoal. Pelo menos com as células das empresas fundamentais. E intensificar a propaganda para alertar toda a massa. Pinturas murais, volantes na rua, estudar mesmo a possibilidade de comícios-relâmpagos nos pontos de concentração.

Zé Pedro atalhou:

- Parece-me bem. Não achas que podíamos marcar uma reunião muito próxima para discutir isso? Depois de amanhã, por exemplo. Carlos e eu pensaríamos no assunto, poderíamos traçar um plano concreto. E liquidar agora os assuntos que temos para hoje.”

AMADO, Jorge. Os áspersos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 107 e 108.

trabalhador discreto junto à vizinhança para não levantar suspeitas sobre a gráfica clandestina e que não falasse o que se passava dentro da casa. Camaleão e Saquila se encontravam com frequência devido aos trabalhos na gráfica, e tinham certo laço de companheirismo.

A narrativa esclarece que a organização da gráfica era importante para o partido, pois era um instrumento fundamental à luta e à produção da informação. Para sustentá-la, assim como sustentar as outras atividades do partido, a organização recolhia mensalmente contribuições financeiras de diversas pessoas. Recolhiam contribuições de simpatizantes do partido, dos militantes das diversas células de discussão e dos grupos militantes de trabalho. Havia militantes designados para fazer o recolhimento dessas contribuições e deveriam realizar o trabalho de coleta com empenho, pois esse era também um trabalho fundamental para a manutenção do partido. Os militantes-líderes trabalhavam e observavam a realização das atividades com rigor. A relação hierárquica entre todos é destacada na obra assim como a interligação dos militantes para o bom funcionamento das ações. Havia secretários, tesoureiros, responsáveis por área de atividade e trabalhadores de base sendo que as funções de cada um eram estabelecidas com observações nos trabalhos realizados e discussões em reuniões do partido.

Saquila acompanhou toda essa movimentação e houve momentos em que ele não concordou com a postura do partido diante de algumas decisões. Então, como era militante vinculado a toda estrutura partidária de São Paulo (ligado aos trabalhos na gráfica, aos trabalhos de recolhimento das contribuições financeiras, aos trabalhos de base nas indústrias, além de conhecer muitas pessoas de diversos grupos sociais e ser bastante popular e reconhecido por seus trabalhos políticos e como jornalista), passou a ser observado pelo grupo que liderava o partido na região. Nesse ponto da narrativa, vários diálogos se estabelecem e, então, podemos observar brevemente a organização clandestina partidária e as desconfianças ao personagem Saquila.¹³⁶

136 Segundo a narrativa literária, o partido clandestino era organizado na região de São Paulo pelos personagens, João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo que estavam já desconfiados que Saquila fosse um traidor infiltrado no partido. Vejamos:

“- Esse negócio de dinheiro é outra coisa que anda atrapalhada. Esse doutor que foi feito tesoureiro ou bem é um sem-vergonha ou bem é um molenga. Me disse que não tinha nenhum dinheiro ainda. Que os simpatizantes não tinham pago, que as finanças das células andam por baixo... Dei-lhe um aperto, prometeu-me o dinheiro para depois de amanhã...

- Ele é um homem de Saquila – interrompeu Carlos. – Não duvido que tudo isso que ele diz seja mentira, que ele esteja comendo o dinheiro. Esse tipo nunca me agradou. Não sei como chegou a tesoureiro do regional. Sempre achei que ele vive do dinheiro do Partido. Clientes ele não tem, é um péssimo médico. Emprego não tem. E vive todo elegante, boa casa, boa roupa. É preciso ver isso.

- Eu mesmo irei amanhã pelo dinheiro – anunciou João. – E ou bem ele entrega ou ele diz por que não o faz. Andei conversando com uns secretários de célula, sei quanto dinheiro tem entrado da base...

Em reuniões partidárias, por vezes Saquila apresentava suas idéias. Ele não acreditava que naquele momento a luta armada pudesse ser uma estratégia interessante. Para Saquila, não havia clima para a Revolução como pensavam outros companheiros, afirmava que o Brasil ainda não atingira o desenvolvimento adequado – argumentava que o país estava em estado “semifeudal”, ou seja, com características agrário-exportadora, pouco industrializado, sem condições para a *Revolução Proletária* e que era preciso pensar em outras estratégias políticas de transformação para o Brasil.

Saquila acreditava que industrializando o país seria possível fortalecer os trabalhadores que atuassem na indústria, e então, partir para uma revolução junto aos trabalhadores, deixando de lado a *revolução proletária* e partindo para a *revolução democrático-burguesa*. Com esse pensamento, a atuação política deveria ser outra: não mais lutar contra o imperialismo estadunidense, ao contrário, incentivar e atrair o capital estadunidense para o Brasil. E ainda pensar em diálogos junto aos empresários diversos fazendo crescer e desenvolver o sistema mercadológico e financeiro para a possibilidade de geração de empregos que por sua vez também seria benéfico aos trabalhadores. Toda essa construção ideológica mudaria a direção da “Revolução” que Saquila não negava, mas passou a olhar de forma diferente para esse processo e suas possibilidades. Por outro lado, para os companheiros militantes, sobretudo para os quatro dirigentes regionais de São Paulo (os personagens João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo) essa postura era uma traição aos trabalhadores, pois significava ir em direção contrária a liberdade de todos. Para os comunistas existia somente uma revolução – a *Revolução Proletária* – que segundo eles, era a única capaz de transformar a ordem social de classes. A outra opção – a *Revolução Democrático-burguesa* – poderia trazer alguns benefícios para os trabalhadores, mas manteria a ordem social de classes. Manteria lugares de proletários e burgueses, lugares desiguais com vantagens maiores para a burguesia e menores para os trabalhadores.¹³⁷

Começaram depois a discutir sobre a oficina gráfica clandestina do Partido. Zé Pedro achava necessário buscar-lhe rapidamente outra casa, substituir também o camarada tipógrafo, o atual fora posto por Saquila, era homem seu, ex-operário das oficinas do jornal onde o trotskista era redator. Encontrar um novo camarada, conhecedor dos segredos da composição tipográfica e capaz de manejar sozinho uma pequena impressora, disposto a isolar-se do mundo e a ficar em segredo com suas máquinas e os manuscritos, já não era tarefa fácil. No entanto, podia-se conseguir. Mas onde outra casa que oferecesse as condições necessárias de segurança?

- É difícil – disse Zé Pedro. – É difícil, mas é necessário. Se não esses caras podem um dia desses entregar a oficina à polícia.

- É tratar disso logo. Desde amanhã, procurar casa e um homem capaz e de confiança. Carlos pode se encarregar do homem, buscar pelas colunas dos jornais. Zé Pedro e eu ficamos responsáveis pela casa.”

(...)

AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 108 e 109.

137 A classe burguesa também é apontada na narrativa como um grupo de pessoas hostis e de poucos sentimentos, vejamos:

Então, João, Zé Pedro, Carlos e Ruivo, militantes comunistas, ficaram rondando os passos de Saquila, sempre atentos ao que ele fazia e desconfiados devido ao que ele falava nas reuniões do partido.¹³⁸ Desconfiavam que Saquila pudesse estar trabalhando para a polícia política como informante. E começaram a apontá-lo como trotskista devido as suas ações.

Saquila ia sentindo pouco a pouco que o clima não lhe era favorável, e o diálogo com outros companheiros do partido foi ficando tenso e conflituoso. Saquila já não concordava mais com as medidas políticas que o partido escolhia e questionava os caminhos que o grupo defendia para a realização da revolução. Por tudo isso, o grupo dirigente do partido, começou a tramitar a sua expulsão da organização partidária.

Antes de Saquila ser expulso, ele foi ouvido pela direção regional e conversaram abertamente sobre as intenções do grupo dirigente e ouviram a sua opinião,¹³⁹ mas depois, Saquila ainda continuou se sentindo reprimido e injustiçado e partiu para o desenvolvimento de suas próprias ideias políticas, o que agravou mais o olhar negativo do partido sobre ele e, então, a expulsão foi realizada. Em seguida, Saquila recebeu um comunicado em nome da *Internacional Comunista* informando a sua expulsão juntamente com Heitor Magalhães, que foi tesoureiro do PCB na região de São Paulo e acusado de desvio financeiro do caixa do partido.¹⁴⁰ Saquila tinha uma relação estreita de convivência com Heitor Magalhães, homem formado em medicina, mas que nunca exerceu a profissão, o que levou a direção partidária a

“Não te deixes enganar nunca pensando que eles têm coração. A burguesia só tem estômago, estômago, tripa, tripa e mais nada!” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 77.

138 O personagem Ruivo fala à personagem Mariana sobre os problemas que ele identifica no partido:

“Há um trabalho do inimigo no seio mesmo do Partido, Mariana. Especialmente aqui, em São Paulo, onde está concentrado o grosso da indústria do país, onde a classe operária é mais numerosa e mais desenvolvida. Faz tempo já que a direção vem notando essa infiltração de ideologia estranha, esse trabalho de sapa tentando criar um ambiente de pânico entre os camaradas, levá-los ao desespero e, como consequência, ao afrouxamento do trabalho. Veja bem: o inimigo tenta impedir, com isso, por um lado, o crescimento do Partido e de sua influência nos meios operários, nas grandes empresas, onde devem estar assentadas nossas raízes profundas. Por outro lado, tenta infiltrar em nosso seio uma ideologia pequeno-burguesa, desesperada e suicida. Há um grupo de pequeno-burgueses, de intelectuais em geral, que vieram ao movimento por amorismo ou por oportunismo no tempo da Aliança, e que servem de veículo a esse trabalho do inimigo. Saquila é um deles...” AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 87 e 88.

139 Verificar texto literário em anexo. AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 198 a 202.

140 Saquila recebeu um comunicado da Internacional Comunista apresentando sua expulsão do partido, vejamos como a narrativa apresenta esse momento:

“Saquila fizera um gesto de pouco caso, ao ler o volante do regional anunciando sua expulsão do Partido. Ao seu nome, seguiam-se alguns outros, classificados todos como ‘traidores trotsquistas, divisionistas, elementos colocados a serviço do latifúndio paulista, inimigos da classe operária’. (...) Havia uma referência especial ao ex-tesoureiro da região, Heitor Magalhães, jovem médico sem clientes, acusado de haver desviado dinheiro da organização: ‘aventureiro da pior espécie’”. AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p, 196.

entender que eram pessoas que trabalhavam juntos e, portanto, eram inimigos do partido e da revolução comunista. Entretanto, foi somente depois da expulsão de ambos, que eles passaram a trabalhar juntos. Saquila e Heitor se sentiram humilhados e excluídos e resolveram unir forças contra a situação que vivenciavam e com o objetivo de formar um novo partido político, onde pudessem por em prática as suas ideias.

Então, Saquila procurou outros aliados políticos, expôs suas opiniões e pensou em organizar um novo partido que fosse regular no cenário nacional e, portanto, não estivesse submetido aos percalços da clandestinidade, com contatos influentes para uma política profissional e não amadora como o partido subterrâneo estava estruturado.¹⁴¹ Dessa forma, Saquila se profissionalizaria politicamente e teria ganhos salariais como político atuante – a narrativa explica que esse era um benefício que o PCB não podia oferecer, pois nesse momento o partido e os militantes eram cassados pela polícia e pela ordem estatal, os políticos do PCB estavam banidos dos cargos de vereador, deputado e senador –. Entretanto, Saquila, com toda a sua experiência política poderia fundar outro partido e se candidatar a cargos legais. Ele já conhecia muitas pessoas, tinha contatos com os políticos armandista, e tudo lhe parecia favorável. Além disso, Saquila pretendia tirar proveito da sua influência junto aos trabalhadores ligados ao PCB para fazer desenvolver seu novo partido político e isso era esperado pelos grupos que se ligaram a Saquila após a sua saída do PCB, pois pretendiam aproveitar os seus contatos políticos para novas alianças e novas ações.¹⁴²

141 Vejamos algumas idéias de Saquila sobre o novo partido que ele desejava fundar:

“ ‘o verdadeiro partido comunista, com uma linha realmente revolucionária, capaz de liquidar com Getúlio e com o Estado Novo... Um partido que ganhasse a legalidade, após o golpe antigetulista, e cuja linha equilibrada, única justa nas condições semicolônias do Brasil, lhe abrisse as portas do parlamento, da imprensa legal, da existência a céu aberto.’ ” AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 207.

142 Vejamos como a narrativa apresenta esses fatos, que Amado escreve usando artifícios de ironias e humor para a construção do personagem:

“Ao abandonar o Partido, Saquila tinha-se traçado uma linha de ação que devia levá-lo a grandes triunfos políticos, a altas posições, e para isso era-lhe necessário conservar aquela auréola de homem honesto, de ‘revolucionário puro’, vítima dos ‘métodos implacáveis dos stalinistas’.

(...)

E ele tinha agora, antes de tudo, necessidade de colocar de pé a fachada desse seu partido. O plano da conspiração armando-integralista estava praticamente maduro e, se bem Antônio Alves Neto se guardasse de lhe revelar os detalhes essenciais, encarregara-o de certos contatos nos meios intelectuais. Mas, o que os armandistas esperavam dele, antes de tudo, era a utilização da influência do Partido Comunista junto aos sargentos, cabos e soldados. Junto à massa operária também, para impedi-la de se colocar contra o golpe.

(...)

Saquila temia ver abalada a sua posição, seu prestígio de líder popular comprometido ante os olhos dos ‘políticos importantes’. Explicava ao advogado estar tomando contacto com elementos de outros Estados para poder formar uma direção nacional, estender o prestígio do ‘partido’ a todo o país. Realmente mandara gente ao Rio, ao Rio Grande do Sul, ao Nordeste. E Heitor Magalhães preparava-se para seguir para Mato Grosso e Goiás, onde era conhecido por ter estado antes em missão partidária. Mais alguns dias – prometia Saquila – e

Segundo análise de Saquila, não importava fundar um partido comunista, socialista, liberal ou outro qualquer. O nome e a ideologia que o partido levaria era irrelevante. Necessitava apenas ser um partido aceito e reconhecido popularmente para que ele alcançasse os benefícios de político que pretendia, pois ele acreditava em si e em sua atuação e dava menor importância ao partido enquanto um conjunto de expressão política.

Assim, Saquila se aproximou de vários grupos, até mesmo dos trotskistas e então, foi logo identificado como tal pela direção regional e nacional do PCB que já desconfiavam do seu envolvimento com os trotskistas desde antes.¹⁴³ Após a sua expulsão, o PCB o isolou e modificou todo o mecanismo ilegal do partido que Saquila tinha acesso. A organização partidária tratou de retirar a gráfica clandestina do local em que estava e remontá-la em outro lugar, outra casa. Também trocou o funcionário-militante que trabalhava na gráfica e que era conhecido de Saquila.

No início, os organizadores partidários afirmaram que aplicavam essas medidas por segurança, mas a verdade é que já estavam decididos a isolar Saquila,¹⁴⁴ pois pensavam que se Saquila era um inimigo conhecedor do partido subterrâneo, então ele era um inimigo muito perigoso. Desmontar a estrutura partidária que ele conhecia seria uma estratégia de segurança, da mesma forma que afastá-lo da gráfica, dos trabalhadores das indústrias paulistas e das missões partidárias¹⁴⁵ era uma estratégia importante. Então, até foi pedido a Cícero, militante comunista e escritor reconhecido com prestígio, que cortasse suas relações sociais com Saquila. Não se tratava de uma ordem partidária, era apenas um pedido, mas um pedido feito

a nova direção seria apresentada a todas as bases do Partido e a toda a massa por ele influenciada. Uma direção nacional, com nomes respeitados, capaz de obter o apoio irrestrito da imensa maioria para nova linha política, explicara ele ao 'armandista'. AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p, 197 e 198.

143 Vejamos o trecho da narrativa que fala sobre uma das diversas negociações que Saquila realizou com grupos políticos, algumas bem sucedidas outras não:

“ - Primeiro devemos perguntar aos senhores: os senhores nos garantem existência legal após o golpe? A um Partido que não se chame comunista, que se chame socialista ou popular, ou esquerda democrática, que defenda um programa progressista, como aquele que...

- Que discutimos em nossa outra conversa? De acordo.

- Segundo: os senhores se dispõem a nos auxiliar agora, nesse momento, na luta que vamos manter contra os elementos recalcitrantes?” AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p, 107.

144 Vejamos a narrativa:

“Começaram depois a discutir sobre a oficina gráfica clandestina do Partido. Zé Pedro achava necessário buscar-lhe rapidamente outra casa, substituir também o camarada tipógrafo, o atual fora posto por Saquila, era homem seu, ex-operário das oficinas do jornal onde o trotskista era redator. Encontrar um novo camarada, conhecedor dos segredos da composição tipográfica e capaz de manejar sozinho uma pequena impressora, disposto a isolar-se do mundo e a ficar em segredo com suas máquinas e os manuscritos, já não era tarefa fácil. No entanto, podia-se conseguir. Mas onde outra casa que oferecesse as condições necessárias de segurança?

-É difícil – disse Zé Pedro. – É difícil, mas é necessário. Se não esses caras podem um dia desses entregar a oficina à polícia.” AMADO, Jorge. Os áspersos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p, 108 e 109.

145 As atividades do partido eram apresentadas aos militantes como *missões* que deveriam cumprir primorosamente.

dentro da ordem partidária e comunista, ressaltando os valores de comportamento do grupo. Cícero, não gostou disso, pois achou exagerado e radical. Cícero e Saquila compartilhavam de gostos comuns, conversavam frequentemente sobre política e artes, e para Cícero, cortar essas relações sociais seria um exagero em certos aspectos, mas ele ouviu as proposições apresentadas e como não eram amigos próximos, isso não fez muita diferença.¹⁴⁶ Assim, Saquila foi isolado de toda estrutura partidária, de pessoas ligadas ao PCB e da rede de militantes com quem mantinha contatos.

O personagem Saquila é, portanto, a representação de um sujeito vaidoso, intelectual e cheio de atitudes que os organizadores do PCB não toleraram. Saquila rompia com ideais estabelecidos pelo partido assumindo outras ideias políticas e pondo em prática um comportamento que não era aceito. Ele foi contra um grupo estabelecido e portanto, perdeu a disputa que travaram.

A narrativa da obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade*, enobrece muito mais o partido do que o sujeito político unitário, mesmo ressaltando alguns líderes, tais como Luiz Carlos Prestes, que atuou no Brasil, e Stalin, na União Soviética. Segundo a narrativa, o conjunto de pessoas unidas que compunham o partido político eram os responsáveis pela revolução que encaminhavam e um político somente, não conseguiria realizar a revolução comunista, pois essa dependia do conjunto de pessoas unidas: a união e fortalecimento de uma massa populacional e principalmente de trabalhadores unidos em prol da causa. Essa concepção foi fundamental para a constituição do PCB, segundo *Os Subterrâneos da Liberdade* e essa é mais uma mensagem transmitida nessa obra de Amado e talvez fosse nisso que ele, enquanto militante, também acreditou.¹⁴⁷ Quando o personagem Saquila se propõe a fundar um novo partido comunista, ele é criticado e lembrado que segundo essa óptica estrutural só poderia haver um único *Partido Comunista*: um partido que agregasse uma popularidade majoritária e que todos os outros partidos menores e com menor expressão

146 Vejamos como a narrativa apresenta esse aspecto:

“- A verdade – Zé Pedro tirava as conclusões da conversa – é que você, seu Cícero, militante do Partido, e, mais que isso, conhecido como comunista, não pode manter relações pessoais com Saquila. O simples fato de dar-se com ele de conversar com ele, de ser visto em sua companhia, de ajudá-lo com dinheiro, é bastante para dar-lhe prestígio, para auxiliá-lo em seu trabalho antipartidário. Você deve romper com ele.

- É uma decisão? – perguntou Cícero um tanto picado em sua vaidade pelas palavras do dirigente.

- Se você quer saber se é uma decisão orgânica, eu lhe respondo que não, nenhuma decisão orgânica foi tomada nesse sentido. Eu apenas lhe digo que é uma decisão que você mesmo deve tomar, é sua consciência de comunista que a deve ditar.” AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 268.

147 Em entrevistas, Amado fala um pouco sobre sua militância no PCB e um pouco das suas crenças junto ao partido. Conferir entrevistas em anexo.

popular não seriam capazes de realizar a revolução que pregavam.¹⁴⁸ Isso também era uma crítica e alerta apresentada na narrativa sobre os outros partidos que se formaram em 1937 após cisão no PCB.¹⁴⁹ Assim, o personagem Saquila fica consagrado na obra literária, como um inimigo do PCB, que tentou dividir o partido e criar outro.

Por meio dessa obra, é divulgada a importância da estrutura orgânica do PCB conforme acreditavam, e tudo isso colaborava para a difusão da mentalidade expressa dessa instituição partidária.¹⁵⁰

Os Subterrâneos da Liberdade foi uma obra acolhida e difundida pelo movimento comunista internacional. Amado recebeu apoio estrutural enquanto escrevia, e posteriormente seu livro foi publicado por editoras de diversos países, principalmente por aqueles que compunham a União Soviética.¹⁵¹

Amado relata em entrevistas, que quando *Os Subterrâneos da Liberdade* foi lançado, muitos militantes comunistas criticaram alguns fatos mostrados, mas ele não expõe detalhes sobre esses comentários e apenas deixa as críticas serem apresentadas.¹⁵² Era mesmo natural que houvesse muitas críticas. Alguns personagens, como Saquila, eram representações imagéticas de pessoas reais e isso causava incômodos, dúvidas, questionamentos e contestações.

***A imagem do movimento comunista brasileiro diante das riquezas nacionais e no debate sobre a reforma agrária: o personagem Gonçalo.**

Outro personagem que destacamos aqui é Gonçalo, em torno dele a narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade* explana questões sobre a exploração de riquezas minerais no território brasileiro em aliança entre grupos estrangeiros e políticas nacionais, e mostra ainda a proposta comunista de reforma agrária no país.

O autor Jorge Amado, explica em entrevista, que para criar o personagem Gonçalo e a narrativa em torno dele, se inspirou em um militante comunista que conheceu pessoalmente:

Quanto ao rio Salgado, às lutas dos camponeses, no fundo é uma transposição do Nordeste – uma transposição para o Planalto Central, bem no

148 “– O Partido é o Partido, Saquila, não existe dois partidos comunistas. Quando isso acontece, um deles termina sempre servindo aos inimigos –” AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 207.

149 CHILCOTE, Ronaldo H. *O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87.

150 Sobre a estrutura orgânica do partido, ver a obra: SAID, Ana Maria. *Uma estratégia para o Ocidente: o conceito de democracia em Gramsci e o PCB*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

151 Romance em tempos de utopia. DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

152 Ver entrevistas em anexo.

coração do Brasil, de uma situação nordestina. Conheço-a bem, a situação dos camponeses brasileiros, como os conheci muito bem no movimento operário da época. E o homem que é o personagem central da luta, Gonçalo, foi construído a partir de um grande amigo meu, Martinzão, e que hoje está morto – seu nome de guerra era Martins – Martinzão, ele era um gigante. Foi quem dirigiu a luta dos índios que hoje são ameaçados e que lutavam já nos anos 30, no interior do Estado da Bahia, no posto indígena de Paraguaçu, contra os invasores de terras. Na época eu estava na Bahia; acompanhei o desenvolvimento de toda esta batalha e tornei-me muito amigo deste companheiro dos índios.

Foram as lutas do sertão que serviram de base para o meu trabalho nesta parte do livro, apesar de eu ter situado a ação no coração do Brasil, por assim dizer. Mas os personagens são silhuetas comuns do Nordeste e que me são familiares, com exceção de Gonçalo, que é um de meus personagens construídos a partir de uma única pessoa. Um homem único e admirável, Martinzão, que militou comigo em São Paulo e que conheci aqui nos anos 30, quando ele comandou a resistência dos índios contra a invasão de suas terras. Depois ele teve que fugir, fugir...¹⁵³

A narrativa literária também apresenta a região chamada *Vale do Rio Salgado*, uma região ficcional, criada pelo autor, que fica no interior do Brasil. É uma região que atrai a atenção de empresários, pois constataram a existência de ricas jazidas de manganês. Esse nome que Amado criou para designar a região é bastante sugestivo e lembra outro nome que conhecemos: a empresa *Vale do Rio Doce*, que atualmente chama-se *Vale*¹⁵⁴.

153 RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

154 A história da Companhia Vale do Rio Doce – hoje somente Vale –, está intimamente ligada à construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, durante a qual os engenheiros ingleses envolvidos em seu projeto tomaram conhecimento da existência de uma grande reserva de minério de ferro naquela região. Empresários e investidores interessados na exploração dos recursos encontrados adquiriram extensas áreas de terra próximas a Itabira e em 1909 se reuniram fundando o Brazilian Hematite Syndicate.

Em 1910, no XI Congresso Geológico e Mineralógico, realizado em Estocolmo, na Suécia essas reservas foram estimadas em 2 bilhões de toneladas métricas.

Em 1911 o empresário estadunidense Percival Farquhar adquiriu todas as ações do Brazilian Hematite Syndicate e mudou seu nome para Itabira Iron Ore Company. Farquhar projetava exportar minério de ferro para os Estados Unidos com os navios da Itabira Iron Ore Company e retornar trazendo carvão dos Estados Unidos para o Brasil. Um projeto ousado e lucrativo. Estimavam exportar 10 milhões de toneladas por ano de minério de ferro para os Estados Unidos da América. Esse projeto foi inviabilizado e somente pode se realizar anos mais tarde, após desenvolvimento da empresa Companhia Vale do Rio Doce, que apresenta uma história de envolvimento de medidas políticas estatais e privadas com o investimento de alto capital para a construção de toda a estrutura física e de logística da empresa.

No governo Vargas, Farquhar teve as reservas acampadas pelo governo que em 1942, com os Acordos de Washington, criou a Companhia Vale do Rio Doce. A empresa fazia uma extração modesta de minérios. O Brasil era bastante rico em minérios, mas o valor do mineral bruto no comércio era baixo e a demanda bastante reduzida. Até que na década de 1950 acordos foram firmados para melhorar a logística empresarial da Vale do Rio Doce com a construção de portos: a Inauguração do Cais do Paul, no Porto de Vitória, iniciativa da Vale e do Governo do Espírito Santo.

Depois, em 1962 a Vale do Rio Doce entrou em nova fase. Com acordos firmados entre siderúrgicas Japonesas e usinas Alemãs e também com a criação da Docenave – subsidiária Vale do Rio Doce Navegação S.A. – O Brasil passou a exportar grande quantidade de minérios para o Japão com preços competitivos de mercado. A Docenave tornou-se a terceira maior empresa de navegação graneleira do mundo. Daí em diante, com investimentos em logística, construção de portos e acordos de cooperação nacional e internacional a companhia foi se fortalecendo cada vez mais no mercado de exploração de minérios e venda da mercadoria.

Em 1997 tornou-se uma empresa privada, após medidas políticas de privatização do governo Fernando Henrique Cardoso. E em 1999 a Vale contava com um lucro de 1,251 bilhão.

A muitas e muitas léguas do mar, no interior inóspito do Brasil, onde se estendem as fazendas feudais do tamanho de países, onde não chegam sequer as leis escritas das cidades nem os rumores dos acontecimentos ocorridos na costa, viajava, sobre o dorso de árdegos cavalos, a numerosa caravana de técnicos, jornalistas, engenheiros, em busca do Vale do Rio Salgado.¹⁵⁵

A narrativa apresenta grupos estrangeiros que estavam na região do Vale do Rio Salgado avaliando o território com equipamentos sofisticados para o levantamento preciso sobre as riquezas minerais encontradas naquela localidade. E o militante comunista, Gonçalves, que estava vivendo ali, ao ver a movimentação de estrangeiros no local, fica atento e preocupado com as questões políticas em torno disso.

A narrativa também relata a presença dos trabalhadores rurais nas fazendas próximas ao Vale do Rio Salgado e a movimentação comunista na região junto a esses trabalhadores.

Os vários latifúndios brasileiros são denominados pela narrativa como regiões feudais. Amado caracteriza as grandes fazendas, assemelhando-as aos feudos europeus, e principalmente, dando aos proprietários das fazendas ares de senhor que manda, controla e estabelece condições entre as relações sociais dos diversos sujeitos. A narrativa sugere que os latifúndios brasileiros eram arcaicos o bastante a ponto de estarem parados no tempo. Neles, a modernidade e o desenvolvimento humano não chegara.

Próximo ao Vale do Rio Salgado ficavam as terras do personagem Venâncio Florival: ex-senador e proprietário de grande latifúndio. Segundo a narrativa, na fazenda de Venâncio Florival viviam pequenos produtores rurais que retiravam da terra o suficiente para sobreviverem: eram agregados e meeiros do fazendeiro Venâncio Florival e viviam nas terras dele. Ali, produziam pequenas agriculturas – cultivo de hortaliças, frutas e legumes, e pouca produção pecuária – criação de gado; e comercializavam desses produtos nas feiras do arraial. A vida dinâmica e o progresso das principais cidades brasileiras não permeavam o cotidiano daquelas famílias interioranas e rurais.

Muitos moradores que ali viviam eram analfabetos que vivenciavam experiências culturais relacionadas ao modo de vida rural e a narrativa ainda expõe expressões de coronelismo entre o fazendeiro Venâncio Florival e os agregados da fazenda. Vejamos:

Atualmente a Vale produz e comercializa minério de ferro, pelotas, níquel, concentrado de cobre, carvão, bauxita, alumina, alumínio, potássio, caulim, manganês e ferroligas. E conta com o trabalho de 100 mil funcionários, entre pessoas contratadas pela empresa e terceirizadas, e fornece também um amplo trabalho de logística empresarial em várias localidades do globo terrestre:

(Ver breve histórico da empresa no sítio eletrônico):

Disponível em: <<http://www.vale.com/vale/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=10>>

Acesso em: 09 out. 2009.

155 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 19.

As casas dos trabalhadores estavam espalhadas pela vastidão das fazendas, distantes umas das outras, e muitos deles só se viam nos dias de feira no arraial. O lugarejo nascera à margem da estrada, quando aquelas terras ainda não pertenciam todas a Venâncio Florival, antes dele adquiri-las ou tomá-las dos antigos proprietários. O comércio se reduzia a umas quantas vendolas onde podiam comprar cachaça, fumo e querosene, algumas frutas. A maioria da população era composta de rameiras, decrépitas e enfermas, tendo atingido o último escalão da desgraça. Nos dias de feira, quando agregados e meeiros vinham vender alguns produtos da terra, a única rua, eternamente enlameada, se animava um pouco. Homens acorados no terreno da feira conversavam, outros ouviam os cegos violeiros. Aos poucos o povoado fora sendo cercado pelas terras do Venâncio Florival, que cresciam em direção ao Vale do Rio Salgado. E um dia os habitantes se encontraram dentro das fazendas do ex-senador, sujeitos às suas leis, devendo votar nele nas eleições, trazer-lhe presentes pelo São João e pelo Natal, atender às suas ordens. O subprefeito era designado por ele, a escola tinha sido fechada por falta de professora, e só se dizia missa na capela pelo fim do ano, quando vinham um missionário de uma ordem dedicada à conversão dos índios selvagens.¹⁵⁶

Contudo, a narrativa relata que em certo momento, o personagem José Gonçalves foi morar no Vale do Rio Salgado. Ele era um homem que se preocupava com os outros moradores da região e geralmente visitava as pessoas, oferecia algum remédio produzido com plantas medicinais, motivava algum morador analfabeto da região a ler e a escrever, versava coisas sobre política e sociedade, e assim, pouco a pouco conquistou a confiança dos moradores do vale.

(...) homem alto e forte como um gigante, saído ninguém sabe de onde, aparecendo de quando em vez em terras das fazendas, semi-escondido, trazendo remédios, tratando dos doentes, contando coisas, explicando outras, abrindo os olhos da gente até então fechados. Mas a ele viam uma vez na vida, outra na morte; ele vivia no vale, ali tinha sua cabana e sua mandioca.¹⁵⁷

Gonçalves era um militante comunista procurado pela polícia e estava escondido no Vale do Rio Salgado, onde ninguém conhecia sua identidade. Tudo o que ele pensava a respeito do comunismo, da reforma agrária e da necessidade em orientar as pessoas sobre essas idéias permanecia ativo em sua personalidade. E em conversas com outros moradores do vale, Gonçalves ia semeando o que pensava. A narrativa apresenta:

Estavam quase todos, porém, de acordo em que sempre haviam pensado assim, apenas nunca se lhes tinha ocorrido que isso pudesse acontecer, que a terra que eles trabalhavam devesse ser deles, devesse lhes pertencer. Por que tanta terra junta era de um homem só, alguém jamais curvado sobre ela, jamais regando-a com o seu suor, por que só ele lucrava com a fartura da terra e os demais viviam das migalhas, das sobras do que a terra dava? Muitas vezes antes, eles se lastimavam nos encontros nas feiras:

-Ahn! Se um dia a gente pudesse ter um pedaço de terra seu...¹⁵⁸

156 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 24.

157 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 25.

158 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 25 e 26.

Além do diálogo sobre a redistribuição dos meios de produção, no trecho literário acima, verificamos em específico a redistribuição de terras (reforma agrária), a narrativa traz em outros trechos a concepção da necessidade de envolvimento das pessoas para a luta em ações concretas. Segundo a narrativa, não bastava apenas o envolvimento dos militantes nos ideais comunistas, as pessoas da vida cotidiana ligadas às causas pensadas também deveriam se envolver na luta que precisava ser ampliada, assim como a concepção de *Partido Político* como órgão social e coletivo. O partido não poderia ser um órgão fechado em si, precisava envolver o máximo possível de pessoas e essa característica é bastante explanada em *Os Subterrâneos da Liberdade*. No entanto, era um partido que conclamava as pessoas e as definia como “base” para ações políticas, enquanto, os dirigentes eram os pensadores das ações a serem executadas. O personagem Gonçalo, é configurado como um dirigente comunista ali no Vale do Rio Salgado por ter conhecimentos diversos: conhecia o partido e sua organização, era intelectualizado, acompanhava a política nacional pelos jornais. Com essas características, Gonçalo guiava os outros trabalhadores rurais, que eram em maioria analfabetos, com pouco conhecimento sobre a política brasileira e sobre seus direitos enquanto cidadãos.

Durante longos trechos dessa obra de Amado, há a apresentação de personagens que guiam outros na luta política. É mostrado que não era um processo mecânico, mas acreditavam fortemente que aquelas pessoas melhores informadas deveriam guiar aqueles que não conheciam a luta comunista, além de explicar-lhes sobre as experiências históricas da luta pela redistribuição dos bens de produção (terras e indústrias), sobre a experiência vivenciada na Rússia em 1917 e sobre os teóricos que pensaram essas ideias.

Portanto, movimentar a sociedade trabalhadora em torno dessas questões parecia ser uma estratégia social e política dentro do P.C.B., e mais que isso: uma estratégia vista como caminho possível para a transformação social, principalmente analisando que transformar pensamentos e atitudes poderiam gerar transformações ainda mais profundas. A obra mostra que se misturavam a agitação política com a propaganda política, trazendo à cena diversos sujeitos sociais.

Então, voltando a narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade*, Gonçalo conversava com muitos moradores do Vale do Rio Salgado sobre tudo o que ele acreditava ser correto e, em especial, os personagens Nestor e Claudionor concordavam com o que Gonçalo explicava.

Nestor e Claudionor eram moradores humildes que viviam na fazenda de Venâncio Florival e eles falavam aos outros vizinhos segundo o que aprenderam com o comunista Gonçalo:

(...) Mas agora vinha Nestor e lhes dizia: “A gente que trabalha a terra deve ser o dono dela...” e vinha o mulato Claudionor e murmurava, convencido: “Se essa terra fosse dividida entre todos que trabalham aqui, ainda sobrava para outros... Dava pra se viver de barriga cheia e criar os meninos que vivem morrendo de fazer dó...” E não era por acaso verdade? Tão simples de pensar, mas como fazer para ter essa terra, para possuí-la e poder gozar dos seus frutos? Nestor explicava: “Nós somos muitos, ele é um só. Nós todos juntos podemos mais que ele.” Claudionor contava: “Num lugar longe, chamado Rússia, fizeram assim: tomaram as terras, dividiram elas pelos pobres. A gente deve fazer o mesmo.”

Um dia alguns tinham se reunido, depois da primeira passagem de José Gonçalo pelas fazendas, e foram reclamar de Venâncio Florival contratos escritos para os meeiros. Parecera um fim do mundo: o fazendeiro, ainda senador naquele tempo, perdera a cabeça. Mandara espancar Honório, um negro já quase morto de impaludismo, fora o pobre que expusera o assunto. Fizera-os correr das imediações da casa-grande, ameaçou-os com a polícia, o chicote, jamais o tinham visto tão enraivecido.

Gonçalo voltara e, ao saber do sucedido, explicou que eles deviam não pedir, mas exigir. Dessa vez o foragido do Vale demorou-se alguns dias no povoado, em casa de um velho vendedor de cachaça, ao qual curava uma antiga ferida na perna. Ali vinham visitá-lo, pela noite, Nestor e Claudionor, outros se chegavam também. Foi assim como começaram a pensar que bem podiam ser os donos das terras onde trabalhavam, e se convenceram da injustiça das suas vidas. O arraial de Tatuauçu se encheu de um novo interesse e trabalhadores meeiros passaram agora a esperar a feira dos domingos numa redobrada impaciência: ali podiam discutir uns com os outros sobre aquelas idéias a cada dia mais espalhadas pelo jovem Nestor e pelo mulato Claudionor. Até mesmo, nos últimos tempos, papéis impressos haviam aparecido: uns quantos volantes, mandados de São Paulo para Gonçalo, explicando o problema da reforma agrária, da necessidade dos camponeses lutarem pela posse da terra. Os poucos que sabiam ler, liam para os muitos analfabetos. Balançavam a cabeça numa lenta aprovação, só alguns mais velhos e já com os pés na cova achavam ser tudo aquilo invenções do demônio para tentar os homens.¹⁵⁹

No trecho acima, observamos o conflito entre os moradores do arraial de Tatuauçu (próximo ao Vale do Rio Salgado) e o fazendeiro Venâncio Florival, que é apresentado como um coronel na região em que habitavam.¹⁶⁰

O trecho relata a atitude de fúria e violência do proprietário rural, Venâncio Florival, diante da reivindicação dos trabalhadores para a produção de contratos escritos para os meeiros. Segundo a narrativa, os direitos trabalhistas não existiam, principalmente para os trabalhadores rurais, e as ideias comunistas conquistavam espaço alegando que aquelas situações deveriam ser transformadas. Se o diálogo não surtisse efeito, então os trabalhadores deveriam se unir na luta armada. É o que o personagem Gonçalo explica acima: “deveriam não pedir, mas exigir.”¹⁶¹

159 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 26.

160 A historiografia também apresenta o coronelismo no Brasil como uma política vigente entre os anos de 1900 a 1940. E em muitas regiões rurais, os proprietários dos latifúndios eram respeitados como senhores. Ver: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

161 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 26.

Então, pouco a pouco, outros trabalhadores iam acatando aquelas ideias, fortalecendo-as e acreditando na proposta comunista:

Mesmo os cegos violeiros, comentadores, nas suas emboladas, desafios e côcos, dos acontecimentos locais, já faziam seus versos sobre tais reflexões:

“Quando a terra for de todos,
aiô que bom vai ser!
todo mundo vai comer,
fome vai se acabar,
até escola vai ter.”

(...)

“Seu Venâncio Florival,
tem terras de não acabar.
Tem pobre que não tem terra,
só braços pra trabalhar.
Seu Senador Florival,
dono de tanta terra,
o comunismo vai vir
com sua arrogância acabar.
O comunismo vai vir,
Vai na exada lhe botar,
seu senador Florival...”

(...)

“Encontrei ‘seu’ comunismo
viajando pela estrada.
Onde vai, ‘seu’ comunismo,
nesse seu passo apressado?
- Vou depressa terra dar
a quem terra não tem.
As terras eu vou tomar
de Venâncio Florival.
De injustiça tou cansado,
a ninguém vou fazer mal.
Dos pobres eu sou amigo,
pros ricos sou satanás.”¹⁶²

A narrativa se desdobra contando a história de Nestor, um trabalhador rural que vivia com sua família como agregado na fazenda de Florival.

Nestor tinha 25 anos e ainda não era alfabetizado. Estava aprendendo a ler e a escrever com dificuldades e seu avô não entendia a importância da alfabetização e questionava aquelas atitudes:

(...) por vezes parece-lhe impossível poder conduzir a mão, dirigi-la no desenho das vogais e consoantes. De vogais e consoantes, primeiro destacadas umas das outras, depois ligadas em palavras, José Gonçalo, o “Amigão” habitante do Vale, enchera duas páginas de papel pautado e Nestor fita essa sucessão de letras e a copiar, num assobio de admiração pela regularidade e firmeza dos traços. Como reproduzi-los sem por completo os deturpar, como fazer para fechar a curva do **a**, como conseguir a justa medida da perna do **p**, como impedir que o **c** se feche, transformando-se num **o**? É ainda mais difícil do que a leitura, o soletrar das sílabas, o juntá-las nas palavras. Custa-lhe mais a ciência da escrita que a leitura, os olhos habituaram-se antes que a mão pesada do trabalho.

(...)

162 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 27 e 28.

Mas era necessário: como ler para os demais aqueles papéis esclarecedores se ele mesmo não soubesse ler? Como estudar os livros dos quais Gonçalo falava? Não bastava sentir o fogo da revolta crescendo dentro dele, fazia-se preciso acendê-lo em todos os demais, e para isso era necessário saber ler e escrever. A voz do gigante do Vale ressoava em seus ouvidos, no repetido conselho:

- Tua primeira tarefa, Nestor, é aprender a ler e a escrever.¹⁶³

Nestor seguia as orientações de Gonçalo porque acreditava nos ideais que ele afirmava e não estava sendo obrigado a se comportar daquela forma diante das questões trazidas pelo comunista, que pregava a luta política na comunidade onde moravam e também a necessidade da preparação de todos: uma preparação de pessoal ativo para a transformação que pretendiam. Então, ser alfabetizado, consciente politicamente, questionador, criativo e determinado eram características essenciais em um bom militante político. Gonçalo incentivava tudo isso naquela comunidade pobre e esquecida no interior do Brasil que estava fadada a exploração realizada pelo fazendeiro Venâncio Florival, mas que poderia mudar esse destino conhecendo seus direitos políticos e de cidadãos. O incentivo a leitura e a escrita é muito forte para se alcançar esses benefícios, sabendo que ler e escrever eram apenas os primeiros quesitos a serem incentivados na comunidade e que muitos outros trabalhos sociais deveriam ser realizados, mas tudo isso não dependeria de uma única pessoa; era um projeto coletivo dentro da comunidade e dependeria de todos: da disposição e vontade de cada sujeito daquela história. Essa era uma ação política do partido apresentada na narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade*.¹⁶⁴

Então, a narrativa mostra que o interesse de Nestor pela alfabetização chegou com a ajuda de Gonçalo e sobretudo pela vontade do próprio Nestor. Aí verificamos, nascer no personagem o interesse pela militância comunista de forma espontânea. Notamos mais uma vez, segundo essa narrativa literária, que provavelmente nem todas as ações do PCB eram articuladas nos gabinetes do partido. O personagem Nestor poderia se tornar um militante fundamental na localidade onde vivia e o personagem Gonçalo sabia disso, e também, por

163 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 28 e 29.

164 O incentivo ao conhecimento é mecanismo poderoso para o desenvolvimento de pessoas. Atualmente ainda se prega essa afirmativa tanto nos setores públicos quanto privados para a transformação mundial em largo espectro: seja para o desenvolvimento de uma comunidade, ou para o desenvolvimento produtivo de empresas diversas, ou para a melhoria de vida nas cidades, entre outros. Enfim, o movimento comunista na década de 1930 soube trabalhar com essa questão para a transformação que pretendiam e usaram os meios que tinham disponíveis. Aqui, a narrativa de Amado comenta sobre a atuação de um militante do partido que ensinava pessoas carentes a ler e a escrever. Segundo a narrativa, foi um meio utilizado pelo partido para ajudar no desenvolvimento de pessoas e ao mesmo tempo divulgar as idéias partidárias.

Atualmente conhecemos experiências políticas de grupos que implementaram projetos educacionais para promoverem o desenvolvimento humano e ao mesmo tempo difundirem conceitos políticos da organização. Por exemplo, projetos educacionais ligados a movimentos sociais, igrejas e empresas.

isso, o incentivava. Esses fatos são mostrados na narrativa, mas sabemos de historiografias que relatam o partido PCB impositivo e até autoritário em certas medidas. Então, pensamos que havia as duas formas de atuação partidária no PCB: medidas autoritárias e não autoritárias em um jogo político que se formava socialmente.

Então, a narrativa aponta que o avô de Nestor o olhava desconfiado diante das mudanças que estava presenciando e pensava:

Que faz ele ali, curvado sobre o papel, perdendo tempo, em vez de dormir, de descansar da labuta do dia passado na roça, sob o sol? Que invenção é essa de ler e escrever, não viveu até agora sem necessidade de saber ler e escrever? Para que precisa desses luxos um trabalhador da terra, um agregado do coronel Venâncio Florival? O velho vivia naquelas terras há mais de sessenta anos, ali tinham nascido, vivido e morrido seus filhos, entre os quais o pai de Nestor, trabalhando para o pai do ex-senador, depois para ele, e nenhum aprendera a ler, nenhum aprendera a escrever. Que adianta saber essas coisas se o destino deles é lavrar a terra, colher os cafeeiros, sacar os frutos nos terreiros, tocar os animais no campo? Isso são coisas para a gente das cidades, para os doutores e os políticos, para os fazendeiros e os capatazes. A eles, trabalhadores e colonos, de nada podiam servir essas invenções, a eles cumpria nascer e morrer, após terem se curvado sobre a terra, de sol a sol, para ganhar o que comer e uns trapos para se vestir. Que buscava Nestor com essas histórias de dividir as terras, de tomá-las do coronel Venâncio, de reparti-las entre colonos, meeiros e agregados? Quem é que no mundo pode levantar o dedo sequer contra Venâncio Florival, dono de um mundo de terra, de milhões de cafeeiros, de milhares de cabeças de gado, senhor de jagunços, dispondo da polícia militar do Estado, cuja voz fazia tremer os homens léguas em redor?¹⁶⁵

Para o avô de Nestor, cada pessoa seguia um destino traçado por Deus, e assim ele aceitava a vida que tinha. Esse pensamento poderia explicar e acalmar ânimos diante do mundo, mas Nestor juntamente com o que aprendera sobre o pensamento comunista apontava outra opinião:

“O destino é Deus quem dá”, sentenciavam, e assim explicavam tudo, como nascem uns para a riqueza, para mandar, como nascem outros para a pobreza, para o trabalho pesado, para obedecer. “Ninguém pode mudar o seu destino”, completava. Nestor aprendera de Gonçalo, e o aprendera também o mulato Claudionor e uns poucos mais o estavam ensinando a todos os outros, que cada um pode construir o seu próprio destino, cada um pode modificar a sua vida. A sua e a de todos em redor: dependia deles mesmos, errada era a sabedoria dos velhos.

- Vosmecê gastou suas carnes, avô, em cima dessas terras. Vosmecê branqueou os cabelos da cabeça plantando café, tangendo boi, plantando roça pro coronel Venâncio. Que foi que vosmecê ganhou, avô? Seu peito tá comido, vosmecê deu suas carnes para engordar o coronel. Que foi que vosmecê ganhou, avô? Vosmecê não aprendeu a ler, o coronel aprendeu, ele pôde lhe enganar melhor, ele pôde lhe roubar melhor.

- Como tu tem coragem, ruindade, de chamar o coronel de ladrão? Tu não sabe que ele pode mandar te prender, te dar de chicote, te mandar matar se ele quiser?

- Ele pode porque a gente deixa, avô.

- Ele tem as terras, ele é dono de tudo .

- Ele tem as terras porque a gente deixa, avô. Ele é dono de tudo porque a gente deixa, avô. A gente tava tudo dormindo, avô, tudo de olhos fechado, sem olho

165 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 30.

pra enxergar. A doença comia a gente, a fome morava com a gente, os meninos morrendo que nem formiga, a gente dando café, os bezerros, a mandioca, e o milho pro coronel. Que a gente ganha com isso, avô? Nós trabalha na terra, nós sua em cima dela, nós nasce e morre de enxada na mão, e por que a terra é dele, quem foi que deu a ele?

- Foi Deus que deu, Deus sabe o que faz.

- Não foi Deus que deu, foi o coronel que tomou, enganando uns, roubando outros. Ele não pega numa enxada, por que é dele tudo? Se a gente se juntar, a terra vai da gente e é nós que vai mandar nela.

-Tu tá cavando tua desgraça, tu tá cavando a cova pra muita gente, tu tá com o diabo encostado no corpo. Eu sou velho, eu sei mais coisas do que tu, que nasceu ontem. Ninguém pode nada contra o coronel Venâncio, ele é o patrão. Tu vai é desgraçar os outros, tu tá de tenção ruim...

- Avô, eu só quero fazer bem aos outros, vosmecê acredite. Vosmecê é velho, mas eu sei coisas que vosmecê não sabe. Ou vosmecê pensa que é assim como aqui em todo canto? Tem lugar onde gente igual a nós já fez assim como eu tou dizendo.

(...) Mesmo que seja pra morrer nós deve dividir essas terras, tomar elas pra gente.

Mesmo que seja um dia só que a gente tenha elas, paga a pena de morrer.¹⁶⁶

A luta de classes representada pelas divergências entre os personagens Venâncio Florival e Nestor está definida na obra e essa luta vai movimentar tantos outros personagens, alguns apoiando o posicionamento e opinião de Nestor e outros em favor do fazendeiro Venâncio Florival.

O trecho acima é rico em posicionamentos ideológicos do movimento comunista a respeito da luta de classes e deixa explícito um pouco das intenções pleiteadas para o alcance da divisão dos meios materiais de produção. Era a partir da redistribuição dos meios materiais de produção que pensavam a transformação da ordem mundial. Embora cada ação fosse desenvolvida em sua localidade e diante de suas realidades, havia o desejo de transformação mundial, mesmo que esse objetivo estivesse ainda distante.¹⁶⁷

Gonçalo que era integrante do PCB e realizava um trabalho na região do Vale do Rio Salgado de informar ao partido tudo o que se passava, viu chegar a caravana internacional de engenheiros e trabalhadores de inspeção nessa rica região. Quando podia, ia ao encontro de outros dirigentes do partido para informar e inteirar-se sobre diversas ações, e esses encontros não eram frequentes devido a distância e aos gastos que tinham. Gonçalo também dedicava sua vida às atividades revolucionárias cotidianamente. Ele é descrito como um revolucionário que vivia junto às pessoas pobres e esquecidas no Vale do Rio Salgado e estava ali para promover a revolução naquele lugar. Assim, Gonçalo é outro exemplo de personagem-militante dedicado à causa comunista.

166 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 31 e 32.

167 Ver a obra: KAREPOVS, Dainis. **Luta Subterrânea: o PCB em 1937-1938**. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003.

A narrativa ainda expõe o interesse de um grupo empresarial pelas ricas terras do Vale do Rio Salgado, mas com imenso menosprezo pela população empobrecida e humilde que lá habitavam, com isso articulavam trâmites judiciais para a retirada da população do local.

Empresa Industrial do “Vale do Rio Salgado”, um processo na justiça estadual para expulsar das terras às margens do rio, terras cedidas à empresa pelo governo em recente concessão, aquela caboclada que as ocupava ilegalmente.¹⁶⁸

Gonçalo, personagem comunista descrito pela narrativa como sujeito coerente, guerreiro e humano (assim como a personagem Mariana), se preocupava com tudo o que acontecia naquela localidade. Sentia que precisava tomar uma decisão política, mas como estava isolado do centro partidário e sem nenhuma estrutura organizacional, ficou condicionado aos seus pensamentos e observação em busca da melhor postura a assumir para aquela luta. Vejamos os pensamentos e atitudes comunistas descritos na narrativa sobre o personagem Gonçalo:

(...) Gonçalo se sentia sozinho em face de uma série de problemas terrivelmente difíceis de resolver. Problemas que envolviam a vida e o futuro dos homens, e ele estava só, devia sozinho decidir. Curva os ombros, os olhos perdidos na noite mais além da janela aberta. A luz pobre do querosene vacila no filô, fazendo crescer a sombra do gigante.

Resistir com os caboclos? A maior parte dos homens aceitaria sem dúvida acompanhá-lo numa resistência armada. Mas, quais os resultados? Seriam vencidos pela superioridade numérica e de armas dos soldados e dos jagunços. Eram apenas uns poucos caboclos, armados com repetições de caça. Muitos encontrariam a morte, na refrega, os que fossem presos apodreceriam na cadeia de Cuiabá, condenados a penas de trinta anos de prisão. Teria o direito de arrastar esses homens à morte e à cadeia? Não seria melhor deixá-los partir, expulsos de suas terras, para uma miséria ainda maior no trabalho escravo na plantação de um coronel qualquer? Como poderiam impedir de vez a entrada dos homens da Empresa no Vale? Mas, não era também da soma dessas lutas locais e parciais que se fazia o conjunto de cólera e decisão de onde nasceria a grande luta final? Recordava as palavras de Carlos, ouvidas nas margens noturnas do rio quando o companheiro viera de São Paulo para lhe avisar da próxima chegada dos ianques:

- É preciso que a luta a travar-se aqui seja um exemplo para todos os camponeses.

Via também alçar-se em sua frente, saída do meio de seu preocupado pensamento, a figura do camarada Vitor, falando-lhe naquela sala da Bahia, o dedo pousado sobre um ponto perdido do mapa do Brasil – o Vale do Rio Salgado – a lhe dizer com sua voz de comando:

- Eles estão com os olhos estendidos para essas terras de manganês. Vão chegar, mais dia menos dia. Por que você não vai esperá-los aí, antes que eles cheguem?

Eles, os gringos norte-americanos, os odiados ianques, de olhos ávidos e rapaces garras assassinas. Gonçalo curva mais o tronco de gigante como sob o peso da responsabilidade posta pelo Partido nos seus ombros. (...)

Gonçalo recordava agora uma reunião de crítica e auto crítica a que assistira certa vez, após a insurreição de 35. Esforça-se por lembrar ponto por ponto a discussão, as conclusões dos camaradas responsáveis. Não haviam dito que os choques armados de camponeses em luta pela posse da terra, por pequenos que fossem, por menos que durassem, eram como os primeiros brotos da revolução

168 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 93.

agrária e anti-imperialista? Não se levantavam os operários em greve nas cidades, mesmo nas condições mais difíceis, tendo contra eles a legislação, a polícia, os tribunais, a força armada? Ah! Se tivesse ali, a seu lado, os camaradas de direção do Partido com quem discutir, a quem expor os seus problemas, de quem ouvir uma esclarecida opinião...¹⁶⁹

*** A movimentação comunista em Santos: os personagens Negro Doroteu e Negra Inácia.**

Os Subterrâneos da Liberdade é uma obra literária com muitas histórias e sagas. Falaremos de mais uma delas, que traz como personagens centrais o Negro Doroteu e a Negra Inácia. Jorge Amado afirma que participou diretamente na movimentação comunista ocorrida em Santos e se aproveitou de tudo o que viu para construir sua narrativa ficcional.¹⁷⁰

Os personagens Negro Doroteu e Negra Inácia viviam próximos ao Cais de Santos. Doroteu trabalhava no cais, carregando e descarregando mercadorias dos navios e Inácia era arrumadeira em um hotel próximo à praia. Eram casados, apaixonados e Inácia estava grávida. O filho do casal iria se chamar Luís Carlos, em homenagem a Luiz Carlos Prestes.¹⁷¹ (A escolha do nome de Prestes, para o filho da personagem Inácia, exalta o líder comunista brasileiro nessa obra).

Doroteu gostava de música e tocava gaita e dentre as músicas que ele tocava estava a *Internacional Comunista*, mas tocava apenas nas horas que se sentia seguro, afinal a música comunista podia chamar a atenção dos inimigos e seus perseguidores políticos.¹⁷²

Já Inácia, é descrita como mulher bonita, inteligente e com personalidade firme para as suas decisões. Ela trabalhava no hotel onde se hospedavam pessoas ricas e de influência

169 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 95 e 96.

170 Ver entrevistas em anexo.

171 Vejamos a narrativa em *Os Subterrâneos da Liberdade*:

“(...) e até um nome já haviam escolhido para o menino, se um menino fosse e não uma negrinha: se chamaria Luís Carlos, como Prestes; naqueles anos e nos que se sucederam os estivadores de Santos não botavam outro nome em seus filhos que o do revolucionário preso e condenado. Por essas coisas, Santos era designada pelo país afora como a ‘cidade vermelha’, e os policiais olhavam com desgosto e desconfiança aquele mundo da beira do cais, aqueles homens rudes e fortes curvados sob os sacos de café, montados sobre os guindastes, desaparecidos nos porões dos navios, na carga e na descarga.” AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 21.

172 Vejamos a descrição dada ao personagem Doroteu na narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade*:

“Mas aquelas mãos disformes tomavam de uma pequena gaita de boca e dela arrancavam as mais puras melodias, essas capazes de acalmar os homens, de fazê-los sonhadores e românticos, mas também outras (quando a roda em torno era de gente conhecida e de confiança), aquelas que levantavam os homens, que os armam e os incitam para a luta. Não que tivesse jamais estudado música, ao negro Doroteu nunca sobrava tempo para estudar, e o muito que ele sabe foi aprendido na beira do cais de Santos, com o mar, com os navios, com as cargas e descargas, com os marinheiros, os estivadores, com a noite e com o vento, nas docas, no sindicato e na célula do Partido.” AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 18 e 19.

política, assim passava ao partido informações que pudessem ser úteis. Como militante comunista, Inácia estabelecia ligações entre os trabalhadores do hotel e o partido: era ela quem dialogava com os trabalhadores a respeito dos direitos trabalhistas e também recolhia contribuições financeiras dos empregados do hotel para o partido.

Os dois formavam um casal típico da classe de trabalhadores pobres em Santos e eram bastante empenhados na causa comunista. A narrativa aponta que quando algo importante iria acontecer sobre alguma questão do movimento, Doroteu deixava todas as suas atividades pessoais para se dedicar ao trabalho político, e esquecia até de seu amor por Inácia. Essa descrição pode parecer exagerada, mas observando os personagens e a narrativa, era uma determinação comportamental comum para o militante: que ele/ela se envolvesse completamente com a causa comunista, e como militante, essa deveria ser também a sua causa pessoal prioritária. Assim, esses personagens representam o estilo do militante comunista. Um estilo que pode ter existido realmente ou apenas desejado dentro do movimento político. Pesquisando outros documentos, verificamos que esse estilo de militante aparece também em outras fontes históricas.¹⁷³

Segundo a narrativa, os dois compunham a estrutura de base do partido (PCB), assim como os personagens Mariana e Gonçalo, sobre os quais falamos anteriormente. Doroteu e Inácia também eram muito importantes para o movimento comunista e para o partido, eles assimilavam os valores do partido comunista e punham em prática o que discutiam nas reuniões. Acreditavam na ideologia comunista, que era embasada em teoria histórica, sociológica e filosófica e ainda aplicavam esses conhecimentos nas suas análises cotidianas. Não consideramos aqui que esses personagens faziam análises corretas, mas eram análises nas quais eles acreditavam. Então, se tornavam militantes políticos crentes em suas ações e pensamentos e isso fortalecia o partido político que era permeado pela diversidade e ao mesmo tempo com uma identidade fortalecida. Essas características marcam alguns personagens na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*. E como vimos, são características fortes nos personagens Mariana, Gonçalo, Doroteu e Inácia.

A narrativa explica que a movimentação comunista em Santos estava bastante acentuada, não havia muitos militantes comunistas, mas as poucas pessoas que estavam lá exerciam funções importantes e que sujeitos comunistas coordenavam as reuniões do sindicato.

173 Ver a obra: GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

Um grupo de líderes do partido, da região de São Paulo, havia ido até Santos para verificarem a movimentação. Os trabalhadores alegavam iniciar uma greve se fossem obrigados a carregar os navios espanhóis e alemães com café brasileiro e era do sindicato que partiam essas discussões.¹⁷⁴ No âmbito internacional, Espanha e Alemanha eram países combatidos pelo movimento comunista, devido a postura política que seus representantes assumiam, sobretudo quanto a ligação com as medidas nazistas. *Os Subterrâneos da Liberdade* deixa isso claro utilizando de artifícios da ficção literária para mostrar o direcionamento comunista (PCB) na década de 1930. Combater o nazismo era medida da linha de frente do PCB.¹⁷⁵

É mostrado também que os trabalhadores comunistas comuns eram o próprio partido comunista (com algumas limitações): o Negro Doroteu e a Negra Inácia se encaixam nesse perfil.

Os diálogos dos líderes aparecem como um braço adjacente e interventor no movimento comunista. E esses detalhes juntos mostram a extensão do movimento e do partido comunista, segundo a ótica narrativa.¹⁷⁶

174 A narrativa em *Os Subterrâneos da Liberdade* apresenta os motivos para o início da greve em Santos, vejamos:

“Em algumas palavras historiou o motivo por que a direção do sindicato havia convocado essa sessão: o governo oferecera ao general Franco, comandante dos rebeldes espanhóis (‘um traidor’, gritou uma voz na sala), uma grande partida de café. Agora se encontrava no porto um navio alemão (‘nazista’, gritou outra voz na sala) para levar o café. Tratava-se de discutir e decidir sobre a atitude que os trabalhadores do cais de Santos deviam assumir ante o fato: carregar ou não carregar o navio.” AMADO, Jorge. *Agonia da noite*. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2. p. 12.

175 Ver: CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração: 1922-1972**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

176 Diálogo entre personagens-líderes do PCB, na narrativa literária em *Os Subterrâneos da Liberdade*:

“Também o Ruivo descera nessa manhã para Santos no primeiro ônibus. Viera encontrar João na casa do camarada onde estava hospedado. João lhe disse:

- Não vai ser fácil. Tudo dependerá do movimento de solidariedade que pudermos desencadear quando a greve se declarar. A polícia não vai demorar a agir contra a estiva. Eles estão seguindo toda a direção do sindicato. A greve pode se prolongar por muito tempo, a massa do porto é qualquer coisa de extraordinária, possui uma combatividade incrível. Mas, por quanto tempo poderão agüentar?, eis o problema. É necessário pensar em duas coisas imediatamente: iniciar em São Paulo, aqui, em Sorocaba, Campinas, Santo André, em todos os centros operários, uma campanha de finanças para ajudar os grevistas. E, ao mesmo tempo, ir preparando o pessoal nas fábricas, para paradas de trabalho e mesmo greves de solidariedade...

- E aqui?

- Tu leste meu relatório, não leste? É o que escrevi ali... Organização fraquíssima. Todo mundo se diz e se sente comunista. Mas o organismo do Partido é pequeníssimo. Quando eu cheguei, até mesmo a célula da estiva era um quase nada: bons companheiros, devotados, mas sectários e com receio de recrutar. A coisa melhorou um pouco depois que meti o dedo, dei empurrões. Mas de qualquer forma, a célula dirige a estiva. A gente é toda nossa, não há nem ‘gelulistas’, nem ‘armandistas.’ Uns quantos anarquistas, principalmente entre integralistas. Nem os espanhóis, mas que, nesse caso, marcham com a gente, sem dificuldade... O pior é as outras empresas: em muitas nem existia o Partido, noutras eram dois ou três companheiros... Procurei levantar novos organismos, foi feito o que se pôde nesses dois meses. Imagine que nem tínhamos organismo entre o pessoal dos grandes hotéis da praia. Mas descobri uma negrinha, mulher de um companheiro, e ela está fazendo um trabalho que mostra todas as possibilidades que temos... Penso que poderemos, apesar de tudo, contar com um bom movimento de solidariedade local. Há dois meses não faço outra coisa senão preparar as condições... Ontem reuni com a célula da estiva, discuti com os

A narrativa afirma que certo dia, quando o sindicato convocou uma reunião para discutirem sobre o carregamento de café nos navios espanhóis e alemães, um policial que estava presente afirmou que ali só poderiam discutir questões ligadas as causas dos trabalhadores locais, e que discussões políticas estavam proibidas. O Estado brasileiro proibia que os sindicatos discutissem assuntos de política nacional e internacional e havia policiais nos sindicatos para garantirem essa medida. Então, um protesto se iniciou e os trabalhadores tentaram argumentar que aquelas eram discussões pertinentes a classe de trabalhadores ali presente. Vejamos a narrativa:

O policial deu um passo sobre o estrado onde estava a mesa da diretoria, falou:

- A reunião foi convocada para discutir “assuntos de interesse da classe”, e aqui se está tratando de política. E isso é proibido. Os sindicatos não tem direito de fazer política. Eu dou a reunião por terminada devido ao seu caráter comunista...

(...)

- Companheiros... – gritou – que assunto pode nos interessar mais do que esse? Nós dissemos que se tratava de assunto de interesse de classe, e é verdade. Eu não vejo nada de político nisso: é do nosso trabalho que se trata. Não queremos trabalhar para o fascista Franco, não queremos trabalhar para o nazista Hitler. Eu proponho que a sessão continue...

(...)

Aqui tem é trabalhadores, e os trabalhadores formam uma família só no mundo.¹⁷⁷

“Aqui tem é trabalhadores, e os trabalhadores formam uma família só no mundo.” Essa é uma frase muito expressiva para o movimento comunista que insistiu em apontar os trabalhadores como classe social que vê o outro trabalhador como seu semelhante, mas nas relações cotidianas isso não se dava (e não se dá) corriqueiramente assim. As diferenças entre os trabalhadores existem e são múltiplas, até ao ponto de não reconhecerem uns aos outros e ainda mais quando se trata de trabalhadores de países diferentes. A narrativa, entretanto, deixa essa mensagem do movimento comunista, que também lembra o apelo de Marx no texto *O Manifesto Comunista*: “Proletários de todos os países uni-vos!”¹⁷⁸

Os inimigos do movimento comunista também são apontados e nomeados: Franco e Hitler que impunham uma ditadura de direita na Espanha e na Alemanha, respectivamente. Já a ditadura stalinista, uma ditadura de esquerda política, não é apontada nessa obra de Amado.¹⁷⁹ O autor alega em entrevistas que enquanto escrevia *Os Subterrâneos da Liberdade* até a publicação dessa obra, ainda não tinha conhecimento sobre os crimes de Stalin, somente

companheiros, e, como lhe disse, a combatividade é qualquer coisa de estupendo...” AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 32 e 33.

177 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 29 e 31.

178 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

179 Considerar direita política e esquerda política: aqueles complacentes as idéias capitalistas e aqueles complacentes as idéias comunistas ou socialistas, respectivamente.

depois soube e começou a entender a trama da ditadura também imposta na política de esquerda. Voltamos a repetir isso, porque é outro fator marcante na obra que vale a pena ressaltar. Uma obra que demarca muito bem quem eram os camaradas e companheiros, e quem eram os inimigos do movimento comunista na década de 1930.

Então, a narrativa continua e explica que enquanto a movimentação grevista acontecia em Santos, o banqueiro, Costa Vale; o ministro do trabalho, Gabriel Vasconcellos; e o delegado de Ordem Política e Social do Estado, Barros; discutiam sobre as medidas possíveis a serem tomadas para conter o movimento. Havia a preocupação em manter em atividade normal o porto de Santos, que é um porto importante no Brasil, pois por ele passam diversas mercadorias que movimentam negócios financeiros.

Ainda, o livro *Os Subterrâneos da Liberdade* explana a briga de forças políticas entre os grupos de esquerda e direita aproveitando o cenário literário que também mostra a imagem do aparato governamental na gestão do presidente Getúlio Vargas. Ressalta ainda as várias estratégias de poder com a atuação da polícia, da palavra e com a oferta de benefícios para se estabelecer acordos políticos. Vejamos a narrativa:

Mais de quarenta estivadores já se encontravam presos, contra uns quantos – os dirigentes sindicais e alguns membros da comissão enviada à polícia – se forjava um processo, mas a greve continuava e o navio alemão não tinha sido carregado. Os primeiros dias do movimento caracterizaram-se pelas tentativas da direção das Docas de Santos, dos agentes do Ministério do Trabalho e da polícia de convencer, com promessas e com ameaças de represália violentas, os estivadores voltar ao trabalho e a carregar o café destinado a Franco.

Se bem houvesse uma certa excitação pairando no ar, o ambiente da cidade, no fim daqueles primeiros dias da greve, era em geral calmo. Tão calmo, que os turistas hospedados nos luxuosos hotéis das praias consideraram a chegada do Ministro do Trabalho como um elegante acontecimento a animar a estação de veraneio, dando lugar a festas e recepções, apesar de que um comunicado do DIP, publicado nos jornais, anunciava vir o Ministro em missão oficial estudar in loco a situação do porto de Santos.

Em São Paulo as opiniões tinham se dividido quando Sua Excelência saltara do avião e rumara para o Palácio do Governo, onde ficara hospedado. Houvera quem achasse ser uma imprudência a sua ida a Santos, onde os ânimos exaltados dos grevistas podiam explodir em qualquer manifestação de desagrado. Essa era a opinião de Barros, o delegado de Ordem Política e Social do Estado, era também a do Interventor, pouco seguro no seu cargo (devido às suas ligações anteriores com os “armandistas”), temeroso de perdê-lo se algo sucedesse ao Ministro. Barros falara francamente, sem mais palavras, no seu linguajar deseducado, que ressoava asperamente aos ouvidos jurídicos do Interventor e do Ministro, um e outro professores da Faculdade de Direito de São Paulo (o Interventor, um velho catedrático, tinha sido mesmo, antes, diretor da Faculdade):

- Os estivadores podem lhe fazer uma desfeita, Excelência, podem correr com o senhor da cidade...¹⁸⁰

(...)

(Fala do personagem banqueiro Costa Vale):

180 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 51 e 52.

- Que estás pensando? Que isso é uma pilhéria, que estamos brincando de greve? Essa greve é o acontecimento mais sério do Brasil nesses últimos tempo. Tu compreendes que é o porto de Santos que está parado? O maior porto exportador da América Latina? Tu podes imaginar os prejuízos? Quanto perdemos por dia? Tudo isso porque uns quantos operários resolveram possuir opiniões sobre política internacional? Serás tão cego que não enxergas o perigo? ¹⁸¹

(Fala do personagem Gabriel Vasconcellos – Ministro do Trabalho):

- Sim, eu sei... São esses demônios de comunistas. Não é tão fácil assim resolver as coisas. Eu sou homem de gabinete, dos livros, dos papéis impressos. Não é com pancada que se pode resolver a questão. As idéias têm a sua força, José. ¹⁸²

Essa fala do Ministro do Trabalho, na narrativa literária, é bastante expressiva, pois chama a atenção para a força das ideias comunistas que eram fortalecidas nos militantes políticos que acreditavam na movimentação que promoviam. O personagem Gabriel Vasconcellos, Ministro do Trabalho, sabia que quando as ideias perdessem a força, aí sim o movimento estaria derrotado.

As ideias comunistas propunham remontar a ordem das riquezas que poderiam estar concentradas em mãos de algumas pessoas e a escolha de Amado em trazer para a cena literária a figura de um banqueiro, serve para demonstrar isso na representação da luta de classes no Brasil. Em específico, o banqueiro Costa Vale aparece na obra em diversos momentos como uma figura atuante com o poder que o dinheiro lhe proporciona; atua também politicamente em prol dos seus interesses financeiros, mesmo não sendo um político profissional. Costa Vale tem os seus representantes no poder nacional que garantem os seus interesses pessoais: o deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha é um deles. No trecho apresentado acima, o deputado não está presente na trama, mas o Ministro do Trabalho, também um sujeito político do Estado brasileiro, aparece conversando com o banqueiro para direcionar medidas a serem tomadas contra a greve desencadeada em Santos.

Nesse ponto, o autor Jorge Amado, por meio da narrativa literária de *Os Subterrâneos da Liberdade* faz uma crítica e denuncia esse Estado interventor, referindo-se a um deputado que intervém politicamente pelos interesses de um banqueiro e um Ministro do Trabalho que dialoga com o banqueiro em busca de soluções para um problema trabalhista. O Estado é também esse emaranhado de forças políticas diversas que agrega vários sujeitos e seus poderes e a obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, mostra que tais diálogos políticos com os grupos trabalhadores não aconteciam. Os trabalhadores para serem ouvidos precisavam fazer barulho, greves e protestos e o partido comunista (PCB) ia mais longe, incentivava os grupos

181 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 53.

182 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. *Os Subterrâneos da Liberdade*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 53.

trabalhadores a tomarem o poder pela luta armada para desfazerem essa ordem estatal vigente até então. Tudo isso vai se mostrando no decorrer da narrativa com os interesses de cada personagem e ressaltando a questão de classe social pelo viés escolhido pelo autor Jorge Amado.

Então, na narrativa, o banqueiro Costa Vale orienta o Ministro do Trabalho a negociar com os trabalhadores grevistas de Santos: afirma que a polícia deve cuidar dos comunistas, enquanto ele, o Ministro do Trabalho, deve negociar para acabar com a greve e que tudo seja feito rapidamente. Vejamos a fala do banqueiro Costa Vale:

- Para os comunistas temos o Filinto Müller, o Barros, a polícia... Isso é com eles. Tu tens é que ir e jogar com o prestígio do teu cargo. Tenho certeza que podes resolver o assunto. Tu és bem-falante, sabes tratar com essa gente, és considerado até um homem da esquerda. Só o fato de tratar contigo, com o Ministro, vai botar água na fervura, eles vão ficar mais suaves que seda. Prometes um pouquinho, ameaças um pouco mais e eles carregam todos os navios que tu quiseres...¹⁸³

Contudo, o Estado controlaria um problema social acabando com a greve em Santos e garantiria a circulação comercial que era interessante para o banqueiro. Os diálogos na narrativa mostra tudo isso e mostra também que todo o conjunto de conflitos que mencionamos era a própria luta de classes sociais no Brasil e cada classe defendia os seus interesses no jogo social. Assim, a obra apresenta, por meio da trama literária, uma sociedade dividida e conflituosa e os personagens, em maioria (mas não todos) têm consciência da sua condição de classe social e consciência do lugar social que ocupam e alguns pensam em modificar esse estado organizacional que não precisa ser regra obedecida.

Nessa situação de defesas de classes sociais, o Ministro do Trabalho vai a Santos justamente para negociar a volta dos trabalhadores do porto às atividades normais e logo o movimento comunista e o partido PCB espalham um comunicado entre os trabalhadores, alertando sobre a sua presença na região. O comunicado, em formato de panfleto dizia o seguinte:

¹⁸³ AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 53.

ATENÇÃO, COMPANHEIROS, ATENÇÃO!

GABRIEL VASCONCELLOS, MINISTRO DO TRABALHO DO TIRANO VARGAS, ADVOGADO DAS DOCAS DE SANTOS, CONHECIDO COMO GABRIEL CACHACINHA, VAI CHEGAR PARA TENTAR ENGANAR OS GREVISTAS DE SANTOS. VAI PROMETER MUNDOS E FUNDOS PARA ABANDONARMOS NOSSA GREVE JUSTA, PARA CARREGARMOS O NAVIO DE HITLER COM CAFÉ BRASILEIRO PARA O ASSASSINO FRANCO, QUE APUNHALA PELAS COSTAS O GLORIOSO POVO ESPANHOL!

COMPANHEIROS: OS OPERÁRIOS ESPANHÓIS ESTÃO LUTANDO POR UMA CAUSA JUSTA PELA LIBERDADE E CONTRA A MISÉRIA. SUA CAUSA É NOSSA CAUSA! SAIBAMOS RESPONDER ÀS PROPOSTAS DEMAGÓGICAS DE GABRIEL CACHACINHA COM NOSSAS EXIGÊNCIAS:

NEM UM GRÃO DE CAFÉ PARA FRANCO! LIBERDADE PARA TODOS OS GREVISTAS PRESOS!

ARQUIVAMENTO DO PROCESSO CONTRA OS DIRIGENTES SINDICAIS!

SÓ ASSIM VOLTAREMOS AO TRABALHO!

ABAIXO O ESTADO NOVO FASCISTA! FORA DE SANTOS O MINISTRO FASCISTA!

VIVA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES!

184

A narrativa explica que o clima de conflito em Santos era permanente por esses tempos. Havia policial a paisana pelas ruas e os trabalhadores da estiva em expectativa de que a qualquer momento algum confronto direto pudesse ocorrer e isso não tardou. Certo dia, o chefe de polícia, Barros, foi até a estiva falar com os grevistas e salientar que o ministro do trabalho estava em Santos para negociar com os trabalhadores o fim daquela greve e propor alguma negociação.

Barros queria que os estivadores formassem uma comissão de greve para conversarem com o ministro Gabriel Vasconcellos, mas eles alegaram que a comissão de greve já estava formada e era constituída por trabalhadores que estavam presos e que a conversa só poderia se realizar com esses trabalhadores em liberdade. Então, pediam a soltura dos mesmos ou manteriam a greve. Essa era a condição para dialogarem com o ministro, mas na verdade uma estratégia para exigirem a liberdade dos trabalhadores militantes que eram lideranças no

184 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 54. (Na obra literária o panfleto aparece nesse formato).

sindicato de trabalhadores da estiva. Os organizadores do movimento comunista juntamente com o PCB instigavam os trabalhadores da estiva a defenderem esses homens fisicamente e moralmente. Barros não aceitou essa proposta e se irritou ao ouvi-la.

Mais tarde, os trabalhadores da estiva organizaram uma reunião com o grupo de célula para discutirem essas questões e falarem sobre tudo que estava acontecendo. Grupos de policiais investigadores ficaram nas redondezas acompanhando toda a movimentação e em um momento mais fervoroso de discussão entre os trabalhadores e os policiais no local, começaram as agressões violentas. Tiros foram disparados e os trabalhadores avançaram em direção a uma caixa cheia de facões que estava no porto. Então, todos se armaram com facas contra as armas dos policiais. Os tiros continuaram, um trabalhador foi ferido e morreu em seguida: era Bartolomeu, um estivador do cais.

O corpo de Bartolomeu foi levado pela polícia e mais tarde os seus familiares foram até a delegacia reivindicar pelo corpo do falecido e um enterro digno. O delegado Barros os recebeu com ironia, afirmando que comunistas não eram cristãos e, portanto, não precisavam de enterro digno. Toda essa movimentação era informada aos políticos e comerciantes ligados a ordem nacional. A obra traz isso a todo momento, apresentando as articulações do banqueiro Costa Vale e de industriais de São Paulo. Eles, os detentores financeiros mais importantes no Brasil, segundo a narrativa ficcional, tentavam controlar a movimentação comunista. A greve em Santos se desenrolava e pessoas de vários setores políticos e econômicos se articulavam para acabar com o movimento. O embate da luta de classes é trazido por essas imagens de poderes e reivindicação a todo instante da narrativa.

Então, o tempo literário passa e somente depois de muitas horas o corpo do estivador assassinado é entregue à família que chora desesperada pelo parente morto. Um clima de revolta cresce entre os trabalhadores e um enterro com gritos e protestos é preparado para o estivador Bartolomeu.

Para os comunistas ele morreu como herói na luta de classes e então, um cortejo fúnebre tornou-se um espetáculo na cidade e sobre o caixão puseram a bandeira do sindicato. A polícia tentou abafar esse movimento, pois não queriam que o enterro de um trabalhador tomasse a imagem de vitória. E um policial à cavalo, que fazia a patrulha no local, foi para cima do caixão retirar a bandeira que estava posta e uma nova confusão se iniciou: a negra Inácia agarrou a bandeira do policial e ele avançou sobre ela. Inácia caiu no chão e foi pisoteada pelo cavalo que conduzia o policial. Ela estava grávida e agora, também, gravemente ferida.

Doroteu ficou enlouquecido ao ver Inácia naquele estado. Logo, levaram-na para um hospital, mas Inácia veio a óbito. Doroteu perdia ali o grande amor de sua vida, a mulher para quem ele tantas vezes tocou gaita, com quem fez tantos planos para a vida em comum.

Assim, a narrativa apresenta duas mortes trágicas acontecidas em Santos nesse período, com todas as imagens de luta de classes típicas do movimento comunista que o autor ressaltou na obra.

Vejamos brevemente, mais um pouco da narrativa de *Os Subterrâneos da Liberdade* e da relação afetiva entre os personagens negro Doroteu e a negra Inácia (antes de sua morte), e também sobre Santos naquele momento e imagens positivas do sonho de revolução que pretendiam:

Riem os dois, o negro Doroteu e a sua negra Inácia. Ela vai apertada, contra ele, se o cais não estivesse guardado por soldados eles poderiam ir ver nascer a manhã azulada sobre o mar. Por mais de uma vez assim o fizeram e viram a luz rompendo as difusas sombras do fim da noite, a luta do dia contra as trevas. Doroteu lhe dizia então que igual era a revolução. Luz rompendo as trevas da noite, trazendo para os homens o calor do dia. E nessa hora do amanhecer ele tocava em sua gaita de boca uma saudação ao novo dia, música de notas triunfais.

- Tu tem contigo a tua gaita?

O negro Doroteu traz sempre consigo a sua gaita.

- Toca aquela música que tu sabe, aquela que tu só tocava na hora da manhã se levantar.

- Aquela? Não pode ser, Nácia, a polícia anda pela rua e aquela música, tu sabe, é a música da nossa luta, é a música de todos os trabalhadores. Se eu tocasse ela, logo a polícia aparecia e levava a gente. Aquela música se chama, Nácia, *A Internacional*. Outro dia eu te toco ela, quando a gente ganhar essa greve e o cais for outra vez da gente.

- Toca outra, então.

O negro Doroteu tirou do bolso sua gaita de boca, cobriu-a com suas enormes mãos ossudas, a música celestial nasceu no canto pobre da rua, era suave melodia, canto de ninar crianças, ela nascia do peito do negro Doroteu, do seu amor sem fim pela sua negra Inácia, pelo seu filho em gestação ainda, pelos meninos todos do mundo, pelos homens todos, que a todos ele amava, à exceção de uns quantos, dos odiosos, da polícia, dos agentes do Ministério, dos homens do governo, dos patrões das Docas. Música para Inácia, para o filho que ela conduzia no seu ventre, música também para Bartolomeu, para o seu definitivo sono.

(...)

Boatos amedrontadores circulavam pelas ruas de Santos. Levando os comerciantes mais tímidos a cerrar as portas dos seus estabelecimentos. Muitas pessoas, a caminho dos seus empregos, viram os secretas da polícia apreendendo, nas bancas de venda de jornais, os exemplares de um quotidiano local que publicava, como matéria paga, um convite do Sindicato da Estiva aos seus membros, a todos os trabalhadores da cidade e à população em geral, para o enterro do estivador assassinado. Apesar do convite ser redigido numa linguagem absolutamente formal, os demais jornais haviam prudentemente recusado sua, publicação, temendo dificuldades posteriores com a censura. Por volta de dez horas da manhã, ônibus especiais começaram a chegar de São Paulo, transportando soldados da Polícia Militar e investigadores. Prisões eram efetuadas na rua, a qualquer propósito. A guarda do porto fora reforçada, automóveis da polícia passavam em grande velocidade e se comentava, aos cochichos, afirmações dos tiras, lançadas, nos botequins, de que “muito sangue correria naquele dia”. Nas escolas, na hora do almoço, as professoras recomendavam às crianças que fossem diretamente às suas casas, evitando demorar-se nas ruas. Os transeutes se assombravam de ver nos

muros dos bairros operários e mesmo do centro inscrições negras, pichadas na véspera apesar de toda vigilância policial.¹⁸⁵

185 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 93 e 94.

Terceira Parte:

**A paixão revolucionária com
o advento da esperança e
imagens do proletário e do
burguês no movimento
comunista: uma
interpretação**

VII - Considerações.

Algo muito marcante no movimento comunista que apresentamos nesse trabalho é a *paixão revolucionária* que foi forte sobretudo para alguns sujeitos reais ou fictícios (como vimos nos personagens da narrativa literária de *Os Subterrâneos da Liberdade*). A paixão revolucionária comunista juntamente com a vontade de realizar uma mudança social e a crença em atitudes particulares e coletivas, foram sentimentos que permearam pessoas e que devemos considerar.

O texto “*A paixão revolucionária*”¹⁸⁶, do autor Furet propõe algumas reflexões. Ele apresenta o movimento comunista e o movimento fascista como forças mitológicas políticas que preencheram o século XX: foram mito político e idéia social ao mesmo tempo, e que envolveram milhões de pessoas, inclusive, intelectuais em várias regiões mundiais. Movimentos que antes de serem desonrados por seus crimes, foram esperança em época de prestígio conquistador.

Nesse sentido, Furet ousa apresentar semelhanças entre o movimento comunista e o movimento fascista. Duas grandes vertentes políticas, diferentes entre si, mas que tiveram sujeitos empenhados em levantar suas bandeiras com vigor impressionante.

Para compreendermos a sua magia, devemos consentir no esforço indispensável de nos situarmos antes das catástrofes a que presidiram as duas grandes ideologias; no momento em que elas foram esperanças. A dificuldade desse olhar retrospectivo está ligada ao fato de que ele mistura, através de um tempo muito breve, a idéia de esperança e a idéia de catástrofe: tornou-se quase impossível, depois de 1945, imaginar o nacional-socialismo de 1920 ou de 1930 como uma promessa. O caso do comunismo é um pouco diferente, não só porque durou mais tempo, graças à vitória de 1945, mas porque a crença tem como suporte essencial o imbricamento de épocas históricas sucessivas, uma vez que o capitalismo devia abrir caminho para o socialismo e depois para o comunismo. É tal a força dessa representação, que ela permite realmente compreender ou fazer reviver esperanças de que era portadora a idéia comunista no começo do século, mas ao custo de uma subestimação ou mesmo de uma denegação da catástrofe final. O fascismo cabe inteiro em seu fim, o comunismo conserva um pouco do encanto de seus primórdios: explica-se o paradoxo pela sobrevivência desse famoso sentido da História, outro nome de sua necessidade, que serve de religião para aqueles que não tem religião e, portanto, é tão difícil e até tão doloroso de abandonar.¹⁸⁷

Em mesmo período histórico, o fascismo e o comunismo floresceram na Europa. Em 1917, ocorreu a Revolução Russa liderada por Lênin; e a partir de 1918, Mussolini e Hitler impulsionaram a formação dos seus partidos políticos como resposta à crise nacional

186 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 15-46.

187 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 15 e 16.

produzida com o resultado da Primeira Guerra Mundial.¹⁸⁸ Após esse início, cada uma das vertentes políticas (nazifascismo e comunismo) foram construindo ideologicamente os seus campos de pensamentos e ações. Ambas tornaram-se rivais ideologicamente e promoveram trabalhos para destruir uma a outra.

O nazifascismo pregava em discurso o anticapitalismo liberal, a revolução (nazifascista), a manutenção de partido e a ditadura do partido. O comunismo também pregava o anticapitalismo, a revolução (comunista) e a manutenção do partido forte e direcionador (que depois desencadeou em partido político ditatorial sob a liderança de Stalin). Falando assim de forma simplificada parecem movimentos iguais. Entretanto, eram duas formas completamente diferente de pensamento e direcionamento político. O movimento comunista combatia principalmente as relações antagônicas de classes sociais enquanto o nazifascismo pregava uma acomodação entre classes sociais.

O autor Furet, no texto *A paixão revolucionária*, não atenta a essa questão claramente ao afirmar proximidades e distanciamentos entre o fascismo e o comunismo, entretanto aponta alguns comentários pertinentes e afirma que uma diferença marcante entre ambos se dava pela ascendência intelectual.

Sobre Lênin, que foi também um intelectual do comunismo, Furet apresenta:

Lênin, herdeiro ou discípulo de Marx, considera a revolução que está preparando como a realização de uma promessa democrática, pela emancipação dos trabalhadores explorados. Prisioneiro de seu marxismo simplista, está convencido de que a ditadura revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres – a receita russa da tomada do poder – será “mil vezes mais democrática”, como escreve ele, do que a mais democrática das repúblicas parlamentares. (...) Uma vez desaparecidas a exploração do trabalho e a alienação do trabalhador, terá sido dado um passo decisivo na direção da verdadeira liberdade dos homens.¹⁸⁹

Enquanto o comunismo pretendia tornar-se universalista no sentido de transformação global pela ação dos trabalhadores em luta de classes, o fascismo frisava a manutenção do nacionalismo com luta pela pureza das “raças.” No campo ideológico do discurso, Furet ainda explica:

A vantagem intelectual do discurso leninista sobre o discurso fascista é, assim, reencontrar, para além da crítica da democracia burguesa, a base da filosofia liberal: se foi preciso derrubar os regimes que a reivindicavam para realizar suas promessas, de qualquer forma a autonomia do indivíduo está no horizonte do comunismo, como estava no centro do liberalismo. Grande vantagem, com efeito, porque permite que o militante comunista situe sua ação na sequência da História e pense a si mesmo como um herdeiro e um continuador do progresso, ao passo que o

188 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 34 a 38.

189 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 38.

militante fascista deve, pelo contrário, imaginar seu papel como destinado a quebrar o encadeamento fatal do curso da história moderna na direção da democracia.¹⁹⁰

No campo ideológico, o comunismo fazia uso das ideias democráticas com o sentimento de igualdade entre os seres humanos, mas a prática comunista foi divergente do discurso apresentado chegando até ao autoritarismo, quando muitos militantes já estavam envolvidos e até tomados pela paixão revolucionária. Já o fascismo, não se ligava à ideia de igualdade entre os seres humanos, e se deslocava para as diferenças entre as “raças”.

O comunismo e o fascismo foram dois movimentos diferentes, mas em meio as suas diferenças um ponto em comum foi a sabedoria em atrair pessoas por meio do campo ideológico com o atrativo da esperança. Entre todos os apontamentos de Furet sobre diferenças e semelhanças entre o fascismo e o comunismo, esse é o que mais nos chama a atenção para esse trabalho: (a sabedoria em atrair pessoas através do campo ideológico com o atrativo da esperança). Isso não parece ter sido forjado mecanicamente, foi ao contrário, construído passo a passo no cotidiano junto com as teorias circulantes e desejos humanos.

Vamos nos deter aqui, principalmente, aos aspectos em que o autor Furet, escreve sobre o movimento comunista e tentar ligar suas análises ao que percebemos na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Ele comenta que vários intelectuais se envolveram no movimento comunista de uma forma espantosa: foram presas fáceis de uma sedução ideológica, porque além de compartilharem o espírito do seu tempo histórico também se submeteram às estratégias dos partidos políticos. Alguns desempenharam “apenas um papel, acessório e provisório, de figurantes, manipulados como todos e sacrificados quando preciso à vontade do partido. Assim, não podemos escapar à questão do caráter ao mesmo tempo geral e misterioso dessa sedução ideológica.”¹⁹¹

Contudo, perguntamos: com qual intensidade o autor Jorge Amado pode ter sido presa dessa sedução ideológica que Furet fala?

Jorge Amado deu o seu próprio toque ao movimento comunista e também fez o que o movimento determinava. O livro *Os Subterrâneos da Liberdade* foi uma obra escrita dentro da União Soviética e depois foi publicado nos países do bloco com o apoio comunista. Outras publicações de Amado também tiveram o apoio soviético, assim, Amado se tornou conhecido

190 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 38.

191 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 17.

na Europa.¹⁹² Ainda hoje é um autor bastante lido na França e também em outros países europeus.¹⁹³

Uma relação favorável para o movimento comunista e para o autor Jorge Amado se desenvolvia, o movimento comunista tinha a seu favor o escritor talentoso expondo suas atuações e ideologias; já o escritor Amado tinha a seu favor a oportunidade de publicar internacionalmente a sua obra. É claro que essa relação não se pautou em um jogo de interesses, ambos acreditaram em alguma medida um no outro, o movimento comunista nacional e internacional acreditou no escritor, intelectual e militante Jorge Amado; e Amado também acreditou no movimento e nas propostas de transformações sociais que apresentavam.

O Partido Comunista do Brasil (PCB) junto ao movimento comunista internacional davam as diretrizes para Amado sobre como se comportar em diversas circunstâncias e a obra *Os Subterrâneos da Liberdade* objetivava um propósito e um direcionamento que foram cumpridas pelo autor. A própria temática da obra seguia um direcionamento e Amado recebeu certa liberdade para criar em torno do que havia sido proposto. Ele, em contrapartida, aceitou as condições estabelecidas crente no movimento que se desenrolava.

Furet duramente comenta:

(...) é esse caráter inédito da política ideológica, seu enraizamento nos espíritos, que a torna misteriosa. Na partitura teológico-política do século, o mais enigmático é esse bazar intelectual ter cruzado sentimentos tão fortes e nutrido tantos fanatismos individuais.”¹⁹⁴

Não interpretamos que Amado foi um fanático, mas que tudo cruzou sentimentos fortes para ele; um intelectual que se envolveu no movimento comunista com sua crença e com o seu trabalho durante uma época de sua história pessoal.¹⁹⁵ Outras pessoas também se envolveram assim.¹⁹⁶

192 DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

193 É curioso observarmos que, ainda hoje, crianças lêem livros de Jorge Amado nas escolas européias. O autor também produziu literatura infantil.

Eu tenho uma prima – Priscila Peixoto – que foi com a mãe para Portugal aos 7 anos de idade e voltou para viver novamente no Brasil aos 18 anos, em 2007; trazendo na mala um livro que lera na infância: AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**: Uma História de Amor. 8. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

Quando eu vi o livro entre as coisas dela, logo perguntei o que significava e ela contou que foi um dos primeiros livros que lera na escola portuguesa e que gostou muito do livro e sempre o guardou. E eu muito atrevida, não resisti e pedi o livro para mim. Hoje esse é um livro que tenho guardado em minha casa com essa pequena história particular que faz parte de minha pesquisa de observação e questionamentos em torno do autor Jorge Amado e sua obra.

194 FURET, F. “A Paixão Revolucionária”. In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 17 e 18.

195 Ver entrevistas com Jorge Amado em anexo.

196 Ver:

Outra questão abordada por Furet nesse texto e que aparece na obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade* é o ódio à burguesia que estava no centro da discussão ideológica do movimento comunista. Na luta de classes, estava posto de um lado a burguesia (os detentores de riquezas e dos meios de produção) e de outro lado os trabalhadores (despossuídos dos meios de produção, com poucas riquezas acumuladas ou até sem nenhum bem material). Essa classificação não é simples, mas na obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade*, que é fonte histórica para esse trabalho, a luta de classes aparece com certa simplicidade, apresentando dois grandes pólos sociais em disputa: burgueses e proletários.

A teoria marxista, que foi inspiradora dessa compreensão social, aponta a sociedade capitalista dividida em duas grandes classes: burgueses e proletários, que são definidos rapidamente no texto *O Manifesto Comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels da seguinte maneira:

Notas de Engels (em 1890):

Burguesia significa a classe dos capitalistas modernos, que possuem meios da produção social e empregados assalariados. Proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, por não ter meios de produção próprios, são reduzidos a vender a própria força de trabalho para poder viver.¹⁹⁷

Contudo, definir as classes burguesa e proletária foi uma condição necessária para o movimento comunista, pois teoricamente os grupos eram definidos e estratégias eram pensadas para transformar a sociedade de classes e levá-la a um modelo de sociedade sem classes sociais. Assim, pretendiam destruir a burguesia e dar ao proletariado um lugar de destaque sem a exploração injusta da sua força de trabalho. O burguês era, então, considerado inimigo social e o proletário a figura que deveria emergir das profundezas da exploração para um outro lugar social, merecido historicamente. Para isso, era preciso uma transformação cultural profunda com construção de organizações de produção coletiva e não mais dividida em classes sociais.

Imagens das classes burguesa e proletária foram sendo construídas a partir da teoria marxista. A classe burguesa e o sujeito burguês receberam definições negativas no movimento

- FURET, F. "A Paixão Revolucionária". In. _____. *O passado de uma ilusão*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 15-46.

- GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu*: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

197 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista*. Tradução Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 63.

comunista, e a classe proletária assim como o sujeito proletário, ao contrário, receberam definições positivas.¹⁹⁸

O burguês era apresentado pelo movimento comunista como um inimigo social, aquele que tinha como principal objetivo o enriquecimento e que empregava qualquer método para essa conquista, inclusive a exploração do trabalho alheio. E explorar a mão de obra para o alcance de lucros é uma característica fundamental do sistema capitalista.

Já o proletário era apresentado como trabalhador, guerreiro, com potência para a transformação da ordem estabelecida, um herói que deveria emergir na cena social; bastando coletivamente não aceitar a exploração imposta pela classe burguesa, a classe inimiga.

Essa relação não é simples, não é fragmentada coerentemente conforme a teoria, pois as duas classes sociais se misturam, são múltiplas, realizam acordos, lutam em desacordos. Há até operários que sonham em se tornarem burgueses e burgueses que admiram alguns operários, de modo que comportamentos e sentimentos relacionam entre si e entre as duas classes sociais há uma extensão mediana formada por sujeitos diversos: profissionais liberais, artistas, intelectuais, funcionários assalariados com cargos de gerência (e portanto, aqueles que supervisionam e fiscalizam outros trabalhadores). Assim, não é simples definir classes sociais, principalmente quando elas se misturam culturalmente de forma heterogênea. E ainda, o movimento dinâmico da sociedade desloca riquezas e misérias de um lugar para outro. Quem é pobre pode se tornar rico e quem é rico pode perder o que tem.

Furet afirma que a classe burguesa é uma categoria definida principalmente pelo viés econômico.¹⁹⁹ Entretanto, na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*, a classe burguesa não é apresentada apenas por características econômicas. As características econômicas são apontadas fortemente, são talvez as mais importantes em alguns aspectos, mas também são indicadas características sociais diversas de comportamento burguês.

A narrativa apresenta, entre tantos personagens, aqueles que são burgueses de alto escalão (banqueiro e dono de indústria); aqueles que querem se tornar burgueses, que defendem a burguesia e seus valores (comerciantes, filho de deputado e intelectual); e ainda aqueles que são pobres trabalhadores e defensores da classe proletária (funcionários contratados que disponibilizam sua mão-de-obra em troca de salário).

198 Sobre imagens construídas do sujeito proletário ver a obra: RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: Arquivos do sonho operário. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

199 FURET, F. "A Paixão Revolucionária". In. _____. **O passado de uma ilusão**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 18.

Na narrativa, verificamos que ser burguês ou ser proletário, segundo o movimento comunista, também dependia de uma postura social. Qualquer indivíduo podia tornar-se representante de uma classe ou de outra, dependendo de sua *postura social*, não importando necessariamente o *lugar social* que ocupam, mas era uma situação muito delicada, porque qualquer movimento suspeito do indivíduo podia lhe conferir o título de representante da classe burguesa, e esse era declarado inimigo do movimento comunista.

Há um momento na narrativa, em que os personagens ligados à burguesia (aqueles que representam a burguesia a partir de suas posturas sociais) estão reunidos em uma festa. Eles estão felizes, aproveitando as comidas, bebidas e decoração festiva, e então, alguém faz um comentário que vai além dos interesses econômicos. Vejamos:

- A teoria de Shopel é um resumo do manual do bom viver em nosso tempo. Ela responde e liquida com todas as tuas reservas relativas ao baile do nosso Bertinho. É a teoria dos “inocentes do Leblon”. Ela foi criada tendo em vista a geração nova de Copacabana, Ipanema, Leblon e Leme, mas ela se aplica a todos nós. “Inocentes do Leblon” são todos aqueles que, como Bertinho, eu, Rosinha, Susana, não lemos as primeiras páginas dos jornais, as páginas de política internacional, de política interna, de guerras, de greves, dessas coisas materiais e mesquinhas que preocupam a maioria da população. Nós estamos por cima de tudo isso, nós só lemos nos jornais as páginas dedicadas à literatura, à arte, às crônicas de sociedade, às críticas dos concertos, às corridas de cavalos. Nós vivemos para os grandes sentimentos eternos, para o belo, para o espiritual. Planamos acima da mesquinha desses acontecimentos quotidianos. Não nos deixamos perturbar por eles, vivemos a vida, retiramos dela tudo de bom que ela nos pode dar... Somos os “inocentes”...²⁰⁰

No trecho acima, a narrativa apresenta interesses e envolvimento de personagens representantes da burguesia que vão além das questões econômicas. Aliás, o personagem Paulo, que é representado aqui por sua fala, diz que não está de forma alguma interessado em política nacional ou internacional (e as relações econômicas dialogam com as políticas dos Estados Nacionais: sejam Estados Nacionais Capitalistas, Socialistas ou Comunistas, cada um ao seu modo). Paulo é um representante da classe burguesa por apoiar e defender posturas ligada a essa classe. Ele é filho do deputado Artur Carneiro Macedo da Rocha, um defensor dos negócios do banqueiro Costa Vale e noivo da sobrinha-herdeira da milionária e dona de indústria, Comendadora da Torre. Então, Paulo, que apresenta seus interesses e se diz inocente diante do mundo é também um burguês em postura e quando se casar com a sobrinha da Comendadora da Torre será um burguês completo: financeiramente e em postura social.²⁰¹

200 AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 82.

201 Abaixo os pensamentos do personagem Paulo apresentados na narrativa em *Os Subterrâneos da Liberdade*:

“Esse é um casamento que não quer dizer nem lar, nem família, nem crianças chorando, nem ficar amarrado a um outro ser. É um simples negócio, o seu nome ilustre dado à sobrinha milionária da velha ridícula em troca da certeza e jamais ter de humilhar-se trabalhando, de

O seu comportamento desprendido, aventureiro, consumidor de boas roupas e boas bebidas e ligado aos negócios industriais marcava a sua postura burguesa, segundo o olhar comunista. Um jeito de ser e estar no mundo condenado pelos comunistas, que consideravam um descaso da ordem social coletiva. Então, a cultura burguesa também era alvo a ser destruído pelo movimento comunista. Uma tarefa nada simples já que a cultura burguesa não era realizada apenas pelos burgueses, mas também por pessoas pobres que desejavam tornar-se burguês e exerciam socialmente uma postura relacionada a essa classe.

O personagem Paulo não se ligava ao trabalho, não pensava no enriquecimento por meio do trabalho. Ele ia buscar o enriquecimento através da tradição do casamento. Se há interesse, os sujeitos se ligam às tradições ou se afastam delas. Novamente afirmamos que o burguês é um ser social múltiplo, que faz uso das relações econômicas, políticas, de tradição cultural. O operário também é assim: múltiplo em suas relações sociais. Jorge Amado percebe esse movimento dinâmico no decorrer de sua vida e maturidade intelectual e posteriormente até se incomoda com os personagens de *Os Subterrâneos da Liberdade*, pois afirma que nesta obra ainda faltou mais movimento dinâmico social.²⁰²

O movimento comunista pretendia destruir a estrutura capitalista em âmbito econômico e cultural. Desta maneira, entendemos a escolha do autor Jorge Amado em apontar os inimigos do comunismo na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*. Os inimigos burgueses de uma paixão que foi pensada de forma racional, estruturada e organizada. Desde a Revolução Russa de 1917, juntamente com a teoria marxista, o movimento comunista propunha um modelo de sociedade moderna, sem a classe burguesa como estava sendo formada e com um modelo de Estado Nacional interventor e administrador social, que mais tarde deixaria de existir. Quando a revolução comunista estivesse completa, a sociedade mundial seria coletiva e não mais dividida em classes sociais.

No livro *Os Subterrâneos da Liberdade* há outro personagem que se destaca quanto ao desejo de se tornar rico: é Lucas Puccini. Na narrativa, ele é apresentado como um jovem pobre e infeliz como trabalhador em uma loja de venda de mercadorias agropecuária, e seu maior desejo era se tornar rico e conseguiu alcançar esse objetivo.²⁰³

continuar a ser um desses ornamentos da diplomacia, podendo escolher o posto que melhor desejar, colocado acima do ministério e do ministro.” AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. v. 2. p. 66 e 67.

202 Ver entrevistas com o autor Jorge Amado em anexo.

203 Sobre o personagem Lucas Puccini, a narrativa em *Os Subterrâneos da Liberdade* apresenta:

A todo momento Lucas pensa e planeja maneiras para alcançar o seu objetivo de enriquecimento. Está sempre atento ao mercado a espera de uma oportunidade comercial que lhe impulse para esse caminho e sempre tentando se ligar a pessoas que possam contribuir para o seu objetivo.

Uma das primeiras oportunidades para o impulso que pretendia, foi a oferta de emprego no Ministério do Trabalho. Um amigo que já trabalhava lá explicou a Lucas Puccini como era:

- Alto funcionário do Ministério do Trabalho. Sou um dos encarregados da questão sindical. E preciso de gente boa para me ajudar. Homens de coragem e decididos, capazes de enfrentar e liquidar os comunistas nos sindicatos. Compreende? Precisamos de dirigentes sindicais, de funcionários do Ministério que tomem conta dos sindicatos e façam deles tranquilas associações de trabalhadores em vez de ninhos de agitação social. Se você quer vir trabalhar comigo...

- É claro que quero. Um conto de réis, você disse?

- Para começar, meu caro. E, se você se mostrar correto, eu lhe ensino como se pode ganhar muito mais – baixava a voz. – Há os institutos dos Industriários dos Comerciantes, a Caixa de Aposentadoria e Pensões... Mamatas, meu velho, cada mamata que é só deixar o leite escorrer...²⁰⁴

O personagem Lucas Puccini segue pela narrativa como um trabalhador pobre que se tornou rico permeado por um espírito cultural burguês. Um sujeito que oscilou entre as duas classes sociais e seguiu em direção aquela que ele admirava e desejava ser. Então, pertencer a uma classe ou a outra não era apenas uma condição rígida, era também uma condição de escolha e o movimento comunista mostrava isso e mostrava o leque cultural para o alcance de mudanças. Para os comunistas, ideologicamente, escolher estar de acordo com a classe operária não significava escolher a pobreza. O movimento deixava a esperança de que feita a revolução, todos seriam iguais em uma sociedade sem classes sociais e com divisão das riquezas para todos. Diziam que isso ainda não estava posto porque a burguesia não permitia. A burguesia, também em âmbito cultural, não admitia perder o poder e a riqueza concentrada para si. Por tudo isso, era a classe inimiga da revolução comunista. Era a classe que deveria ser destruída fisicamente e culturalmente para a transformação mundial na história moderna e

“Essas coisas aconteceram naquele último dia do mês de outubro do ano de 1937, data em que se iniciou também a extraordinária carreira de Lucas Puccini, transformado em poucos anos de modesto empregado do comércio numa das figuras mais poderosas da vida nacional.”

(...)

“- Hei de ser rico, Manuela, rico de não poder contar o dinheiro, de ter de botar fora, para comprar tudo o que quiser, para comprar até gente...” AMADO, Jorge. Os áspersos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 129 e 132.

204 AMADO, Jorge. Os áspersos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1. p. 131 e 132.

isso, para os comunistas, justificava a luta armada e a luta ideológica – duas vertentes apresentadas na obra *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Considerações Finais

O Movimento Comunista no Brasil, nos anos de 1922 a 1954, foi influenciado pela intervenção internacional proposta pela organização firmada na União Soviética. Entretanto, acontecimentos próprios também ocorreram em concordância com o estado social e político local.

O Movimento seguiu pressupostos teóricos marxistas. Escritos de Karl Marx e de seus seguidores contribuíram para pensar e pôr em prática estratégias políticas visando uma transformação social. Alguns militantes eram intelectuais, leitores de várias obras teóricas, outros conheciam as propostas políticas do movimento por meio da discussão oral ocorrida nas reuniões de partidos políticos e/ou nos encontros entre amigos.

Muitos militantes percebiam a sociedade dividida em classes sociais e lutavam para romper essa organização, para muitos, destruir os burgueses e a cultura burguesa e valorizar os operários pregando a distribuição e administração coletiva de riquezas materiais e imateriais²⁰⁵ eram condições fundamentais para o alcance daquilo que entendiam por *Revolução*. Entretanto, esse estado Comunista jamais foi alcançado. Foi um sonho de muitos militantes, inclusive de Jorge Amado, que expôs em seus livros histórias de luta para essa finalidade.

É marcante na obra, *Os Subterrâneos da Liberdade*, a divulgação da crença de alguns militantes do PCB na luta armada. A beleza do sonho comunista deu lugar a violência e diante dela, atrocidades ocorreram: tortura, morte, imposição de ideias. A disputa pelo poder político, social e econômico ficaram evidentes em grupos que valorizavam pensamentos de direita e de esquerda (direita: pró organização cultural burguesa; esquerda: pró organização cultural comunista). E o projeto hegemônico vitorioso ainda é capitalista-burguês com a organização cultural de classes, entretanto não é o fim da história, o mundo continua em transformação e os sujeitos continuam lutando por melhores condições de vida.

205 Entendemos riquezas materiais e imateriais como todos os elementos que servem para a manutenção da vida humana: comida, moradia, vestimenta, Educação, Arte, Lazer, qualidade de vida.

Referências

AGUIAR, Josélia. As cartas de uma vida inteira. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 35-39, ago. 2006.

ALMEIDA, Antônio de. **Experiências políticas no ABC paulista**: lutas e práticas culturais de trabalhadores. Uberlândia, EDUFU, 2008.

AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**: Uma História de Amor. 8. ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

AMADO, Jorge. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. 3 v.

ANDERSON, Perry. **O fim da História. De Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Obras Escolhidas, v. 1).

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, Editora Cultrix, 1981.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Uniesp, 1992.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANCELLI, Elizabeth. **A intentona em Nova York**. Brasília: Editora Universidade de Brasília – Edições Humanidades, 1997.

CANCELLI, Elizabeth. **O mundo da violência**: a polícia da era Vargas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

CASTELLO, José. Realismo Sensualista. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 28, ago. 2006.

CERQUEIRA, Nelson. **A Política do Partido Comunista e a Questão do Realismo em Jorge Amado**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1988.

CHILCOTE, Ronaldo H. **O Partido Comunista Brasileiro**: conflito e integração: 1922-1972. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho**: ensaios sobre o teatro americano moderno. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrita engajada. **Entre Livros**, São Paulo, ano 2, n. 16, p. 40, ago. 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

FAUTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FURET, F. **O passado de uma ilusão**: ensaios sobre a idéia Comunista no século XX. São Paulo: Siciliano, 1995.

GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: uma autobiografia precoce de Patrícia Galvão. Organizador: Geraldo Galvão Ferraz. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GORZ, André. **Adeus ao proletariado**: para além do socialismo. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Poder, Política e Partido**. Trad. de Eliana Aguiar. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GULLAR, Ferreira. **Dentro da noite veloz**: poesia. Prefácio de Ivan Junqueira. 3. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: O Breve Século XX - 1914-1991. Tradução de Marcos Santarrita. Revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOBBSBAWM, Eric J. **Estratégias para uma esquerda racional**: escritos políticos 1977 – 1988. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KAREPOVS, Dainis. **Luta Subterrânea**: o PCB em 1937-1938. São Paulo, Hucitec, Unesp, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações de produção**. Porto: Publicações Escorpião, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Tradução Maria Lucia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha-nova história. In: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz (org.). **História e Literatura**: identidades e fronteiras. Uberlândia, EDUFU, 2006. 11-27.

PRESTES, Anita Leocádia. Revolucionária, sem perder a ternura. **Nossa História**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 14-21, Julho de 2004.

PRESTES, Anita Leocádia. Uma epopéia brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, p. 72-77, dez. 2005.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5**: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução de Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 1996. 2 v.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: Arquivos do sonho operário. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários**: Arquivos do sonho operário. Tradução de Marilda Pedreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROCHE, Jean. **Jorge bem/mal Amado**. Tradução de Liliane Barthod. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.

SAID, Ana Maria. **Uma estratégia para o Ocidente**: o conceito de democracia em Gramsci e o PCB. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TAVARES, Paulo. **O Baiano Jorge Amado e sua obra**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação histórica da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 1-3.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOLLENDAL, Eduardo José. **Arte revolucionária, forma revolucionária**: a literatura política de Jorge Amado e Alejo Carpentier. 1997. 277 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. **Revolucionários de 1935**: sonho e realidade. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**: escritores e atores da história. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ANEXOS

Anexo A: Alice Raillard entrevista Jorge Amado.

Entrevista realizada por Alice Raillard e publicada na obra: RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

A.R.: Alice Raillard

J.A.: Jorge Amado

(...)

A.R. – Você consagrou um longo romance à ditadura do Estado Novo, *Os Subterrâneos da Liberdade*. Falar nisto agora atropela um pouco a cronologia da obra, mas é natural, acredito. *Os Subterrâneos da Liberdade* é ao mesmo tempo a história e o processo do Estado Novo. A intenção foi escrever um romance histórico?

J.A. – Escrevi *Os Subterrâneos da Liberdade* no exílio quando estávamos na Tchecoslováquia. Havia anos, praticamente desde que eu fora eleito deputado em 46, que eu ficara totalmente absorvido pela atividade política, não escrevia nenhum romance. Este livro precedeu, e de certa forma preparou, a decisão que tomei depois dele, de liberar-me de minhas tarefas no Partido e voltar à minha profissão de escritor. Foi uma época em que um conjunto de coisas me fez descobrir e convenceu-me dos crimes de Stalin. Tudo aconteceu aos poucos. Mas quando escrevi *Os Subterrâneos da Liberdade* eu era um stalinista, realmente um stalinista; todos nós éramos correspondia ao momento stalinista dos escritores de esquerda e dos comunistas da época – Os Comunistas, de Aragon, certos livros de Ehrenburg, *A Tempestade*, cuja reedição ele proibiu em seu testamento, meu livro, alguns de Anderson Neckson, o romancista dinamarquês, e outros; os livros de todo o mundo socialista, do mundo dito socialista, na União Soviética, nas democracias populares e, naquela época, também na China.

Mas, ao mesmo tempo, *Subterrâneos* é um livro importante. Em primeiro lugar, os fatos sobre os quais o romance se funde, a luta do Estado Novo contra o povo brasileiro e dos comunistas contra o Estado Novo, tudo aquilo aconteceu, são fatos históricos. Foram aumentados, é verdade, principalmente no que se refere à luta popular; talvez ela não tivesse tido esta mesma dimensão na realidade. Mas a luta se deu, não deixou de existir por um instante sequer. E foi mais do que brutal: as torturas, os assassinatos, todas estas coisas aconteceram e pensam sobre a polícia brasileira.

Ao mesmo tempo, é um romance alentado. Sua forma não me agrada em nada, é um romance que eu escrevi do jeito que vinha, sem me preocupar muito com o estilo; o que mais me interessava era o que eu escrevia, o conteúdo muito mais do que a forma. Mas, tal como o concebi, é um livro enorme. Em termos de concepção romanesca, de narração, aprendi muito com ele; foi-me bastante útil. Tive muito trabalho montando todo um universo muito grande, onde coexistem pessoas de classes sociais diferentes, desde a burguesia até o povo mais pobre. Foi portanto um livro importante também para mim como romancista, foi uma aprendizagem do romance.

Eu já tinha atrás de mim o que poderia ser chamado de a primeira parte da minha obra, que comporta dois períodos: os três primeiros livros, que são, como eu já disse, os cadernos do aprendiz de romancista, e os três que os seguiram, *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia*. Vários anos se passaram sem que eu escrevesse nenhum romance; de 37 a 42, cinco anos. Nesse meio tempo, escrevi as biografias de Castro Alves e de Prestes, e finalmente *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus*, que acho que são livros que têm uma outra amplitude.

Depois escrevi *Subterrâneos*, que é o que eu disse... Um romance tumultuado e tumultuoso, às vezes bastante barroco, outras com um certo caráter popular, em algumas passagens em que trabalhei a partir de elementos populares.

Eu gostaria de dizer duas coisas: acho que sou um romancista em quem a conscientização do social está muito... muito presente. É, ela está muito presente em meus livros.

A.R. – Eu diria do popular...

J.A. – Do popular sim, mas também do social, no sentido da realidade das condições de vida no Brasil e da luta contra estas condições de vida.

Quanto ao que se denomina “romance político”, acho que só dois dos meus romances podem ser qualificados assim; os outros são políticos na medida em que são populares e sociais, e não porque tenham uma intenção política direta, imediata e clara.

A.R. – Quando você diz “político” você quer dizer partidário”, romance de um escritor ligado a um partido?

J.A. – Não, eu quero dizer “que tem uma temática política”. Em meus livros esta temática só existe em dois romances, *Subterrâneos da Liberdade* e *Farda Fardão Camisola de Dormir*, um romance relativamente recente cuja temática é a mesma, absolutamente a mesma que a de *Subterrâneos*, a não ser pelo fato de que ele não tem a conotação stalinista.

(...)

R.A. – O São Paulo dos salões e o São Paulo operário militante. Parece-me que este último é tratado com mais vigor. É o elemento popular que dá o verdadeiro impulso à narrativa, e é lá que o romance “decola”... Tudo o que se relaciona com a imprensa clandestina, por exemplo, é sublime – a passagem com o velho militante, o que morre fazendo saltarem as máquinas, é desconcertante.

J.A. – Sim, como é que ele se chama? ... Oreste. O velho Oreste. Este personagem deve muito a algumas pessoas com quem convivi na prisão, principalmente os comunistas. O velho Oreste, assim como tantos outros personagens... Toda uma fatia do livro está povoada por figuras que conheci no cárcere, das quais me aproximei muito. São personagens muito vivos, não é? E que se mantêm de pé no romance.

Agora, o que eu não gosto no romance é o preto e branco. Este preto e branco que corresponde ao stalinismo da época.

A.R. – O livro é marcado por toda uma “moral comunista”.

J. A. – Exatamente, pela pseudomoral proletária. O que faz diferença entre este livro e meus outros romances é que este é stalinista. Mas eu não quis mais tocá-lo – retocá-lo –, é uma coisa que me nego a fazer. Expliquei-me a este respeito no prefácio a edição francesa, lançada ano passado: nunca retoco meus livros. Cada um deles representa o homem que eu sou em determinadas circunstâncias, em dado momento.

Os Subterrâneos representa uma fase da minha vida, quando eu era stalinista. Todas estas coisas... É estranho como foi que tudo... começou a aparecer... lentamente, muito lentamente. Lembro-me da primeira coisa que me abalou – porque para mim o regime

soviético, aquele das democracias populares, era absolutamente sem nódoas, tinha apenas virtudes; os defeitos que haviam eram de pouca importância; na URSS eu constatara que o roubo existia, mas eu o atribuíra à guerra, às dificuldades, sempre encontrava uma explicação. Mas, uma vez em que eu estava na Hungria, tive uma conversa com um escritor húngaro. Ele falou comigo porque eu fora amigo de Lukács – senão as pessoas não falavam, não falavam absolutamente nada –, e Lukács tivera grandes problemas com o regime, sobretudo com os soviéticos, que o odiavam por ele não ser ortodoxo. Este rapaz era um jovem escritor e poeta. Estava desesperado: um de seus amigos acabara de ser preso – as prisões explodiram justamente quando começaram os grandes processos, o processo de Rajk na Hungria. Ele disse: “Prenderam Fulano”, e acrescentou: “Ele foi terrivelmente torturado...”

Para mim, isto era totalmente impensável: num regime socialista um homem jamais poderia ser torturado, estava fora de cogitação. Fiquei pasmo... Ele me olhou, perguntando-se se eu estava me fazendo de idiota – será que eu não sabia que se usava a tortura? Que se torturava tanto quanto antes? Passei não sei quanto tempo num estado de abatimento total, já não dormia mais, estava aniquilado. Depois, pouco a pouco, as coisas se desanuviam, e então eu aprendi muito.

A.R. – Você foi amigo de Artur London?

J.A. – Sim, mas através de London não aprendi nada. Soube por outros. Eu conhecia London e Lise, e eu não acreditava em nada – quando ele foi preso, não acreditei nas acusações contra ele. Foi a primeira vez em que não acreditei... Zélia e eu, que éramos estrangeiros, estávamos hospedados pela União dos Escritores da Tchecoslováquia, e fomos das poucas pessoas a não abandonarmos Lise. Ainda posso ver a estupefação das pessoas no dia em que levamos Lise a um concerto, elas nos olhavam... de longe. Morávamos no Castelo de Dobris, o Castelo dos Escritores, e convidamos Lise para almoçar conosco. Quando ela entrou no refeitório, ficamos ali os três, fez-se um silêncio total e absoluto, e quando ela se foi amigos vieram me procurar, amigos muito próximos, e me disseram: “Você está louco! Você vai virar suspeito, você não sabe que eles são inimigos do Estado, do Partido? Seu marido vai ser julgado e certamente será condenado à morte...”

Houve uma série de acontecimentos e meus olhos começaram a se abrir.

Naquele tempo eu vi o medo, era algo alucinante, como se fosse algo concreto, tangível. Todo mundo tinha medo; medo de ser preso a qualquer momento, medo de ser liquidado a qualquer instante. Era um clima terrível. E aí as coisas começaram a ficar claras para mim... Stalin morreu em 53. Eu estava na Argentina, de viagem para o Chile. No dia

seguinte, ao chegar a Santiago, todos me esperavam no aeroporto: Neruda, Voloída, escritores comunistas chilenos, todos de gravata negra; Stalin estava morto. Mas, já no Congresso de Escritores Soviéticos de 54, tudo estava claro, todos sabiam, e em surdina comentavam-se os crimes de Stalin.

Foi isso aí. Para mim, o processo foi extremamente doloroso, e tão terrível que eu não gosto ... sequer de me lembrar. Não acreditar mais em tudo em que antes acreditara, naquilo pelo qual lutei minha vida inteira, da forma mais generosa, ardente, apaixonada e arriscada. E tudo isto estava afundando, você me entende? Aquele a quem víamos como a um deus não era um deus, era somente um ditador, um ditador à maneira dos... autocratas orientais...

A.R. – Você o conheceu pessoalmente?

J.A. – Não. Nunca o conheci. Mas durante a guerra, e no fim dela, quando fui à Europa, e estive na URSS, nas primeiras vezes, Stalin para mim era um deus, eu até jurava por ele. Quando completou sessenta, setenta anos, acho, escrevi um artigo que era puro amor, amor absoluto... Depois passei pela seqüência que acabo de contar, e que começou naquele dia na Hungria, durante o processo de Rajk, quando o jovem poeta me falou da tortura, e aí eu soube que na União Soviética, o país das democracias populares, empregava-se a tortura. Meu mundo desabou naquele dia. Pensei que fosse morrer, tive uma crise depressiva, e aquela ansiedade de não falar nada, nem mesmo para Zélia. Ela me perguntava o que é que eu tinha, e terminou por imaginar que devia ser uma história com alguma mulher, ou qualquer coisa do gênero. Não lhe contei a verdade porque ela não podia entender o que estava acontecendo comigo, por que eu estava naquele estado... E ia piorando cada vez mais, porque a cada dia eu ficava sabendo de mais. Foi naquele momento que comecei a lutar para voltar a ser o escritor, e não mais o militante político. Teve então lugar o XX Congresso, lembro-me de Marighela, na reunião do Comitê Central, onde discutimos o XX Congresso. Ele chorava como uma criança. Para mim, que já sabia de tudo, não foi nenhuma descoberta.

Os Subterrâneos da Liberdade é o livro de um tempo que vivi, em que eu ainda acreditava em tudo aquilo, e não sabia que havia tortura; eram tempos em que, se alguém me falasse da existência dos hospitais psiquiátricos, eu o teria chamado de vendido ou de traidor. É isso aí. Mas a experiência é impossível de se transmitir, a gente pensa que o que a gente viveu será útil aos jovens, mas não serve de nada, você entende? Nada. Ninguém pode transmitir sua própria experiência. A experiência é sua e de ninguém mais. Por isso nunca tive vontade de escrever as minhas memórias, para repartir e transmitir tais coisas. Estou plenamente convencido de que a experiência não pode ser transmitida. Outros podem pensar

de maneira diferente e trabalhar no sentido que melhor lhes pareça. Vários livros escritos depois do XX Congresso e as revelações sobre o stalinismo parecem-me simplesmente notáveis. Um livro como *O Deus Nu*, de Howard Fast, por exemplo. Tudo o que ele traz é verdade; conheci certas coisas das quais ele fala muito de perto e sei, que elas são absolutamente verídicas. Ao mesmo tempo, quando ele relata como, a propósito de um escritor judeu que acabava de ser executado na URSS, outro escritor soviético afirma ter jantado com o judeu na véspera – e estava mentindo, pois o homem fora realmente fuzilado –, diz que ele próprio poderia ter dado este falso testemunho, ou poderia ter sido este mesmo mentiroso. Mas ele também diz no livro uma coisa extremamente correta: a luta do escritor com o Partido começa no dia exato em que ele entra para o Partido; a partir deste momento tem início a sua batalha. E é verdade.

Eu poderia citar muito mais livros. Por exemplo, *O Retrato*, de Oswaldo Peralva; tudo o que ele diz é rigorosamente exato, não há uma única palavra que não o seja. Mas, de minha parte, nunca me senti tentado a transmitir a minha experiência, minhas crenças e decepções, as verdades em que acreditei e em que ainda acredito, e as mentiras nas quais acreditei e nas quais parei de acreditar... Recentemente eu escrevi um prefácio para um livro político onde dizia o seguinte: “Nós que lutamos por verdades e mentiras, mas que sempre lutamos com generosidade e com todo o nosso coração.”

Os Subterrâneos da Liberdade carregam a marca de uma visão de mundo stalinista que foi a minha, e na qual muitas das coisas são em preto e branco: as mulheres do campo são todas de uma pureza imaculada, são Marias-concebidas-sem-pecado, e as outras são todas putas medonhas, não é mesmo? Mas o mundo não é assim. Hoje, quando escrevo um livro como *Tocaia Grande*, acho que esta visão maniqueísta do mundo não existe mais, é tudo muito mais cheio de nuances, foi o que aprendi. Com a vida aprendi coisas sobre a humanidade e também um pouco sobre a literatura, um pouco da minha profissão de romancista.

A.R. – Compartilho algumas das ressalvas que você faz quanto a *Os Subterrâneos da Liberdade*. Mas, dito isto, também se encontra ali uma amplitude, um movimento épico absolutamente impressionantes. O episódio da greve de Santos, que você trata em parte como um lamento popular, é muito bonito... E a grande massa do rio Salgado, as lutas camponesas... Cito estes dois momentos, mas poderia citar muitos mais.

J.A. – A greve de Santos realmente existiu. Eu a vivenciei, participei dela como dirigente ligado ao movimento operário, quando pertencia ao Comitê do Partido em São

Paulo. A única diferença é a época em que a situo; na realidade, ela ocorreu muito mais tarde. Mas é um fato histórico que conheci bem, e no qual eu estava envolvido. Como digo freqüentemente, só posso escrever sobre os homens com os quais tive uma proximidade de vivência.

Quanto ao rio Salgado, às lutas dos camponeses, no fundo é uma transposição do Nordeste – uma transposição para o Planalto Central, bem no coração do Brasil, de uma situação nordestina. Conheço-a bem, a situação dos camponeses brasileiros, como os conheci muito bem no movimento operário da época. E o homem que é o personagem central da luta, Gonçalo, foi construído a partir de um grande amigo meu, Martinzão, e que hoje está morto – seu nome de guerra era Martins – Martinzão, ele era um gigante. Foi quem dirigiu a luta dos índios que hoje são ameaçados e que lutavam já nos anos 30, no interior do Estado da Bahia, no posto indígena de Paraguaçu, contra os invasores de terras. Na época eu estava na Bahia; acompanhei o desenvolvimento de toda esta batalha e tornei-me muito amigo deste companheiro dos índios.

Foram as lutas do sertão que serviram de base para o meu trabalho nesta parte do livro, apesar de eu ter situado a ação no coração do Brasil, por assim dizer. Mas os personagens são silhuetas comuns do Nordeste e que me são familiares, com exceção de Gonçalo, que é um de meus personagens construídos a partir de uma única pessoa. Um homem único e admirável, Martinzão, que militou comigo em São Paulo e que conheci aqui nos anos 30, quando ele comandou a resistência dos índios contra a invasão de suas terras. Depois ele teve que fugir, fugir...

(...)

Mas você tem razão, estes episódios da greve de Santos e do Rio Salgado são sem dúvida dos melhores do livro; neles a realidade foi recriada com o máximo de força, justamente porque é uma realidade que eu conhecia por praticamente tê-la vivenciado.²⁰⁶

(...)

A.R. – Em 1941 você foi obrigado a deixar o Brasil?

J.A. – Fui expressamente obrigado. As dificuldades eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizera uma série de discursos em Minas Gerais, onde tomou posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças nazifascistas.

206 RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 135 a 144.

Desde então a repressão foi muito forte, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. Nos anos 39-40, eu era preso sem cessar – a todo momento, fosse pelo 7 de setembro, pelo 1ª de maio, em todas estas datas eram detidas quantidades enormes de pessoas a fim de garantir a ordem. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papéis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comecei a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi.

A.R. – Seu objetivo ao escrever *O Cavaleiro da Esperança* era chamar atenção para o destino de Luís Carlos Prestes?

J.A. – O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia – a anistia de Prestes, que estava preso e fora condenado, e a anistia de todos os prisioneiros políticos e exilados. Quando decidi ir para a Argentina, este movimento estava apenas no início. Terminou se afirmando como movimento pela democratização e como movimento antinazista.

A.R. – Embora escrevendo, você mantinha contatos políticos? Você não vivia isolado na Argentina?

J.A. – Os exilados se encontravam lá, na Argentina, no Uruguai; formavam um grupo importante. Havia vários tipos de exilados. Exilados do PC, ou ligados ao PC, que em geral eram ex-oficiais. Sim, a maioria eram oficiais do exército que haviam participado do putsch de 35 e deixaram o Brasil em dado momento para participar da guerra da Espanha, oficiais que foram liberados durante seus processos, antes do julgamento, e que fugiram do Brasil para a Argentina – havia o major Costa Leite, havia um grupo bastante grande.

Também havia civis, membros do Partido, mas pouco numerosos; alguns se encontravam ali porque haviam sido condenados no Brasil e fugiram. Enfim, alguns eram simpatizantes, militares ou não, que haviam sido membros da ANL, mas que não eram membros do Partido, e eles também participavam de toda a vida política, que era muito intensa. Havia uma vida política intensa.

E havia um outro grupo, de exilados liberais, entre os quais se encontrava Júlio Mesquita, prestigioso personagem que estava ligado a Armando Salles de Oliveira. Eram pessoas de São Paulo que tinham apoiado a candidatura de Armando à presidência – Armando Salles estava nos Estados Unidos, Julio Mesquita estava no Uruguai, e mantive com ele

excelentes relações. Eu, um membro do Partido, freqüentava o grupo de Armando Salles. Durante a guerra, fui o contato entre eles e o Partido.

Assim fiquei e me misturei a essa gente, travei relações de amizade com Júlio Mesquita Filho e com Julinho Mesquita, diretor e proprietário de O Estado de São Paulo, jornal apreendido por Vargas. Mais tarde, seus legítimos proprietários retomaram posse do jornal. E permaneci amigo de Júlio Mesquita até o fim de sua vida. Quando ele morreu, mandei um telegrama à família dizendo que ele fora um homem do qual se podia ser ao mesmo tempo adversário político e amigo.

A.R. – Você diz “adversário político”... No entanto, vocês dois combatiam igualmente a ditadura. Você pode me explicar a evolução das posições dos diferentes grupos em relação a Getúlio Vargas? Li artigos que faziam referência, em dado momento, a dissensões violentas. Onde é que você se situava, você e o partido ao qual pertencia?

J.A. – Para começar, em 1942, quando voltei ao Brasil, o Partido Comunista já não existia mais. Fora destruído em 39. O que restara era um pequeno núcleo na Bahia. Depois, com um novo núcleo que se formara no norte, no Pará, eles se juntaram e criaram um comitê para a reorganização do partido. Espalhado, havia um pouco em cada lugar, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio etc. Enfim, havia prisioneiros políticos que formavam o núcleo mais forte, o partido de Prestes.

Na verdade, as divisões eram muito grandes. Alguns tendiam para uma aproximação com os liberais, e estes, por sua vez, estavam ocupados em se reorganizar, e lançaram o Manifesto dos Mineiros – Afonso Arinos e um grupo importante de intelectuais mineiros fizeram um manifesto contra a ditadura de Vargas assim que o Brasil entrou na guerra. A facção do Partido próxima aos liberais, e outros, cuja posição era muito clara contra o nazismo e violentamente contra a ditadura (aquela à qual nos sujeitávamos), queriam aproveitar o enfraquecimento do nazismo, cujos primeiros sinais estavam sendo sentidos, para derrubar Vargas. Outro grupo achava que já que ele entrara em guerra ao lado dos Aliados, era preciso apoiá-lo, pois o fundamental era esmagar o nazismo. Esta era a posição da facção da Bahia e do Pará – deste grupo de reorganização do Partido – e depois tornou-se também a posição de Prestes.

A.R. – Esta posição também era a sua?

J.A. – Sim, esta foi a minha posição. E, quando Prestes se pronunciou, todos se alinharam ao seu lado, todos os que estavam com os liberais, com raras exceções, mas em

geral todos – o historiador Caio Prado, Mário Schemberg... os líderes do mundo intelectual. Quando no entanto organizamos o primeiro congresso de escritores, em 45, estavam todos divididos. A partir daquele momento, alguns se distanciaram do Partido, principalmente Carlos Lacerda, que foi quem mais se distanciou.

Tudo isso trouxe à baila um debate violento de 42 até o início de 45; até o momento em que Prestes, ainda não liberado mas já com a anistia a caminho, começou a receber visitas – uma das primeiras foi a minha –, definiu sua posição em apoio a Vargas. E todos a seguiram, pois naquele momento ele era um dirigente cuja palavra ninguém colocava em discussão.

Vargas queria manter-se no poder. Queria fazer eleger uma Assembléia Constituinte sem alterar o governo: ele permaneceria na chefia do governo, naturalmente com uma Assembléia Constituinte que permitisse que ele fosse eleito, evidente. Mas os militares, impulsionados pelos liberais aos quais já me referi, deram um golpe e derrubaram Getúlio Vargas.

Estas eram as posições. Qual das duas era a melhor?... Se fosse hoje... Eu não sei, não. Naquele momento, parece-me que a nossa posição foi correta. Eu a adotara aliás antes mesmo das palavras de Prestes, pois o grupo ao qual eu estava ligado e ao qual já me referi tinha esta opinião, antes mesmo do pronunciamento de Prestes. Os outros grupos pensavam diferentemente. Hoje eu não sei qual teria sido a posição correta. À primeira vista, era a outra, a dos liberais contra o Estado Novo. Mas na realidade eu não sei, pois o resultado foi a eleição para a presidência de um homem que de forma alguma era melhor do que Getúlio, o general Dutra, que fora seu ministro da Guerra, o homem que mais apoiou o Eixo nazifascista, que era o baluarte de Getúlio e que, sob todos os aspectos, foi um presidente lamentável. Foi ele quem, alguns anos mais tarde, expulsou os deputados comunistas, suprimiu o direito de greve, enfim, fez todas estas coisas. Hoje não sei porque ele aparece como tendo tido um governo extremamente democrático; é falso. Foi um governo muito reacionário, e ele era um homem incompetente, um militar incompetente.

A.R. – Depois disso houve a última fase de Vargas, não é? Ele voltou à presidência. A imagem final que ele deixou aproxima-se da que ele tinha no seu início? Em torno de Vargas – ou de Getúlio, como se diz mais no Brasil – há quase que uma lenda – o desespero popular quando ele morreu. Mas também houve a ditadura, que não é uma lenda!

J.A. – Primeiramente, houve duas fases de Getúlio. Para começar, ele tomou o poder encabeçando a Revolução de 30, quando os militares governamentais (aqueles que apoiavam

o governo), oportunistas como sempre, derrubaram o presidente Washington Luís ao verem que Vargas estava prestes a ganhar, e confiaram-lhe o poder. Na realidade, eles mesmos queriam tomar o poder. Mas Getúlio aproximava-se do Rio com suas tropas, e estas eram superiores às dos outros; assim, eles lhe deixaram o governo.

Esta foi a primeira fase de Getúlio, de outubro de 1930 a 1933, quando finalmente houve as eleições depois da revolução paulista de 1932. Em 1932, as forças que dominavam a República antes de Getúlio, as forças de São Paulo e Minas, novamente se aproximaram. Foi a famosa aliança “café com leite” dos grandes plantadores de café de São Paulo e dos grandes proprietários de gado de Minas, oligarquias que tinham repartido o poder entre si desde o início da República, elegendo alternadamente para a presidência ora um paulista, ora um mineiro. E foi justamente a omissão a esta regra que favoreceu a tomada do poder por Getúlio, quando Washington Luís, que era paulista, decidido por outro paulista, e não por um mineiro; depois disso Antônio Carlos, governador de Minas, aliou-se a Getúlio, o que permitiu o movimento revolucionário de 1930.

Em 1932, essas forças novamente se uniram, e esta foi a revolução paulista, a chamada “revolução constitucionalista”: o objetivo era a Constituição e o fim do regime autocrata de Vargas. O movimento se rompeu, os militares foram derrotados por Getúlio, e vários deles foram exilados. Mas Getúlio entendeu que lhe seria difícil continuar a se manter assim, e fez um acordo com as forças de São Paulo e de Minas, convocando uma Constituinte: foi a Constituinte de 1933, que votou a Constituição: foi a Constituinte de 1933, que votou a Constituição de 1934. Uma Constituição em que havia muitas influências das idéias fascistas, do corporativismo da Romênia, influência do salazarismo e do fascismo italiano, mas que foi ao mesmo tempo uma Constituição liberal. Houve até deputados eleitos pelos trabalhadores, representando esta ou aquela categoria operária. Foi a única vez que isto aconteceu no Brasil.

Esta Constituinte elegeu Getúlio para a presidência: ele permaneceu no poder. Depois do acordo feito com paulistas e mineiros, ele foi alvo de uma célebre frase de Alcântara Machado (pai de Antônio de Alcântara Machado, o escritor), líder do grupo paulista: “Íamos votar em Getúlio com o nariz tapado.” Mas, tapado ou não o nariz, eles votaram em Getúlio por um período de quatro anos que terminaria em 1938. A eleição do novo presidente deveria ocorrer em novembro de 37.

Dois candidatos se apresentaram: um representando as forças paulistas e mineiras, Armando Salles de Oliveira, e outro as forças populares – teoricamente o candidato de Getúlio e do governo –, José Américo de Almeida. Na verdade, isso não passava de fachada; Getúlio já tinha seus planos traçados. E, de acordo com os governadores dos Estados – com

exceção de Juracy Magalhães, governador da Bahia, o único a se opor, arrastando consigo o governador de Sergipe, que era amigo seu –, Getúlio Vargas deu o golpe de Estado em 1937, passando por cima das duas candidaturas.

Isto me lembra uma história que circulou na época, e que dizem que é verdadeira. Conta-se que Gilberto Freyre, em 37, estava em Portugal para fazer não sei que pesquisas nas bibliotecas portuguesas – pesquisas históricas, eu creio... Ele era muito amigo de Zé Américo, apoiava a sua candidatura, como o faziam todos os intelectuais que tinham certa... posição no Brasil. Quando voltou de Portugal – o golpe de Estado já fora deflagrado, já estava instituído o Estado Novo, a ditadura –, Gilberto Freyre foi para o Palácio do Catete para prestar contas de sua missão; uma missão cultural. Getúlio o recebeu. Getúlio tinha boas relações com os escritores, ele lia muito. O que não o impedia de botar na cadeia o inimigo político a ser vencido... Graciliano Ramos esteve preso durante quase um ano, muita gente... Mas isso nunca tomou a forma de uma repressão sistemática contra os escritores. Com alguns, José Lins do Rego, por exemplo, Getúlio até mantinha um relacionamento bastante freqüente. E, quando Graciliano Ramos saiu da prisão, obteve um emprego no Ministério da Educação. Ele e muitos outros, não é?

A.R. – Mário de Andrade.

J.A – Mário também, mas Mário nunca esteve preso. Era o ministério de Capanema, que, embora fosse um ministro da ditadura, nunca discriminou ninguém. Deu empregos ao pessoal da esquerda. Capanema, cujo chefe de gabinete foi Carlos Drummond de Andrade, foi uma exceção no governo de Getúlio. Havia exceções, Oswaldo Aranha, João Alberto, Capanema, que eram liberais. Capanema teve um papel importante na modernização da cultura brasileira – também na área da arquitetura, a primeira realização de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, em colaboração com Le Corbusier: o Ministério da Educação e Cultura no Rio, que depois Filinto Müller, o chefe da polícia, e outros diziam ser um edifício comunista, pois tinha a foice e o martelo e não sei que outras sandices...

A.R. – O Ministério da Educação data desta época?

J.A. – Sim, data desta época, 1943. Foi sob Capanema também que se criou a Direção do Patrimônio, com Rodrigo de Melo Franco na chefia. Mas, voltando à minha história...

Gilberto Freyre estava portanto em presença de Getúlio, prestou contas de seu trabalho, e Getúlio, após ter-lhe expressado a sua satisfação e algumas palavras amáveis, perguntou-lhe se aceitaria colaborar em seu governo, pois havia um cargo para ele... Gilberto

recusou: “Não posso aceitar, Senhor Presidente, pois meu candidato à presidência era José Américo de Almeida.” E Getúlio: “Se é por isso não há problema algum, pois ele era meu candidato também...”

Um dia perguntei a Getúlio sobre a autenticidade dessa história e ele me confirmou que era absolutamente verdadeira.

Em 1937 houve o golpe de Estado, e foi instaurado o Estado Novo. Getúlio foi ditador, depois foi presidente constitucional, e novamente candidato e constitucionalmente eleito presidente; antes de ser destituído, se matou. Ele foi tudo isto sucessivamente, e se suicidou. Um dia, ao longo de uma conversa – a única que tive com ele –, Getúlio me disse: “Vocês, os comunistas, têm sido muito injustos para comigo. Eu me opus aos Estados Unidos e, de uma maneira ou de outra eu representava uma força de resistência contra os Estados Unidos, e mesmo assim vocês constantemente me combateram.” Eu lhe disse: “É verdade, o senhor não cedeu, o senhor tentou se libertar um pouco do jugo econômico da América... – é exato –, mas para apoiar quem? O senhor apoiava Hitler! O que era muito pior. Nós tínhamos que escolher entre os americanos, que finalmente entraram na guerra e que estavam do lado da democracia, e Hitler e Mussolini. O senhor não pode se queixar de que não o apoiamos. No momento em que o senhor apoiou os Aliados, nós imediatamente o apoiamos. Eu estive fora do Brasil, e sabia que se voltasse seria preso. Voltei porque o Brasil entrara na guerra. E meu caso não era nada, eu não fora julgado. Houve homens que, apesar de condenados a dez anos de prisão, voltaram. Todos nós fomos presos. Eu fui solto meses depois, havia processo contra mim, mas e os outros? Eles só foram liberados em 45, três anos mais tarde!”

Este é o problema. Getúlio foi tudo. Era um homem extraordinariamente contraditório, um nacionalista. Apoiou-se tanto nas forças de direita quanto nas liberais; teve o apoio da direita fascista e de Hitler, e apoiou-se também em Roosevelt, e depois... começou a vagar.

Mas ele conseguiu realizar determinadas coisas, deixou um saldo positivo em seu governo. Em primeiro lugar a legislação do trabalho, que em seu tempo foi uma das mais adiantadas do mundo. Não havia nada no Brasil, os trabalhadores não tinham direito algum, e alguma coisa eles conseguiram com Getúlio. O Ministério do Trabalho foi criado em seu governo; e a legislação trabalhista, as pensões, a aposentadoria, os direitos trabalhistas...

Em segundo lugar, o problema da indústria pesada: Volta Redonda é uma vitória que ele conseguiu de Roosevelt, graças à guerra: a construção da primeira indústria siderúrgica nacional do Brasil. Depois, o petróleo. Houve dois momentos: durante o Estado Novo, sob a pressão do imperialismo americano, Getúlio negava a existência de petróleo no Brasil. Prendeu Monteiro Lobato porque este declarava o contrário! Mas também foi o homem que

mais tarde criou a Petrobrás, o homem do “o petróleo é nosso”. E, quando morreu, Getúlio tinha uma posição nacionalista, lutava contra as forças reacionárias. Esta é que é a verdade.

Foi um homem que espelhava as contradições da política brasileira, sendo ele próprio contraditório. Navegou por mares muito difíceis, tempestuosos, numa época também difícil. Nada era simples diante da guerra, o nazismo, a União Soviética, os americanos... Terminou se matando, o infeliz; não chegou a levar a termo esta difícil travessia.

Ele foi muito contraditório; é estranho. Nunca tive relações reais com ele, apenas o conheci. Houve esta viagem em 1935, em que simplesmente me aproximei dele em duas ou três ocasiões oficiais; e quando fui deputado, ele era senador – depois de derrubado, foi eleito senador com um enorme número de votos; ele ia pouco à Assembléia (a Constituinte). Só de vez em quando, e em algumas das vezes em que foi muito atacado, replicava com imensa violência – sempre com aquela natureza de caudilho.

Uma vez, logo nos primeiros tempos da Assembléia, para o aniversário de dez anos da morte de Gorki, fiz assinar uma moção endereçada ao Parlamento da União Soviética, uma moção lembrando a memória de Gorki. Foi bem no início da Assembléia, num momento liberal, democrático, e eu pedia a todos os deputados que eram escritores que assinassem. Lembro-me que éramos dez: Gilberto Freyre, Luís Viana Filho, Amando Fontes, Aureliano Leite, um deputado de São Paulo, muito conservador; mas ele assinou e me disse: “Ah! Quando eu era jovem, as mulheres diziam que eu era parecido com Gorki!” – e era verdade, ele era um gigante. Um bom homem, o Aureliano... Alguns dias depois, um ex-ministro da Economia de Getúlio, Artur Costa e Silva, um banqueiro gaúcho – um dos homens mais inteligentes que conheci no Parlamento, muito conservador, mas muito inteligente, com quem eu gostava de bater papo, procurou-me e disse: “Escute, o Presidente” – chamávamos Getúlio de presidente – “o Presidente está muito zangado com você. O senhor não lhe pediu que assinasse a moção sobre Gorki. Ele também é escritor, é membro da Academia...” – sem dúvida ele estava fazendo uma pilhéria.

Uma única vez conversei longamente com Getúlio, numa viagem de trem entre São Paulo e Rio. Ambos estivéramos em São Paulo para uma campanha eleitoral – talvez para a eleição do governador, já não me lembro mais... Quando cheguei na estação, notei uma afluência inusitada de políticas, gente do PTB, o partido que Vargas fundara – havia dois partidos, o PSD e o PTB. Perguntei a um amigo deputado do PTB o que é que estava acontecendo, “É que o presidente viaja hoje”, disse-me ele. Um vagão inteiro lhe fora reservado. Subi para o meu vagão, entrei no meu compartimento, e o trem partiu. Quando eu acabava de me trocar, já estava de pijama e me preparava para deitar, bateram à minha porta.

Pam-pam. Era um homem que eu via pela primeira vez: Gregório, o famoso sargento Gregório, chefe da guarda pessoal de Vargas. Um homem que praticamente foi assassinado pelas forças reacionárias, por militantes, durante a campanha de Carlos Lacerda contra Getúlio: foi morto em sua cela por outro prisioneiro – evidentemente sob... inspiração das mesmas forças que torturaram Gregório de uma forma monstruosa, e que ameaçaram jogá-lo do alto de um avião. Uma coisa atroz, uma história que não se conta por ser por demais vergonhosa. Mas os homens que estiveram no poder durante aqueles tempos eram... eram apenas homens.

Gregório procurou-me, enviado por Vargas: “O presidente gostaria de vê-lo; se o senhor puder ir até lá, ele ficará encantado em poder lhe falar por uns momentos...” Eu também tinha vontade de conversar com ele. Vesti-me novamente e fui até o vagão de Getúlio, onde praticamente passamos a noite toda conversando. Fiz-lhe muitas perguntas. Foi a única vez em que realmente dialoguei com ele. Eu lhe perguntei sobre as coisas que se diziam a seu respeito, sobre suas relações com os escritores e muitas outras histórias. Ele me respondia: “Não, isto é invenção”, ou: “Sim, é verdade, mas não foi bem assim que aconteceu...”, e ria. Era um homem extremamente inteligente, muito estranho. Depois deste encontro, quando cruzávamos na Assembléia, eu o cumprimentava e apenas trocávamos algumas palavras. Ele conhecia muito bem a minha obra, conhecia tudo o que escrevera, e era um entusiasta de Terras do Sem Fim. Eu lhe disse: “Isso não o impediu, em 38, de mandar queimar os meus livros!” Ele pôs isto na conta da polícia: “Ah! Foi Filinto Müller, os militares, eu não sabia de nada; estes militares são uns asnos.” Mas na realidade ele sabia o que estava acontecendo. Conta-se uma história que ele mesmo confirmou ser verídica. Foi durante a guerra, Oswaldo Aranha era ministro – creio que das Relações Exteriores. Um dia em que ele estava no gabinete de Getúlio por várias vezes o interrompeu: Há algo sobre o qual quero lhe falar, não saia antes...”, e insistia. Terminado o encontro, Oswaldo Aranha preparou-se para sair e já estava longe quando Getúlio lembrou: “Oswaldo, Oswaldo... eu queria lhe recomendar que prestasse muita atenção às suas conversas telefônicas, elas estão todas grampeadas. É o ministro de Guerra...” Eu lhe perguntei, e ele me disse que esta história era verdadeira. Os militares se lhe escapavam, era ele quem comandava, mas eles faziam o que queriam, até com seus amigos mais íntimos, como era o caso de Oswaldo Aranha.²⁰⁷

207 RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 125 a 135.

Anexo B: Jorge Amado revisita a militância.

Entrevista realizada pelo pesquisador Eduardo de Assis Duarte e publicada na obra: DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado**: romance em tempo de utopia. Natal: UFRN Editora Universitária, 1995. 346 p.

EAD – Em 1917 você tinha cinco anos de idade. Em 1930 estava com dezoito, mas, desde os quinze, vinha trabalhando como repórter em órgãos da imprensa baiana. Gostaria que fizesse uma reflexão sobre estas duas datas. Como é que chega para você a idéia de revolução?

JA – Em primeiro lugar, devo lhe dizer que o jovem, pela própria natureza, é rebelde. O Jovem não é, em geral, revolucionário, salvo algumas exceções. A juventude é generosa, se espanta, se aborrece e se revolta com as injustiças e contra tudo que possa significar opressão. Na minha primeira juventude, minha quase meninice, quando comecei a trabalhar na imprensa e a ter contato com outros jovens “subliteratos retados”, nós vivíamos intensamente a vida popular baiana e nos revoltávamos contra as condições existentes de atraso e injustiça social, mas de uma forma muito vaga. Não havia nenhuma idéia mais precisa de ordem revolucionária, era uma rebeldia natural da juventude e muito literária, no sentido de fora da realidade.

EAD – E as notícias de Moscou e da Revolução Soviética?

JA – Durante a década de vinte elas chegavam, mas ainda como algo distante. Nosso conhecimento do processo revolucionário soviético se acentuou a partir da Revolução de 30. 30 é que é a grande data. Até então nós fazíamos uma vida de sublitteratura, escrever poemas... era ainda a luta contra o Parnasianismo, o academicismo, contra Coelho Neto, coitado, que levou tantas bordoadas, muitas delas injustas. Em geral, nós acusávamos todo mundo sem ter lido nenhum deles. Mas a revolução de 30 é que veio realmente marcar e ser um divisor de água, porque não teve o aspecto dos golpes militares ou tentativas de golpes militares que a precederam. Antes de 30, a epopéia da Coluna Prestes já havia nos tocado como algo heróico que se passava no interior do país e que durou uns dois anos entre 24 e 26. Depois, há o movimento da chamada “Aliança Liberal”. Eu, por exemplo, trabalhei num órgão que se chamava *O Jornal*, que defendia na Bahia a candidatura de Getúlio. Este foi o momento em que se discutia intensamente os problemas do país e no qual se criou, inclusive com o impacto do assassinato de João Pessoa – impacto sentimental que toca qualquer povo, mas sobretudo o

nosso – um grande movimento de massas, que precedeu à revolução de outubro. Esta não foi uma revolução sangrenta, nem teve grandes batalhas. O celebre poema de Murilo Mendes “A Batalha de Itararé” ilustra bem o que estou dizendo. Realmente a batalha de Itararé nunca aconteceu porque, como sempre, e eu digo felizmente, a tradição de negociar e conciliar prevaleceu, houve acordo, e Getúlio tomou posse. É claro que imediatamente começaram os compromissos e a Revolução de 30 não tomou nenhum aspecto socialista, nem marchou para uma radicalização, mas modificou muita coisa neste país.

EAD – Há uma polêmica em torno disso, não é? 30 foi ou não foi uma revolução?

JA – Eu acho que teve algumas características de revolução, no sentido de um acentuado apoio de massas, além de ter feito mover-se aquela água parada da República Velha. Todas as estruturas foram bulidas, quer dizer, buliu com a sociedade, fazendo-a avançar e avançar bastante. No campo econômico, abala-se a predominância do imperialismo inglês e, do ponto de vista literário, as mudanças foram grandes também. Nós vínhamos do Modernismo. O movimento modernista, que tem toda a importância que se lhe dá, foi uma revolução literária, não uma revolução política. Digo isto apesar de que, com a Antropofagia sobretudo, há um grupo do modernismo que toma posição de esquerda, algumas radicais, como certas posições de Pagu, por exemplo, que publica o romance *Parque Industrial*.

EAD – Você não acha que nesse romance o tiro sai um pouco pela culatra, ou seja, o processo de elevação da consciência operária não ficaria prejudicado por uma certa idealização do partido?

JA – É curioso. Eu acho que se tem que ver como valor histórico da época, no que o livro significa como uma primeira tentativa de romance sobre a classe operária, da mesma forma que tínhamos os *Poemas Proletários*, do Paulo Torres, publicados em 1931. Em verdade, nós não tínhamos um grande proletário ainda, isto só vai ocorrer mais tarde. Dentro do Modernismo havia uma grande confusão ideológica. Falava-se muito da influência da Revolução Russa, mas esta influência existia apenas dentro do pequeno grupo que estava próximo do Partido Comunista.

EAD – Gostaria de insistir no paralelo entre 1917 e 1930. Qual a importância desses dois eventos para a sua literatura e para a de seus companheiros do romance de 30?

JA – A Revolução de 17 buliu com todos nós. Eu acho que há três fatos que tiveram uma importância fundamental para a literatura e, sobretudo, para a ficção moderna: a Revolução de

17, que tocou profundamente a literatura mundial, como, por exemplo, a transformação do Surrealismo – de repente Aragon vai ser chefe de fila da literatura política, com Breton, Paul Éluard, Tristan Tzara e grande parte deles; em seguida, o cinema, que teve grande importância no desenvolvimento da estrutura do romance e da ficção como um todo: e, por fim, a psicanálise. No Brasil, respondendo a todo este contexto, a Revolução de 30, que abre uma ação intelectual muito vasta e que traz para o debate nacional os problemas da cidade e do campo. Os problemas do campo transparecem de forma evidente na obra de Érico Verrísimo, no sul, também na do Dalcídio Jurandir, na Amazônia, na saga da cana de açúcar, de José Lins do Rego, entre outros. Curioso é que não haja uma correspondência com o café em São Paulo, certamente devido à proximidade com o Modernismo. No Rio de Janeiro, a melhor literatura dessa época é a que vem ainda com a marca de Machado, Marques Rebelo e José Geraldo Vieira, por exemplo.

EAD – Como se dá sua aproximação com o Partido Comunista?

JA – Em 1931 entrei para a Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, e aí começo a ter meus primeiros contatos com intelectuais e estudantes de esquerda. Logo logo estava militando na juventude comunista. Nutria um grande entusiasmo pela revolução de 1917 e, embora não tivesse um conhecimento palpável, era extremamente sectário naquele momento. Tudo para mim era a Rússia, a Revolução Russa, a literatura russa. Meus livros *Cacau* e *Suor* foram fortemente influenciados pelos romances da primeira fase da Revolução, fase romântica e de uma grande força criadora, com *A Derrota*, de Fadeiev, *A Torrente de Ferro*, de Serafimóvitch, *A Cavalaria Vermelha*, de Babel, *As Doze Cadeiras*, de Ilf e Pietrov, os primeiros romances de Ehreburg, enfim, obras ao mesmo tempo inovadoras e críticas dos erros cometidos. Muitos desses escritores foram depois liquidados pelo Stálin. Tinha lido também *Judeus sem Dinheiro*, de Michael Gold, que depois viria a ser grande amigo meu.

EAD – Como era a sua relação com o partido?

JA – Eu comecei a trabalhar com a juventude comunista na faculdade, juntamente com o Carlos Lacerda, que já era um grande orador naquela época e então começo a militar no partido. Militei durante muitos anos – fui exilado porque era deputado do PC – até que, antes de 1955, vi que não era possível conciliar meu trabalho de escritor com o de militante. Eu nunca tive cargo de direção, mas, no fundo, dado ao fato de ser conhecido, acabei tendo uma atuação de dirigente sem ser dirigente.

EAD – No livro do John Forster Dulles *Anarquistas e Comunistas no Brasil*, há uma entrevista da Rachel de Queiroz em que ela afirma que, em 1931, era difícilimo para os intelectuais entrar no PC, devido ao fato dos obreristas estarem à frente da direção, tendo, inclusive, tentado censurar seu romance *João Miguel*. Você também sofreu algum constrangimento dessa natureza?

JA – Não imediatamente. Só muitos anos depois, com *Os Subterrâneos da Liberdade*. A direção pediu para ler os originais. Prestes leu, mas recusou-se a dar qualquer opinião. Prestes tinha certas posturas muito corretas e era contra qualquer tentativa de influenciar um escritor. Mas outros dirigentes, ao contrário, queriam que alterasse, que bulisse. Me lembro de um que dizia: “- esse livro só tem putaria...” Enfim, eu não buli em nada, não aceitei isso e também já era um momento em que as coisas começavam a ser discutidas. Mas atrasou muito a publicação, que saiu em 54. Mas foi só nesse momento. Era a fase mais aguda do stalinismo, em que as direções regionais estavam todas muito marcadas pela violência que caracterizou este período. Antes não, eles não tinham muito tempo para a literatura, mas me esculhambavam, achavam muito ruim o que escrevia, talvez devido ao meu sectarismo. Quanto ao livro da Rachel, talvez não fosse tão obreirista quanto eles desejavam. E o *João Miguel* é o melhor livro dela na minha opinião.

EAD – Em 1934, enquanto você escrevia Jubiabá, no Brasil, em Karkov, na União Soviética, estava acontecendo o Congresso de Escritores que institui o realismo socialista. Como é que esta nova tendência chegou até você e aos demais escritores ligados ao partido?

JA – O realismo socialista não chegou ao Brasil a não ser depois da guerra. Essas teorias, como outras e as idéias em geral, viajavam muito lentamente, ao contrário de hoje em dia. Eu soube vagamente que tinha havido o Congresso de 34, quando Gorki vem a ser eleito Secretário Geral da União de Escritores Soviéticos. Só isso. Nesse congresso foram estabelecidas as bases do realismo socialista. É a consolidação do stalinismo, que busca liquidar com toda crítica dentro da literatura soviética. A grande literatura soviética acaba aí. Em 1934 acaba a literatura soviética. E isto eu só vim me dar conta no tempo do exílio (1948 – 1953). Aqui não chegava nada. Eu só tomei conhecimento do realismo socialista em sua fase mais agressiva, depois da guerra, com o Zhdanov e suas teorias a respeito do formalismo e do realismo socialista, que aliás contém uma denúncia da arte moderna curiosamente coincidente em certos aspectos com as teorias de Hitler a respeito da arte degenerada, proveniente de uma burguesia degenerada. O realismo socialista e a arte pregada por Hitler tinham um parentesco muito próximo.

EAD – Na década de 30 há um intenso debate entre os intelectuais marxistas europeus a respeito da arte revolucionária: a questão do realismo, da tendência e do engajamento na arte. Essa polêmica envolve Brecht, Lukács, Benjamin, Eisler, Bloch e muitos outros. Ela chegou até vocês?

JA – Eu acho que não. É provável que alguns intelectuais e críticos tenham tido conhecimento. Talvez Sérgio Milliet, Mário de Andrade... Penso também num homem como Antonio Candido, por exemplo. Será necessário que você pergunte isso a ele. A mim nunca chegou. Eu sempre fui muito ignorante, compreende? E muito pouco de ler teorias, essas coisas. Só conheci de oitiva, de ouvir dizer. Sabia que havia tais intelectuais e outros, como Henri Barbusse, Aragon, Paul Éluard. Trabalhei muito com Aragon, mas tive uma aproximação afetiva maior com Éluard. Sabia também da existência de Lukács, de quem me tornaria muito amigo.

EAD – Vocês se conhecem em 49...

JA – Não. Nós nos conhecemos em 48, no Congresso dos Intelectuais pela Paz, em Bratislava, justamente no momento em que ele é denunciado pelos zhdanovistas e começa a cair em desgraça. Depois vem a revolução húngara e então vem a segunda e definitiva queda. Escapa apenas da morte e eu me honro de me ter mantido amigo dele, apesar de ser um membro disciplinado do partido. Eu nunca condicionei meu relacionamento de admiração ou amizade aos pontos de vista do partido e isto é uma alegria que tenho hoje na minha velhice.

EAD – E o Picasso?

JA – Picasso era membro do Partido Comunista... Em 45/46 tive ocasião de tratar muito com ele, inclusive em termos da vida política daqueles tempos e vi o que ele estava passando. Havia uma influência muito grande do stalinismo na arte e na literatura. Stálin para nós era um deus! Quem me dissesse que Stálin não era um deus eu me revoltava com ele... Mas depois começou o longo e doloroso processo de dúvida quanto a Stálin e a realidade soviética daquele momento.

EAD – E hoje? Em 1988 ainda há lugar para a utopia?

JA – Creio que sim. Veja você: no momento está se passando um fato da maior importância, que é a revolução dentro da revolução na União Soviética, com a Perestroika e o Gorbachev. A gente tem que apoiar, porque, da mesma maneira como a revolução de 1917 buliu com todos nós, com a minha geração, com a tua, com todo mundo neste século também esta

revolução que está se passando agora tem o mesmo peso. Isto porque ou a sociedade soviética realmente evolui e se limpa de toda essa sujeira que se acumulou, resgatando a noção de socialismo – não se faz socialismo a não ser em função do homem e do seu desenvolvimento por inteiro como indivíduo – ou então o destino da humanidade será muito triste. Há o perigo concreto de um retrocesso... e uma guerra atômica que venha por aí acaba com qualquer tipo de vida sobre a terra. Eu penso que tudo isto hoje está na dependência da batalha que está sendo jogada na União Soviética, entre aqueles que querem levar realmente o mundo socialista à sua verdade e aqueles que pretendem manter uma burocracia criminoso, corrupta, monstruosa. Eu estive agora em Moscou e vendo convencido de que essa batalha é de todos nós. É uma utopia? Se é uma utopia, a utopia continua.

Anexo C: Trechos da obra literária *Os Subterrâneos da Liberdade*.

Breve trecho da obra *Os subterrâneos da Liberdade* sobre os pensamentos da personagem Mariana e seus sentimentos exagerados de amor e fidelidade pela causa comunista e partidária:

“Pensa em todos esses homens, em seu Partido Comunista clandestino, como em São Paulo é em todo o Brasil e como no Brasil é em grande parte do mundo. Ao seu lado passam homens e mulheres, operários e operárias que seguem para o trabalho, nesse começo de manhã, quando a vida acorda rumorosa pelas ruas. A maioria desses homens e mulheres não suspeita sequer da existência daqueles que estão forjando seu destino futuro. Por vezes, os camaradas contam feitos heróicos de companheiros mortos em combates, de homens enfrentando a polícia com uma coragem de gigantes, mas Mariana pode pensar e julgar desse heroísmo cotidiano da vida ilegal, desses comunistas, encafuados em esconderijos, que jogam sua liberdade a cada momento, que não tem direito a nenhuma diversão, muitos deles não tem sequer possibilidade de vida privada, que são o corpo e o sangue do Partido, a cabeça da classe operária. Ela conhece o seu dia-a-dia de anônimos heroísmos, ela se pergunta a si mesma o que fazer para ser digna companheira de tais homens, para ser digna mulher de João, que a espera (...). Ah! Seu Partido, aquele Partido pelo qual seu pai dera a vida, pelo qual tantos homens abandonam a segurança e o conforto, a claridade do dia e o direito de andar nas ruas livremente, como ela ama a esse Partido perseguido e odiado que ela se acostumou a ver

caluniado, a esse Partido que ela se acostumou a ver acordado na hora que chega a madrugada, como se fosse ele mesmo o construtor da aurora do homem! Um sentimento de incomensurável grandeza a possui quando ela, a pequena operária de São Paulo, pensa no seu Partido. A que pode ela compará-lo? Que lhe recorda ele, esse Partido de homens de nomes trocados, de endereços desconhecidos, de noites mal dormidas, de dorsos marcados pelas torturas da polícia? Esse seu Partido lhe recorda o mar, aquele infinito mar azul que ela viu em Santos, quando foi embarcar Apolinário. Como o mar-oceano, ele não tem limites nem fronteiras, se estende pela vastidão do mundo, vitorioso na União Soviética, em armas na Espanha, nas montanhas da China, nos subterrâneos da Alemanha, combatendo um duro combate nos demais países, um mar subterrâneo que se levantará um dia em ondas colossais, lavando da superfície do mundo a podridão e a injustiça.”²⁰⁸

Momento em que os militantes comunistas regionais de São Paulo conversam com Saquila sobre seu comportamento no partido:

“O Ruivo tomou a palavra. Sua voz rouca e lenta, devido à dificuldade da respiração, se fazia aos poucos apaixonada. Acusou Saquila de atividades divisionistas, de agir de forma antipartidária, levando uma campanha contra a direção no seio mesmo das bases, criando dificuldades para o bom cumprimento das tarefas, sabotando-as em última instância, já que criava a confusão entre os companheiros. A linha política a ser seguida na campanha eleitoral tinha sido amplamente discutida antes de ser aprovada pela direção nacional do Partido. Aprovada que fora, cumpria aos militantes levá-la à execução. E se algum tinha ainda o que discutir, devia fazê-lo nos organismos próprios e não sair numa atividade grupista a recrutar opositores, em cochichos, em reuniõezinhas privadas, onde até a vida particular dos camaradas era objeto de intrigas e infâmias. E agora, nesses primeiros dias após o golpe, sentia-se um recrudescimento da atividade desse grupo. Em vez de ajudarem os companheiros a levantar a luta necessária contra o Estado Novo, estavam apontando o golpe como o resultado de uma linha política falsa do Partido, dificultando a pesada tarefa dos companheiros da direção, alastrando um pessimismo perigoso entre certas bases do Partido. E tudo indicava que Saquila era o centro de todo esse grupo, sua figura dirigente. O camarada

208 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1, p. 288 e 289.

Saquila era membro do Comitê Regional, tinha uma responsabilidade de direção, sua palavra pesava ante os companheiros de base, como explicava ele sua atividade de nítido caráter trotskista?

Saquila não explicou, negou. Realmente, disse, não estivera de acordo com a linha política a seguir na campanha eleitoral. Era por um compromisso com as forças de Armando Sales. Acreditava possível ter sido evitado o golpe se tal aliança se tivesse efetivado. O grupo de políticos paulistas era, a seu ver, o mais democrático do país, possuía uma certa tradição liberal não desprezível, e se os comunistas tivessem participado da campanha, esse grupo teria se reforçado, poderia ter feito frente a Getúlio. Isso ele pensava, mas desde que a direção nacional aprovara a linha política resultante da discussão no Partido, ele não mais a combatera. Nenhum trabalho fizera contra ela no seio dos organismos partidários, e se alguma vez haviam conversado, ele e outros camaradas que pensavam como ele, tratava-se de bater-papos sem importância, simples comentários casuais. Estava disposto a discutir sua atuação na primeira reunião do Comitê Regional e mesmo a autocriticar-se, se lhe mostrassem um erro seu concreto. Mas sabia não ter nada de que autocriticar-se, recusava-se veementemente a aceitar a classificação de trotskistas. Falava numa torrente fácil de palavras, um certo brilho nas frases, limpando ao mesmo tempo o cachimbo, lançando olhadelas de través ora para João, ora para Ruivo. Concluiu dizendo estar disposto a discutir o assunto, mas não assim, numa conversa, com dois elementos do secretariado. Ou bem ante o Comitê Regional ou, pelo menos, diante do secretariado completo e ampliado dos membros do regional que se encontrassem na capital do Estado.

Tirava fumo da bolsa, enchia o cachimbo. João e Ruivo se entreolharam. Saquila acrescentava:

- O que eu creio é que devemos discutir urgentemente, e foi para isso que pedi essa reunião, é a posição a tomar agora. Eu tenho um assunto concreto a transmitir ao Partido: os “armandistas” estão se preparando para um levante, coisa séria, há muita gente do Exército comprometida. Vão liquidar o Estado Novo e convocar outra vez as eleições... Eles me sondaram para saber o que o Partido pensa... Eu acho...

- A direção nacional já está a par do assunto, já o estudou e já decidiu sobre ele...

- Quando?

- O material chegou hoje. Amanhã começará a ser levado ao conhecimento dos diversos organismos.

- E que diz?

- A direção alerta o Partido para que não se deixe envolver em aventuras golpistas, cujo resultado será reforçar apenas a ditadura. E traça o caminho a seguir na luta contra o Estado Novo: agitação, greves, desmascaramento de Getúlio nos sindicatos e entre todos os trabalhadores, negociação para a formação de uma frente democrática que impeça o estabelecimento de um regime fascista...

- Um regime fascista já está estabelecido...

- Há uma constituição parafascista, mas ela será cumprida ou não na medida da luta popular contra ela. O que há, em verdade, é uma ditadura sul-americana, onde sobram as condições, algumas delas já mais do que agravadas, como entre Getúlio e os integralistas. Contradições interimperialistas, contradições entre os grupos políticos nacionais. Nós devemos, em vez de nos metermos nesse golpe armandista, bem capaz de conservar a constituição de Getúlio se chegasse a vencer, é tratar de agrupar todos os elementos democráticos, à base de um pequeno programa mínimo: liquidação da constituição fascista, volta à constituição de 34, anistia, luta contra o integralismo. E essa frente só pode ser realizada num processo, à proporção que cresçam as lutas de massa contra a ditadura. — João calou-se.

- Acho tudo isso vago e falso. Frente democrática com quem? Os elementos de Zé Américo eram um aglomerado sem sentido. A maioria deles está apoiando Getúlio. Restam os “armandistas”. Com esses é possível marchar. Mas eles estão sendo muito mais realistas que o Partido, eles estão preparando a única coisa que pode liquidar Getúlio: um golpe armado. E se nós não participamos dele, então é que queremos mesmo desaparecer da vida política... A oportunidade é única. Volto a repertir que os homens estão bem articulados. Há vários generais desgostosos com Getúlio, outros estão impressionados com a posição do Exército devido ao golpe, Juraci Magalhães está sendo trabalhado, Flores da Cunha entrará pela fronteira do Rio Grande... É uma coisa que tem base, um golpe rápido e decisivo. E não todo esse negócio de luta de massas, greves e ainda por cima agora que greve é crime previsto na constituição, boa coisa para material, para artigos na classe mas sem nenhum futuro...

O Ruivo fitava o jornalista:

- Há muito tempo que não ouço tanto absurdo junto: o justo é o putsch²⁰⁹ e não a luta de massas, o certo é ir na rabada da burguesia e não colocar a direção da luta na mão da classe operária, substituir os mineiros e os gaúchos por Flores da Cunha, os operários de São Paulo por Armando Sales e assim por diante. Você, Saquila, é um homem que leu Marx, Engels, *O Capital* completo, obras de Lenin e Satalin, tudo que pode arrebanhar de marxismo pelas livrarias e o que manda buscar no estrangeiro. Leu e não entendeu nada, meu velho. Indigestou. É o mal de vocês, intelectuais metidos num gabinete a devorar marxismo, distante das massas. Em vez de se alimentarem de teoria para melhor agir na prática, vocês indigestam e depois só fazem besteira... A decisão da direção é justa, esse golpe armandista vai cair no vazio, o único a ganhar com ele é Getúlio. A gente deve fazer é tudo para evitá-lo. Está aí um bom trabalho para você: conversar com a gente honesta metida nisso, não devem ser muitos, mas deve haver alguns, e convencê-los do que há de errado e perigoso em tal política...

- Meu caro, não é com ironia que você me convence. Eu vou deixar de lado todo o seu sectarismo estreito contra os intelectuais para reclamar apenas uma coisa: ir ao Rio para discutir com a direção nacional a sondagem dos “armandistas”. Estão de acordo?

- É preciso consultar o Rio, antes. Saber se a direção nacional quer discutir com você. Podemos consultar.

- Eu peço que o façam o mais rapidamente possível...

João falava:

- Uma última coisa. É o problema da oficina gráfica. Você é o responsável por ela. O secretariado resolveu mudá-la de casa. A atual já não oferece segurança.

- Por quê?

- Está num mau lugar, já foi objeto de comentários na rua, o camarada que está lá já foi visto por muita gente... É necessário mudá-la. Nós já temos uma casa em vista... Você deve dizer ao camarada para começar a desmontar a impressora e a empacotar os tipos...

- Está bem, vou tratar disso. E a outra casa, onde é?

209 A tentativa de avanço contra o golpe de Getúlio Vargas proposto pelos políticos seguidores de Armando Salles de Oliveira era chamado pelos comunistas de Putsch. Era a propostas de um avanço popular coordenado pelos armandistas para por fim ao golpe varguista e que pretendiam até a luta armada, mas aqui a finalidade da luta armada popular era diferente do que propunham os comunistas. Os comunistas afirmavam que a luta armada popular que eles defendiam garantiria vantagens para os trabalhadores, garantiria a revolução comunista para o fim das classes sociais (afirmativa ideológica do movimento comunista). E era preciso não confundir Putsch e Revolução, que nesse contexto histórico e entre alguns sujeitos e também na obra literária adquirem significados diferentes.

- Ainda não está definitivamente acertada. Depois você saberá. E vamos mudar também de tipógrafo. Estamos buscando outro camarada. Esse já está enterrado em cima dessa máquina há mais de um ano. Já deve estar verde de tanta falta de sol...

- Eu posso me encarregar de procurar um outro.

- Certo, procure por seu lado, nós procuraremos também. Depois veremos quem escolher.

Depois que ele saiu, João andou mais uma vez até o quadro surrealista:

- Compreende, Ruivo: putsch e não luta de massas, direção da burguesia e não do proletariado...”²¹⁰

Conversa entre o personagem Saquila e Cícero²¹¹: Saquila convidou Cícero, que era um escritor importante e conhecido no cenário nacional e internacional e também um militante comunista envolvido com a movimentação política, para participar da direção do novo partido que ele pretendia fundar:

“Entrou em detalhes, referiu-se às garantias de vitória oferecidas pelo golpe armandista e confiou-lhe, finalmente, estar encarregado, ‘por companheiros de todas as regiões’, de convidá-lo a participar da direção do novo partido, do ‘verdadeiro partido comunista...’

- Não posso aceitar... – respondera Cícero com sua voz calma, um pouco suficiente. – O Partido é o Partido, Saquila, não existe dois partidos comunistas. Quando isso acontece, um deles termina sempre servindo aos inimigos – atalhou com um gesto a objeção que o outro ia formular. – Eu lhe ouvi em silêncio, ouça-me a mim também: pode ser que você tenha razão em algumas coisas que diz, em certas críticas que faz. Eu não nego que nem sempre concordo com certas posições dos companheiros. Porém essas coisas se discutem no seio do Partido, não é fundando um Partido concorrente que se resolvem as divergências sobre a linha a seguir... Com isso, só se faz enfraquecer o movimento, debilitar nossas próprias forças.

210 AMADO, Jorge. Os ásperos tempos. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1, p. 198 a 202.

211 O personagem Cícero tem traços característicos muito parecidos com o próprio autor Jorge Amado, mas não consegui meios documentais (entrevistas, por exemplo) para comprovar essa afirmação. Entretanto, vale ressaltar aqui essa observação. Ver: AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2, p. 206. E outras características do personagem ao longo da narrativa.

Saquila conseguia interrompê-lo:

- Você bem sabe que é impossível discutir com essa gente. Inteiramente impossível...

Eles não admitem nenhuma discussão.

- Não é assim. Você mesmo discutiu quanto quis, defendeu seus pontos de vista.

- Você sabe como é: uma maioria de ignorantes vota contra a gente e acabou-se toda discussão... Os homens capazes de pensar e de dirigir são esmagados por essa maioria.

- Vamos devagar: a gente só vota depois de discutir. Se alguém é vencido na votação, é porque suas idéias e seus argumentos não convenceram a maioria. É um princípio democrático, meu caro, o da maioria. O que deve então fazer um comunista?

- Curvar-se à maioria? – interrompeu novamente Saquila, agitando as mãos. Aceitar teses falsas somente por que a maioria está de olhos fechados? Errar por que os demais persistem no erro? Lenin mesmo, seu Cícero, se colocou contra a maioria quando esta estava errada...

- Como? Onde você descobriu essa novidade? Quando Lenin rompeu com o Partido para impor uma idéia sua? Quando ele dividiu o Partido?

- Novidade? E a divisão entre mencheviques e bolcheviques? Lenin não vacilou...

- É claro, Lenin ficou com a maioria ou, melhor, a maioria estava com Lenin. Ou você não sabe, mestre Saquila, que bolchevique, em russo, quer dizer partidário da maioria?

Fitava o jornalista do outro lado da mesa:

- Não, Saquila, você não tem razão. Você discutiu suas divergências, a maioria ficou contra você, seu papel era aceitar a decisão e, se não estava convencido, tratar de buscar a maneira de continuar discutindo. Isso era o justo, o mais é dividir o Partido, é ajustar os inimigos.

- Mas, como continuar a discutir, se eles começaram por me expulsar?

- Também isso não é certo. Você só foi expulso depois que rompeu a unidade do Partido, que tomou uma posição pública contra a direção, contra a linha política. Já lhe disse que eu mesmo nem sempre me encontro de acordo com tudo que a direção resolve, durante a campanha eleitoral discordei da linha seguida. Mas, daí a me meter num movimento contra o Partido... Não, meu caro, muito obrigado pela sua oferta mas não aceito.

Você está aplicando mecanicamente certas formulações e certas tradições da vida partidária. E isso não é admissível num homem com a sua cultura marxista... Quem lhe disse que eu estou fazendo um movimento contra o Partido? Para mim, para nós, os que nos afastamos da direção regional, o partido somos nós; nós é que estamos defendendo realmente os interesses do proletariado, nós é que temos uma concepção justa da linha tática.

- Vocês é que defendem os interesses do proletariado – sorriu Cícero – mas o proletariado está é com os outros, contra vocês... Onde já se viu, mestre Saquila, Partido comunista sem operários? Posso contar um a um os elementos que estão com você: não há nenhum operário...

(...)

(...) Saquila, sou seu amigo, penso que você é uma das pessoas mais capazes que já vieram ao Partido. Não duvido dos seus escrúpulos, da honestidade dos seus propósitos. Mas, você agiu mal, errou, e agora não sabe agüentar as conseqüências, está querendo se enterrar de uma vez. Vou lhe dar um conselho: largue todos esses projetos, volte para a sua redação, afaste-se dessa corja de aventureiros, trate de reabilitar-se ante o Partido no trabalho de massas. Não fique por aí comentando sua expulsão, conquiste o direito de retornar ao Partido. Isso é o que você deve fazer.”²¹²

Anexo D: Bibliografia literária de Jorge Amado.

Abaixo a bibliografia literária de Jorge Amado seguida do local e editora da provável primeira edição. Lembrando que a obra do autor também foi editada no exterior.²¹³

- **O país do Carnaval**, Rio de Janeiro, Schmidt, 1931.
- **Cacau**, Rio de Janeiro, Ariel, 1933.
- **Suor**, Rio de Janeiro, Ariel, 1934.
- **Jubiabá**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.
- **Mar Morto**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.
- **Capitães da Areia**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.
- **ABC de Castro Alves**, São Paulo, Martins, 1941.
- **O Cavaleiro da Esperança: A vida de Luís Carlos Prestes**, São Paulo, Martins, 1945. (Antes publicado em tradução espanhola, Buenos Aires, Claridad, 1942).
- **Terras do Sem Fim**, São Paulo, Martins, 1942.
- **São Jorge dos Ilhéus**, São Paulo, Martins, 1944.
- **Bahia de Todos os Santos, Guia da cidade do Salvador**, São Paulo, Martins, 1945.

²¹² AMADO, Jorge. Agonia da noite. In: _____. **Os Subterrâneos da Liberdade**. 17. ed. São Paulo: Martins, 1969. v. 2, p. 207 a 210.

²¹³ Fonte consultada: RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

- **Bahia de Todos os Santos, Guia de Ruas e Mistérios**, Rio de Janeiro, Record, 1977.
- **Seara Vermelha**, São Paulo, Martins, 1946.
- **O Amor do Soldado** (peça teatral), Rio de Janeiro, Ed. do Povo, 1947.
- **Os Subterrâneos da Liberdade** (vol. I – **Os Ásperos Tempos**; vol. II – **A Agonia da Noite**; vol. III – **A luz no Túnel**), São Paulo, Martins, 1954.
- **Gabriela, Cravo e Canela**, São Paulo, Martins, 1958.
- **A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água**, São Paulo, Martins, 1961.
- **Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso**, São Paulo, Martins, 1961.
- **Os pastores da Noite**, São Paulo, Martins, 1964.
- **Dona Flor e Seus Dois Maridos**, São Paulo, Martins, 1966.
- **Tenda dos Milagres**, São Paulo, Martins, 1969.
- **Tereza Batista Cansada de Guerra**, São Paulo, Martins, 1972.
- **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá**, Rio de Janeiro, Record, 1976.
- **Tieta do Agreste**, Rio de Janeiro, Record, 1977.
- **Farda Fardão Camisola de Dormir**, Rio de Janeiro, Record, 1979.
- **O Menino Grapiúna**, Rio de Janeiro, Record, 1981.
- **A Bola e o Goleiro**, Rio de Janeiro, Record, 1984.
- **Tocaia Grande: a Face Obscura**, Rio de Janeiro, Record, 1984.
- **O Sumiço da Santa**, Rio de Janeiro, Record, 1988.